



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LUIZ HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE

METÁFORAS CONCEPTUAIS NO DISCURSO DOCENTE:
REVELANDO PRÁTICAS

João Pessoa

2011

LUIZ HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE

**METÁFORAS CONCEPTUAIS NO DISCURSO DOCENTE:
REVELANDO PRÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Dra. Lucienne C. Espíndola

João Pessoa

2011

A553m Andrade, Luiz Henrique Santos de.
Metáforas conceituais no discurso docente: revelando
práticas / Luiz Henrique Santos de Andrade.- João Pessoa,
2011.
82f.
Orientadora: Lucienne C. Espíndola
Dissertação (Mestrado) – UFPB/PROLING
1. Linguística. 2. Metáfora conceptual. 3. Concepções de
linguagem. 4. Prática pedagógica. 5. Gênero discursivo aula.

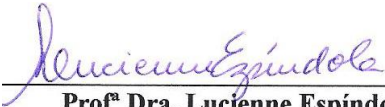
UFPB/BC

CDU: 801(043)

LUIZ HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE

Metáforas conceptuais no discurso docente: revelando práticas

BANCA

ORIENTADORA: 
Profª Dra. Lucienne Espíndola

EXAMINADORES


Profº Dr. Jan Edson Rogrigues Leite


Profª Dra. Joseli Maria da Silva

João Pessoa, 31 de Março 2011.

DEDICO:

A minha avó e a minha tia Carmelita (*in memoriam*), que, pela lembrança e saudade, permanecem presentes em minha vida.

A minha mãe, que sempre acreditou e investiu nos meus estudos.

AGRADEÇO:

À Prof^a Dr^a Lucienne Espíndola, orientadora e amiga, pela sua sabedoria e competência para orientar esta pesquisa. Pelo respeito, paciência e disponibilidade com os quais me encaminhou durante todo o processo de elaboração desta dissertação.

Aos Professores que aceitaram participar desta investigação e foram pedras angulares para a construção deste projeto.

A minha família, pelo carinho e compreensão constantes em minha vida.

A minha tia Tiquinha, por sempre ter me dado muitos estímulos para prosseguir na carreira profissional.

Ao meu companheiro Erivaldo, um grande incentivador, encorajando-me para a produção científica.

Aos meus amigos, Marcos Antônio e Ana Carolina, pelos momentos de profícuas discussões.

A todos os amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desta pesquisa. Em especial, a Ezequias, Jaqueline e Rodrigo, pelo incentivo e apoio dados.

Aos professores Jan Edson e Joseli Maria, pela gentileza e contribuições dadas para o aprimoramento desta pesquisa.

À CAPES, que me concedeu a bolsa parcial de um ano de pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

A Deus, por ter me dado força nos momentos mais difíceis.

A metáfora é primordialmente uma questão de pensamento e ação e somente secundariamente uma questão de linguagem.

(George Lakoff e Mark Johnson)

RESUMO

Neste trabalho é feita uma descrição das expressões linguísticas metafóricas e suas respectivas metáforas conceituais, recorrentes no gênero discursivo aula. A hipótese que norteia esta investigação é que as metáforas conceituais estão presentes no discurso dos professores de Língua Portuguesa através de manifestações linguísticas, que acabam revelando a concepção de linguagem que alicerça sua prática pedagógica. Para comprovar tal hipótese foram utilizados como referencial teórico duas teorias: A Teoria da Metáfora Conceptual e os Conceitos de Linguagem postulados pela Linguística. O *corpus* de nossa pesquisa é constituído de doze aulas de Língua Portuguesa, sendo seis gravadas no Ensino Fundamental e as outras seis no Ensino Médio, coletadas nos meses de setembro, outubro e novembro de 2009. Os resultados obtidos não só confirmaram a hipótese levantada, como apontaram que, por mais que os professores informantes digam que adotam a perspectiva de língua enquanto lugar de interação humana, na prática as aulas continuam sendo trabalhadas de maneira tradicional.

Palavras-chave: Metáfora Conceptual; Gênero Discursivo Aula; Concepções de Linguagem.

ABSTRACT

The present work aims to describe the metaphorical linguistic expressions and their conceptual metaphors, recurrent in the lesson discursive genre. The hypothesis that guides this research is that the conceptual metaphors are present in the speech of Portuguese Language teachers through the linguistic expressions, which reveal the language conception that supports their pedagogical practice. To prove this hypothesis we used as theoretical reference the following theories: The Theory of Conceptual Metaphor and Language Conceptions postulated by Linguistics. The *corpus* of our research consists of twelve lessons of Portuguese Language, six lessons were recorded in elementary school and the others in high school, during September, October and November in 2009. The results not only confirmed the hypothesis, as they pointed out that most teachers say that adopt the perspective of language as a place of human interaction, but we perceived that the lessons are still worked in a traditional way.

Key Words: Conceptual Metaphor; Lesson Discursive Genre; Language Conceptions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 BREVE PANORAMA DA TEORIA CONTEMPORÂNEA DA METÁFORA CONCEPTUAL	13
2.1 Visão Tradicional da Metáfora	13
2.2 A Teoria da Metáfora Conceptual	17
2.2.1 Metáfora do Canal (Conduit Metaphor)	27
2.3 Classificação da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980)	29
2.4 Revisão da Teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson, em 2003	37
2.5 Metáfora Primária	41
2.6 Metáfora X Metonímia	46
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	53
3.1 Considerações Metodológicas	53
3.2 Algumas noções sobre língua e concepções de linguagem	54
3.3 Levantamento e análise das expressões linguísticas metafóricas	59
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	82

1 INTRODUÇÃO

A metáfora foi estudada por muitos anos na tradição retórica como um ornamento linguístico, mas a partir dos estudos empreendidos por Lakoff e Johnson, em 1980, observamos que a metáfora passou a ser tratada como um recurso cognitivo. Levando em conta a Teoria da Metáfora Conceptual, defendida por Lakoff e Johnson (1980), acreditamos que a metáfora, além de ser utilizada por grandes escritores e poetas, está presente no discurso pedagógico, pois ela faz parte da nossa experiência humana e do nosso dia a dia.

Partindo do princípio de que as metáforas conceptuais estão presentes nos mais diversos gêneros discursivos, esta pesquisa fez o levantamento das expressões linguísticas metafóricas que atualizam metáforas conceptuais no gênero aula. Consideramos a aula como um gênero discursivo a partir da classificação proposta por Marcuschi (2008, p.194), que a insere como pertencendo ao domínio instrucional (científico).

Os pressupostos teóricos que nortearam nossa pesquisa, *a priori*, foram a Teoria da Metáfora Conceptual, estudada por Lakoff e Johnson (2002[1980]), Lakoff e Turner (1989), Kövecses (2002), Espíndola (2008), Barcelona (2003), a Hipótese da Metáfora Primária de Joseph Grady (1997) e Lima (2006). A Teoria da Metáfora Conceptual nos permitiu verificar quais são as expressões linguísticas metafóricas mais recorrentes no discurso docente assim como a metáfora conceptual que estava na base dessas expressões linguísticas.

Utilizamos também os pressupostos teóricos das Concepções de Linguagem, estudados por Geraldi (2000), Travaglia (2002), Koch (2006), Koch & Vanda (2006) e Antunes (2009), para verificar, a partir das expressões linguísticas metafóricas recorrentes, qual a concepção de linguagem que reflete o discurso docente.

Uma questão relevante fomentou nossa reflexão: a maneira pela qual o professor de Língua Portuguesa concebe a linguagem em sua prática pedagógica. Convém ressaltar que o modo como o professor concebe a linguagem reflete de maneira significativa a sua postura em sala de aula. Percebemos que, através da prática pedagógica dos professores informantes, depreendemos qual a concepção de linguagem que eles adotam e, na literatura, observamos três possibilidades distintas de se conceber a linguagem, para o ensino de língua materna.

A primeira concepção de linguagem, segundo Koch (2006), estabelece uma relação transparente e unívoca entre o pensamento e a linguagem, ou seja, a língua é vista como representação do pensamento e o sujeito é dono de sua verdade e de suas ações. De acordo com essa primeira concepção, as pessoas não se expressam bem porque elas não pensam. O texto é visto como um produto do pensamento do autor, bastando ao leitor/ouvinte “captar” essa representação mental. Deve-se ressaltar que nem as experiências e tampouco o conhecimento do leitor/ouvinte são levados em consideração nessa perspectiva.

A segunda concepção, de acordo com Koch (idem), vê a linguagem como instrumento de comunicação, e a língua é vista como um código. Como o uso do código é um ato social, que envolve pelo menos duas pessoas, é necessário que o código seja dominado pelos falantes para que a comunicação seja efetivada. O texto, nessa perspectiva, é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte. O sujeito é “assujeitado” pelo sistema e caracterizado por uma espécie de “não consciência”.

A terceira concepção, ainda conforme a autora (idem), vê a linguagem como um processo de interação. Ao usar a língua, nessa concepção, o sujeito realiza ações e atua sobre o interlocutor, diferentemente das concepções anteriores. O sujeito passa, então, a ser visto como ator/construtor social e os interlocutores se constroem e são construídos no texto. O texto, por sua vez, passa a ser considerado como o próprio lugar de interação. Tendo em vista que a língua é um lugar de interação constante, filiamo-nos a essa concepção de linguagem, pois é a que melhor representa o estudo da língua no contexto sócio-discursivo.

As concepções de linguagem supracitadas nos ajudaram a descrever e analisar algumas posturas adotadas pelo professor de Língua Portuguesa, uma vez que nossa hipótese é que as expressões linguísticas metafóricas mais recorrentes no discurso docente, atualizadoras de metáforas conceptuais, revelam sua prática pedagógica.

Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo fazer o levantamento das expressões linguísticas metafóricas utilizadas pelos professores de Língua Portuguesa, assim como identificar quais as metáforas conceptuais que estão na base dessas expressões linguísticas, descrevendo-as conforme a classificação proposta por Lakoff e Johnson de 1980.

O problema norteador de nossa pesquisa foi o seguinte: quais são os tipos de metáforas conceptuais licenciadas mais utilizadas pelos professores de Língua Portuguesa e quais são as concepções de linguagem reveladas através do uso das expressões linguísticas metafóricas no contexto da sala de aula?

O conhecimento e a descrição das expressões linguísticas metafóricas e das metáforas conceptuais, por conseguinte, foram importantes por dois motivos: primeiro porque ratificamos a desmistificação da metáfora como um recurso figurativo, que apenas serve para embelezar a fala e a escrita, tratando-a apenas como objeto de estudo quase que exclusivamente da Literatura; uma segunda justificativa é a contribuição científica que esta pesquisa trouxe em termos de conhecimento para o campo da Linguística, alimentando o Laboratório Semântico-Pragmático de Textos (LASPRAT), com novos dados a respeito da utilização das metáforas conceptuais em mais um gênero discursivo, uma vez que esta pesquisa está inserida em um projeto guarda-chuva, intitulado Metáforas, Gêneros Discursivos e Argumentação (MGDA)¹.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa é composto por doze aulas de Língua Portuguesa, sendo que seis delas foram gravadas com dois professores do Ensino Fundamental e as outras seis com um único professor do Ensino Médio. Convém ressaltar que a gravação das aulas foi realizada nos meses de setembro, outubro e novembro de 2009.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: uma introdução, que situa nossa pesquisa acerca do objeto de estudo, dos pressupostos teóricos utilizados, da hipótese levantada, e da justificativa; e duas seções, além das considerações finais e das referências.

A primeira seção começa apresentando a concepção aristotélica do termo metáfora, enquanto recurso figurativo. Depois, versamos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980), em que se observa uma virada cognitiva nos estudos da metáfora - apresentamos tanto a classificação de 1980 quanto a revisão feita por Lakoff e Johnson em 2003, assim como discorremos sobre a Hipótese da Metáfora Primária de Joseph Grady (1997). Por último, estabelecemos a diferença entre a metáfora e a metonímia, conforme os estudos feitos por Kövecses (2002) e Barcelona (2003).

¹ Projeto que está sob a coordenação da Profª Drª Lucienne C. Espíndola.

Na segunda seção, apresentamos as considerações metodológicas utilizadas para a coleta do *corpus*; discorremos um pouco a respeito de algumas noções sobre língua e concepções de linguagem; fizemos o levantamento das expressões linguísticas metafóricas recorrentes e identificamos as metáforas conceptuais que estão na base dessas expressões linguísticas; em seguida, classificamos essas expressões a partir da proposta de Lakoff e Johnson de 1980. Além disso, observamos qual a concepção de linguagem que melhor representa, a partir das manifestações linguísticas, a postura do professor no contexto de sala de aula.

Por fim, expomos nossas considerações finais acerca desta investigação - acreditando que poderão ser enriquecidas e ampliadas posteriormente - e as referências bibliográficas que subsidiaram este trabalho e que podem ajudar em futuras pesquisas sobre o tema aqui abordado.

2 BREVE PANORAMA DA TEORIA CONTEMPORÂNEA DA METÁFORA CONCEPTUAL

2.1 Visão Tradicional da metáfora

Comumente quando se fala em metáfora, a primeira ideia que nos vem à cabeça é aquela concepção antiga que está associada à noção aristotélica do verbete, ou seja, uma figura de linguagem que é usada fora do seu sentido mais usual. Ainda seguindo essa linha de raciocínio da acepção aristotélica, a metáfora caracteriza-se como uma questão da linguagem extraordinária, sendo usada quase que exclusivamente por poetas e escritores consagrados.

A visão tradicional da gramática mostra a metáfora como um ornamento linguístico, uma vez que esta pode servir para embelezar a fala e a escrita. Estudada tanto na poética quanto na retórica, tratava-se de um recurso figurativo utilizado por poetas e escritores para expressar sentimentos e também como um traço peculiar que ajudava a traçar e definir o estilo do escritor (SARDINHA, 2007, p. 61).

No dicionário da língua portuguesa *Novo Aurélio Século XXI* (1999), ainda se encontra uma concepção aristotélica no verbete metáfora. O dicionário a define como “tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado; translação” (FERREIRA, 1999, p. 1326).

A primeira noção de metáfora foi postulada por Aristóteles, no século IV a.C., em seu livro intitulado *Arte poética*. Nele encontramos a concepção mais antiga desta palavra. A metáfora seria “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via da analogia” (ARISTÓTELES, 2002, p.182).

Nas gramáticas, dicionários e enciclopédias, a metáfora tende a ser ilustrada com exemplos de textos e escritores consagrados. Isso é consistente com a visão de que essa figura é um recurso de estilo, de ornamento, que serve a tipos de expressão culturalmente prestigiados. A definição de metáfora como recurso figurativo em si já diz que metáfora, nessa visão, é um recurso para ornamentar, embelezar a linguagem. (SARDINHA, 2007, p.22)

A metáfora também era considerada um desvio da linguagem usual/cotidiana e própria das linguagens especiais, como a poética e a persuasiva. A partir desse período foi estabelecida a dicotomia clássica entre linguagem cotidiana e linguagem literária. A linguagem cotidiana era caracterizada como a linguagem utilizada em seu sentido comum/literal, ou seja, de forma denotativa, e que podia ser observada em textos informativos, jornalísticos e científicos, ao passo que a linguagem literária era caracterizada como plurissignificativa, sendo utilizada muitas vezes com um sentido diferente do que lhe era comum, ou seja, era empregada de forma conotativa e podia ser percebida em textos como o poema, o conto, o romance e a novela.

O sentido comum/literal, segundo a tradição objetivista, é a linguagem capaz de “se enquadrar ao mundo”, ou seja, capaz de se referir diretamente a objetos existentes ou de ser objetivamente falsa ou verdadeira. Também é caracterizada como a linguagem ordinária convencional que se contrapõe à linguagem poética (VEREZA, 2007, p. 27).

Vereza (2007), em seu livro intitulado *Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem*, demonstra que a definição do termo sentido literal é algo bastante polêmico, uma vez que há poucas menções explícitas, tanto no âmbito da linguística assim como na filosofia da linguagem.

As consequências teóricas diante da falta de explicitação são bastante significativas, de acordo com Lakoff, sobretudo no que diz respeito à discussão sobre a metáfora, noção que vem se opor ao sentido literal. Portanto, Lakoff propõe o uso exclusivo do termo sentido literal como “linguagem diretamente significativa que não precisa ser entendida, nem mesmo parcialmente, em termos de alguma outra coisa”, haja vista que evitaríamos as confusões teóricas referentes a essa noção (apud VEREZA, 2007, p. 28).

Os princípios que norteavam a visão literal da linguagem, segundo Lakoff e Johnson (1999), eram quatro. O primeiro princípio estava associado à concepção de mente independente do mundo, em que comunicar o mundo era fazer uso de fórmulas lógicas e silogismos de forma objetiva e inquestionável.

O segundo princípio dizia respeito ao uso “desviante” das palavras, uma vez que as palavras em seus usos desviantes não se aplicavam às coisas de forma apropriada. O terceiro princípio postulava que o sentido literal era o único existente para as expressões linguísticas, ao passo que o quarto princípio e último estava associado à utilização de

uma coisa para designar outra por ter sua motivação na semelhança entre elas (apud FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p. 20-23).

Percebe-se que esses princípios acima apresentados foram a base de muitos estudos relacionados à figuratividade da linguagem. Aristóteles acreditava que o aspecto não figurado da linguagem e a capacidade de estabelecer semelhanças eram a maneira mais apropriada para se chegar à essência das coisas. No entanto, com os trabalhos posteriores de Lakoff e Johnson (1980), constata-se que as questões referentes ao pensamento metafórico foram trazidas para a Linguística Cognitiva.

Normalmente, quando se fala em sentido literal, faz-se de imediato a associação com o sentido objetivo, ou seja, as pessoas podem falar de maneira objetiva, desde que elas se utilizem de uma linguagem que seja clara, precisa, direta, sem ambiguidade e que corresponda também à realidade. Ser objetivo, conforme o objetivismo, é ser racional, ao passo que ser subjetivo é ser irracional (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 296-297).

O objetivismo, alicerce da tradição filosófica ocidental, por sua vez, proclamava a razão como o único meio de o homem perceber a realidade e a única fonte de conhecimento; portanto, quando se pretendia falar objetivamente, a metáfora e outras linguagens figuradas não deveriam ser utilizadas e, assim, diferenciáramos o que era literal do que era metafórico (ESPÍNDOLA; MENDES, 2006, p. 107).

O mito da objetividade floresceu tanto na tradição racionalista quanto na tradição empirista que, a esse respeito, diferem apenas em suas explicações de como chegamos a tais verdades absolutas. Para os racionalistas, apenas nossa capacidade inata de raciocinar pode dar-nos o conhecimento das coisas como elas realmente são. Para os empiristas, todo o nosso conhecimento de mundo surge de nossas percepções sensoriais e é construído a partir de sensações. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 305)

Ainda segundo a tradição objetivista, o sentido, além de ser objetivo e descorporificado, é também independente da compreensão humana. O sentido passa a ser então caracterizado em termos de condições de verdade ou falsidade. Uma pessoa só pode compreender o sentido objetivo de uma frase se compreender as condições sob as quais ela é verdadeira ou falsa.

Todas essas noções objetivistas, que estão disseminadas na tradição filosófica ocidental, se opõem à visão da metáfora na concepção conceptual, uma vez que ela, tradicionalmente, tem sido vista como algo que subverte a busca da verdade absoluta.

Lakoff e Johnson, na edição revisitada de 2003, demonstram que existem quatro grandes barreiras históricas para a compreensão da natureza do pensamento metafórico, implicando dessa maneira quatro visões distorcidas da metáfora, as quais são denominadas falácias.

A primeira falácia consiste em afirmar que a metáfora é uma questão de palavras e não de conceitos. A segunda falácia se configura em dizer que a metáfora é baseada em analogias/similaridades. A terceira é que todos os conceitos são literais e que nenhum conceito pode ser metafórico, e a quarta e última falácia nos assevera que o pensamento racional não é de forma alguma estruturado pela natureza dos nossos cérebros e corpos. Os estudos realizados posteriormente demonstram que essas quatro visões acima podem ser consideradas distorcidas (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 244).

Primeiramente, porque o cerne da metáfora é o conceito e não as palavras. Em segundo lugar, a metáfora de forma geral não é baseada em analogias/similaridades, ela é baseada em correlações de domínios entrecruzados nas nossas experiências, que ocasionam semelhanças percebidas entre dois domínios dentro da metáfora. Em terceiro lugar, mesmo os nossos conceitos mais profundos e permanentes como tempo, acontecimentos e moralidade são compreendidos e fundamentados através de várias metáforas. Em quarto lugar, o sistema da metáfora conceptual não é arbitrário, ele é estruturado de forma significativa pela natureza comum dos nossos corpos (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 244-245).

Essas falácias, segundo Lakoff e Johnson (2003), são antigas e difíceis de serem suprimidas, pois elas permeiam a nossa cultura ocidental há mais de dois mil anos. O fato de elas serem incongruentes não é um problema pequeno, até porque percebemos suas implicações em todos os aspectos de nossas vidas, meio ambiente, saúde, questões sociais e políticas.

Para exemplificar como as metáforas permeiam alguns aspectos de nossa vida, Kövecses (2002), em seu livro intitulado *Metaphor: a practical introduction*, demonstra como a política é, de uma forma geral, repleta de metáforas conceptuais.²

² O conceito de metáfora conceptual será discutido mais à frente.

Na política americana, por exemplo, algumas ideias políticas podem ser estruturadas pelas seguintes metáforas: POLITICA É GUERRA; POLÍTICA É NEGÓCIO; e ELEIÇÃO PRESIDENCIAL É UMA CORRIDA. Para exemplificar a metáfora POLÍTICA É UMA GUERRA, observamos que a sociedade americana pode ser vista como composta por exércitos que correspondem aos grupos políticos; os líderes dos exércitos correspondem aos líderes políticos; as armas usadas pelo exército são as ideias e as políticas dos grupos políticos; o objetivo da guerra é uma estratégia política, e assim por diante.

Ao contrário da visão tradicional, que trata a metáfora como uma mera questão da linguagem extraordinária, percebe-se que, após os estudos realizados por Lakoff e Johnson, em 1980, aconteceu uma marcante mudança paradigmática, e a metáfora passou, então, a ser tratada em uma nova perspectiva, refletindo diretamente na forma como nós compreendemos nossas atividades cotidianas.

2.2 A Teoria da Metáfora Conceptual

Nesta subseção, discutimos a relevância dos estudos realizados por Lakoff e Johnson, demonstrando como sua obra marcou de maneira significativa os estudos em torno da metáfora conceptual. Dessa forma, utilizamos tanto a versão em português, intitulada *Metáforas da vida cotidiana*, de George Lakoff e Mark Johnson (2002 [1980]) - Coordenação da tradução de Mara Sophia Zanotto - assim como a edição revisada de 2003 sob o título *Metaphors we live by*.

Com a publicação da obra *Metaphors we live by*, em 1980, Lakoff e Johnson provocaram uma revolução nas pesquisas sobre a metáfora. Eles passaram a considerar a metáfora não mais como um fenômeno puramente linguístico, e afirmam que ela faz parte da experiência cotidiana e do fluxo da imaginação simbólica. Nessa nova perspectiva, a metáfora deixa de ser vista apenas como uma simples figura de retórica, para ser encarada, de fato, como uma operação cognitiva fundamental.

It is crucial to recognize that questions about the nature of meaning, conceptualization, reasoning, and language are questions requiring empirical study; they cannot be answered adequately by mere a priori philosophizing. The nature of metaphor also is not a matter of

definition; it is a question of the nature of cognition.³ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 246)

É inegável que a obra de Lakoff e Johnson foi um divisor de águas nos estudos relacionados à metáfora de uma forma geral. Observa-se uma virada cognitiva, uma vez que a metáfora é trazida para o centro da Linguística Cognitiva, deixando de ser focalizada como uma simples figura de retórica.

Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45)

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), nosso sistema conceptual não é algo de que geralmente temos plena consciência. Na maioria das pequenas coisas que fazemos/executamos no nosso cotidiano, podemos constatar que nós simplesmente pensamos e agimos de forma quase automatizada. A interação é baseada no mesmo sistema conceptual que nós usamos quando estamos pensando e agindo; a linguagem é, portanto, uma fonte de comprovação importante de como funciona esse sistema.

Como nosso sistema conceptual é de natureza metafórica, iniciaremos demonstrando algumas atualizações da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, para ilustrar como essas metáforas estão presentes nos mais diversos contextos em que nos encontramos.

A metáfora DISCUSSÃO É GUERRA subjaz algumas expressões linguísticas metafóricas tais como: ‘Pedro *derrubou* todos os meus argumentos’, ‘Jamais *ganhei* uma discussão com Pedro’ e ‘Pedro *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação’. Percebe-se, através dessas atualizações, que podemos ganhar ou perder uma discussão, planejamos, usamos estratégias, atacamos ou defendemos nossas ideias, ganhamos e perdemos terrenos.

É evidente que não se trata de um confronto físico, o que existe é uma batalha verbal que se reflete na estrutura de uma discussão. Afirma-se dessa maneira que *discussão* é estruturada parcialmente em termos de *guerra*, mas devemos salientar que

³ É crucial reconhecer que as questões sobre a natureza do significado, conceptualização, raciocínio, e linguagem são questões que exigem estudos empíricos; não podem ser respondidas adequadamente *a priori* filosofando. A natureza da metáfora também não é uma questão de definição; é uma questão da natureza da cognição. (Tradução nossa)

discussão e *guerra* são coisas completamente distintas. Só é possível compreendermos a discussão em termos de guerra, porque alguns elementos do domínio fonte são mapeados ao domínio alvo de forma parcial, pois se todos os elementos de um domínio fossem mapeados para o outro, discussão seria guerra e não seria compreendida uma em termos de outra.

A estrutura da metáfora é basicamente binária, ou seja, composta por um domínio alvo e por um domínio fonte. O domínio alvo configura-se pelo conceito abstrato, que está sendo definido no exemplo acima, discussão; ao passo que o domínio fonte caracteriza-se pelo conceito concreto, guerra. Portanto, para compreendermos uma metáfora conceptual, frequentemente, fazemos o mapeamento de alguns elementos do domínio fonte (mais concreto) para o domínio alvo (mais abstrato).

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 48), “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Só se consegue compreender a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, porque conseguimos tratar e experienciar a discussão em termos de guerra.

Conforme o que foi recorrido acima, as expressões linguísticas metafóricas que normalmente são usadas em nossa língua estão associadas a conceitos metafóricos⁴ de uma maneira sistemática e pode(re)mos usar essas expressões linguísticas metafóricas para estudar e investigar a natureza dos conceitos metafóricos, permitindo, assim, compreender melhor como conceptualizamos nossas atividades corriqueiras.

Algumas expressões linguísticas de natureza metafórica que permeiam nossas atividades cotidianas refletem a forma como o tempo é conceptualizado em nossa cultura ocidental. Aqui estão algumas expressões linguísticas que atualizam a metáfora TEMPO É DINHEIRO: ‘Não *tenho* tempo a *perder* com isso’, ‘Pedro está *desperdiçando* o tempo dele’, ‘Tenho *investido* muito tempo nos estudos’, ‘Você precisa *gerenciar* melhor seu tempo’.

Essas expressões linguísticas ilustram bem a forma como nós compreendemos e estruturamos o tempo em nossa cultura. O trabalho, por exemplo, está associado ao fator tempo, ou seja, as pessoas trabalham determinadas horas para receber uma quantia “x”. Pode-se observar que a maioria das atividades que fazemos no nosso dia a dia está atrelada ao tempo, ou seja, tudo isso é fruto do processo de industrialização que a nossa

⁴ Deve-se entender conceito metafórico como metáfora conceptual daqui por diante.

sociedade moderna sofreu ao longo dos anos (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 51).

A partir da metáfora TEMPO É DINHEIRO, observa-se uma relação de implicação com outras metáforas, tais como: TEMPO É UM RECURSO LIMITADO e TEMPO É UM BEM VALIOSO, formando, assim, um sistema conceptual coerente como um todo. TEMPO É DINHEIRO implica TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, que implica TEMPO É UM BEM VALIOSO. Em nossa sociedade, o dinheiro é um recurso limitado e recursos limitados são bens preciosos, logo concebemos o tempo de acordo com o modo como ele é visto em nossa cultura (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980], p. 52).

É bom deixarmos claro, nesta seção, a diferença que existe entre a metáfora conceptual e a expressão linguística metafórica. Dizemos que a metáfora conceptual é a conceitualização de alguma coisa em termos de outra, por exemplo, TEMPO É DINHEIRO. A metáfora exemplificada fornece um conceito de tempo e esse conceito, por sua vez, é metafórico. Já a expressão linguística metafórica é a manifestação linguístico-discursiva de uma metáfora conceptual. ‘Você está me fazendo *perder* tempo com isso’, ‘Isso *vale* a pena?’, e ‘Tenho *investido* muito tempo nela’ tratam-se de expressões linguísticas metafóricas que atualizam a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO.

Charles Fillmore observa que, na Língua Inglesa, é possível organizar o tempo de duas formas aparentemente contraditórias. Na primeira, o futuro está na frente e o passado, atrás (apud LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 99).

⇒ *Nas próximas semanas ela estará indo para a Inglaterra.* (In the weeks ahead she will be going to England) – futuro

⇒ *Tudo isto ficou para trás agora.* (That’s all behind us now) – passado

Ao passo que na segunda forma, o futuro está atrás e o passado, na frente:

⇒ *Nas semanas seguintes estarei começando as minhas aulas de direção.*⁵ (In the following weeks I will be starting my driving lessons) – futuro

⁵ A noção de *futuro estar atrás* e *passado estar na frente* está contida no sentido primeiro de seguir, ou seja, *ir atrás de*; acontecendo o mesmo com preceder, uma vez que seu primeiro sentido é *ir adiante de*.

⇒ *Nas semanas precedentes ele tinha passado as férias nos EUA.* (In the preceding weeks he had been on vacation in the USA) – passado

A partir desses exemplos, pode-se perceber que existem formas diferentes de conceber a organização metafórica do tempo. Essas metáforas também podem se misturar sem causar nenhum dano, ou mal entendido, como em:

⇒ *Estamos olhando para frente em direção às semanas seguintes./ Estamos antevendo as semanas seguintes.* (We're looking ahead to the following weeks)

No exemplo supracitado, a expressão *para frente* organiza o futuro como estando na frente, ao passo que o termo *seguinte* o organiza como estando atrás. Para apreender a coerência da organização do tempo, deve-se considerar alguns fatos concernentes à organização frente-trás. É importante destacar que algumas coisas, como pessoas e carros, possuem partes da frente e de trás, outras, no entanto, como as pedras, não possuem.

A pedra, por exemplo, pode receber uma organização frente-trás, em determinadas circunstâncias. Numa situação em que se está olhando para uma pedra de tamanho médio e há uma bola entre alguém e a pedra, seria adequado dizer que “A bola está na frente da pedra”. A pedra recebeu uma orientação frente-trás, como se tivesse uma frente voltada para esse alguém. Entretanto, isso não é universal, uma vez que existem línguas como o Hausa em que a pedra receberia a orientação contrária e seria possível dizer que a bola está atrás da pedra, se estivesse entre alguém e a pedra (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 100-101).

O tempo também pode ser estruturado em termos da metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO e o futuro ser concebido como algo que se move em nossa direção. Algumas atualizações metafóricas que ilustram essa metáfora são:

⇒ *O tempo virá quando...*

⇒ *Já havia passado muito tempo quando João apareceu.*

⇒ *O tempo para agir chegou.*

⇒ *Aproximando-se da semana que vem.*

⇒ *Não vejo a hora que chegue o Natal.*

⇒ *Temos uma grande oportunidade diante de nós e não queremos deixá-la passar.*

Pode-se observar que, na metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO, o tempo recebe uma orientação frente-trás de acordo com a direção do movimento, da mesma maneira que qualquer objeto o receberia, e o futuro está voltado para nós na medida em que se move em nossa direção. Também se percebe que as expressões linguísticas como *a nossa frente*, *eu olho para frente* e *em frente de nós* orientam tempos em relação a pessoas.

Conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), existe outra maneira pela qual conceptualizamos a passagem do tempo em que estamos nos movendo, mas o tempo permanece parado. Aqui estão algumas atualizações desse caso:

TEMPO É UM OBJETO IMÓVEL E NÓS NOS MOVEMOS ATRAVÉS DELE

⇒ Ao avançarmos através dos anos...

⇒ Na medida em que avançamos nos anos oitenta.

⇒ Estamos nos aproximando do fim do ano.

A partir dos exemplos, percebe-se que existem dois subcasos da metáfora TEMPO PASSA POR NÓS: em um caso, estamos nos movendo e o tempo permanece parado; no outro, o tempo está se movendo e permanecemos parados. O que há de comum é o movimento em nossa direção, com o futuro na frente e o passado atrás.

É sabido que os conceitos metafóricos são estruturados de forma sistemática, como, por exemplo, a metáfora TEORIA SÃO CONSTRUÇÕES, em que é possível usar expressões (construir, alicerce) do domínio fonte (CONSTRUÇÃO) para falar de conceitos correspondentes no domínio alvo (TEORIAS), que é definido metaforicamente.

Observa-se que na metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES existe uma parte que usamos, como o alicerce e a parte externa, e uma parte que não se usa, como os cômodos e as escadas. Os termos *construir* e *alicerce* são exemplos da parte que se usa do conceito metafórico e pertencem à nossa maneira ordinária e literal de falar das teorias.

Mas o que se pode dizer a respeito das expressões linguísticas que refletem a parte não “usada” da metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES? Exemplos como:

⇒ *A teoria dele tem milhares de quatinhos e corredores compridos e tortuosos.*

⇒ *Ele prefere pesadas teorias góticas cobertas por gárgulas.*

⇒ *Teorias complexas normalmente apresentam problemas de encanamento.*

Essas frases citadas, de acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), estão fora do domínio da linguagem literal normal e são parte do que se denomina de linguagem “figurada” ou “imaginativa”, pois elas não são usadas para estruturar parte do nosso sistema conceptual usual, uma vez que se situa fora da parte “usada” do conceito metafórico que estrutura nosso sistema conceptual. Já a expressão literal ‘Ele construiu uma teoria’ e a expressão imaginativa ‘Sua teoria reveste-se de gárgulas’ podem ser exemplos da metáfora geral TEORIA SÃO CONSTRUÇÕES.

De acordo com Lakoff e Turner (1989), o conceito teórico de significado literal depende da noção prévia de autonomia semântica, ou seja, uma expressão em uma língua é semanticamente autônoma, se ela for completamente significativa em seus próprios termos. Existem duas variantes da noção de autonomia semântica: a autonomia conceptual e a não conceptual.

A autonomia conceptual admite que existem conceitos e que as palavras e as frases em uma língua expressam conceitos. Os conceitos, por sua vez, são de natureza cognitiva, eles fazem parte da cognição humana. Palavras e frases são significativas somente através dos conceitos que elas expressam e os conceitos são semanticamente autônomos, se forem completamente significativos em seus próprios termos. Nessa visão, uma expressão de uma língua é semanticamente autônoma se o conceito que ela expressa é semanticamente autônomo.

Já a autonomia não conceptual, segundo Lakoff e Turner (1989), presume que não existem coisas tais como conceitos, ou que os conceitos não desempenham qualquer papel no sentido de caracterizar. Admite-se que as palavras e as frases em uma língua obtêm seu significado através do que elas designam no mundo, não pela cognição humana. Nessa visão, o significado reside na relação entre as palavras e o mundo, que é independente da cognição humana. A teoria geral do significado literal é neutra em relação a essas duas variantes.

The Literal Meaning Theory is about language, not concepts. In particular, it is about ordinary, conventional language. The general thrust of the theory is to claim that all ordinary, conventional language (called “literal language”) is semantically autonomous, that it forms the basis for metaphor, and that metaphor stands outside of it.⁶ (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 114)

De acordo com a teoria do significado literal, se uma expressão de uma língua é (1) convencional e ordinária, então ela é também (2) semanticamente autônoma e (3) capaz de fazer referência à realidade objetiva. Conforme Lakoff e Turner (1989), a realidade objetiva é levada a ter uma existência independente de qualquer compreensão humana. Consequentemente, declarações feitas na linguagem convencional e ordinária são capazes de serem objetivamente verdadeiras ou falsas.

O termo literal, dentro da Teoria do Significado Literal, é considerado a partir daquelas expressões de uma língua que atendem às condições 1, 2 e 3, citadas no parágrafo anterior. Observa-se que a linguagem convencional e ordinária é chamada “linguagem literal” e presume-se satisfazer as condições 2 e 3.

Existem algumas expressões metafóricas idiossincráticas⁷, *pé* da montanha, *cabeça* de repolho e *perna* da mesa, que ficam isoladas e não são usadas de maneira sistemática na linguagem e tampouco no pensamento. Percebe-se que essas expressões são exemplos isolados de conceitos metafóricos (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 123).

No caso do *pé* da montanha, há apenas uma parte usada da metáfora MONTANHA É UMA PESSOA, pois normalmente não se fala de *cabeça*, *ombro* ou *tronco* da montanha, muito embora, em outras situações especiais seja possível construir novas expressões metafóricas baseadas nas partes não usadas. Em outras situações, há outros aspectos da metáfora MONTANHA É UMA PESSOA que permitem a alpinistas falarem os *ombros* da montanha (parte próxima ao topo), e ainda, *conquistar*, *lutar* e até, *ser morto pela montanha*.

⁶ A Teoria do Significado Literal diz respeito à linguagem, e não a conceitos. Em particular, ela é sobre a linguagem convencional e ordinária. As linhas gerais da teoria é a afirmação de que toda a linguagem convencional e ordinária (chamada linguagem literal) é semanticamente autônoma, que constitui a base para a metáfora, e que a metáfora está fora dela.

⁷ Expressões que não são usadas de maneira sistemática na linguagem cotidiana.

Mas metáforas, como MONTANHA É UMA PESSOA, marginais na nossa cultura e na nossa língua, constituem problema, porque sua parte usada pode consistir em uma única expressão convencionalmente fixa na língua, e elas não interagem sistematicamente com outros conceitos metafóricos porque muito pouco delas é usado. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 124)

Por não interagirem com outras metáforas e não desempenharem papel importante em nosso sistema conceptual, exemplos como a *perna* da mesa, são consideradas metáforas “mortas”. De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), elas apresentam alguns lampejos de vida, e são compreendidas, em parte, em termos de conceitos metafóricos marginais como na metáfora MONTANHA É UMA PESSOA.

Ao contrário das metáforas mortas, que não possuem sistematicidade e tampouco permeiam nossas atividades cotidianas, há algumas expressões linguísticas, atualizadoras de metáforas conceptuais que são usadas diariamente de forma natural e sem esforço. Segundo Kövecses (2002), essas expressões usadas para se falar de conceitos, como discussão, amor, organizações sociais, vida etc., são altamente convencionalizadas.

Deve-se levar em consideração que o termo “convencional” está sendo utilizado aqui (tanto na linguística quanto na filosofia da linguagem) no sentido de bem enraizado e bem estabelecido. Diante disso, pode-se afirmar que as expressões linguísticas metafóricas são altamente convencionais ou convencionalizadas no uso de uma comunidade linguística, de acordo com Kövecses (2002). É importante destacar que a questão relacionada à convencionalidade diz respeito tanto às manifestações linguísticas como a suas respectivas metáforas conceptuais. Considerando as metáforas abaixo:

DISCUSSÃO É GUERRA: *Defendi* meu argumento

AMOR É UMA VIAGEM: Teremos de simplesmente *seguir caminhos separados*.

TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES: Nós temos de *construir* uma nova teoria.

IDEIAS SÃO ALIMENTOS: Não consigo *digerir* todos esses fatos.

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS SÃO PLANTAS: A empresa está *crescendo rápido*.

Observa-se que as expressões linguísticas metafóricas, dadas como ilustração de metáforas conceptuais, são altamente convencionalizadas, e elas também são bem difundidas no nosso dia a dia. A maioria das pessoas não percebe que se utiliza de

metáforas quando usa termos como “defender” com relação à discussão, “construir” com relação a teorias, “seguir caminhos separados” com relação ao amor, “crescer” com relação à empresa, “digerir” com relação a ideias (KÖVECSES, 2002, p. 30).

Percebe-se que, para os falantes, essas são algumas das formas mais simples e naturais para se falar sobre esses assuntos. De acordo com Kövecses (2002), algumas metáforas conceptuais convencionais, tais como DISCUSSÃO É GUERRA, AMOR É UMA VIAGEM, TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES etc., são formas profundamente arraigadas de pensar e entender um conceito abstrato, enquanto que as expressões linguísticas metafóricas convencionais são bastante usadas no nosso cotidiano, ou seja, são maneiras de falar sobre os domínios abstratos.

Segundo Lakoff e Turner (1989), as metáforas convencionais mapeiam conceitos convencionais de um domínio (ex.: viagem, noite) sobre conceitos convencionais de um domínio completamente diferente (ex.: vida, morte). Assim, pelo menos alguns aspectos de muitos conceitos convencionais são compreendidos através da metáfora.

Considerando o conceito de cão, pode-se observar que alguns aspectos desse conceito são compreendidos sem metáfora. Por exemplo, as características físicas, como as pernas de um cão, nariz e cauda são convencionalmente entendidos sem metáfora, ou seja, sem a referência de um domínio conceptual completamente diferente.

Dessa maneira, a cauda de um cão pode ser convencionalmente entendida de forma não metafórica, muito embora, se possa entendê-la através de uma nova metáfora de imagem como um sinalizador com que o cão acena. Por outro lado, pelo menos um aspecto do conceito convencional de um cão é entendido através da metáfora, ou seja, a fidelidade de um cão, que é entendido em termos de um traço de caráter humano (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 112).

É importante destacar que existem algumas expressões na Língua Portuguesa, como ‘peguei o sentido’, ‘saquei o significado’, ‘a palavra é transparente’ e ‘não estou vendo sentido no que você diz’, que são responsáveis por grande parte daquilo que se pensa e se fala sobre comunicação. Essas manifestações linguísticas são atualizadoras da metáfora do canal, que será discutida de forma mais detalhada na subseção seguinte.

2.2.1 Metáfora do Canal (Conduit Metaphor)

Michael Reddy (1979) observa que a maneira pela qual nos utilizamos para falar sobre a linguagem é estruturada pelo que se denominou “metáfora do canal” (conduit metaphor). “O falante coloca ideias dentro de palavras e as envia para um ouvinte que retira as idéias-objetos das palavras-recipientes” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 54).

Reddy elencou, em seu trabalho de 1979, mais de cem tipos de expressões em Língua Inglesa, que representam muitas das expressões usadas para falar sobre a linguagem. A seguir estão algumas metáforas do canal e as respectivas expressões linguísticas atualizadoras: IDEIAS SÃO OBJETOS, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e COMUNICAR É ENVIAR; Eu lhe *dei* aquela ideia; O significado está bem ali *nas* palavras; Suas desculpas *chegaram* até nós.

Conforme se pode constatar, a metáfora do canal se adapta perfeitamente ao mito do objetivismo, em que as expressões linguísticas são objetos com propriedades inerentes, e a língua deve ser estudada e analisada em e por si mesma, independentemente do contexto. Dessa forma, pode-se afirmar que, tanto para a linguística como para a filosofia objetivista, os sentidos e as expressões linguísticas são objetos com existência independente, uma vez que os sentidos estão ali mesmo nas palavras (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 316-317).

O que parece ser, à primeira vista, simplesmente uma forma concreta, e até engraçada, de falar da comunicação, revela-se, na argumentação de Reddy, uma forma capciosa e nociva de se pensar a comunicação. Ou seja, a metáfora do canal revela a crença de que a comunicação é um *tête-à-tête* ideal: uma comunicação com sucesso garantido [...]. Em outras palavras, a metáfora do canal é uma “forma congelada de pensar” (Mey 1994) automatizada, segundo a qual as pessoas pensam e interagem, sem ter noção dela, ou seja, ela constrói um quadro ilusório da comunicação. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 16)

Se observarmos as implicações da metáfora do canal, veremos que essa metáfora revela a crença de que a comunicação é uma conversa ideal, ou seja, a comunicação se estabelece de forma garantida, com êxito total e sem ruídos, em que o ouvinte ou leitor simplesmente pega o significado que está nas palavras e o coloca em sua cabeça. Na verdade, é um engano pensar que nós nos comunicamos de forma clara e unívoca, sem

levar em consideração as nossas experiências e os nossos conhecimentos de mundo para a construção do sentido.

Entretanto, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) deram um tratamento diferenciado à metáfora do canal, evidenciando as metáforas conceptuais que estavam subjacentes às expressões linguísticas metafóricas. Constatou-se que a metáfora do canal, estudada e sistematizada através de rigorosas análises linguísticas por Michael Reddy (1979), serviu como base/alicerce, além ter sido uma mola propulsora, para os estudos que Lakoff e Johnson empreenderam posteriormente.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) demonstram que os enunciados analisados são manifestações linguísticas da metáfora conceptual, e passam a considerar a metáfora do canal como uma metáfora complexa, ou seja, como uma rede de metáforas conceptuais que são licenciadas em enunciados, como os exemplos abaixo:

MENTE É UM RECIPIENTE

- ⇒ Não consigo *tirar* essa música da cabeça.
- ⇒ Sua cabeça *está recheada* de ideias interessantes.

IDEIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS

- ⇒ Quem te *deu* essa ideia?
- ⇒ Não consegui *achar* essa ideia em nenhum lugar do texto.

PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES

- ⇒ Não consigo *pôr* minhas ideias *em* palavras.
- ⇒ O significado é o que *está nas palavras*, bem aí.

COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE

- ⇒ Vou tentar *passar* o que tenho na cabeça.
- ⇒ Eu lhe *dei* essa ideia.

COMPREENDER É PEGAR (OU VER)

- ⇒ *Peguei* o que você quis dizer.
- ⇒ Você pode *ver* ideias coerentes nesse trabalho?

Em 1993, o trabalho desenvolvido por Reddy obteve seu devido reconhecimento por Lakoff, pois este percebeu que os estudos realizados sobre a metáfora do canal desmistificaram de uma vez por todas a visão tradicional da metáfora como um recurso figurativo que pertencia às linguagens especiais, como a poética e a retórica, pois a metáfora passou a ser tratada como um recurso cognitivo e que está disseminado até na forma como concebemos a comunicação.

Todavia Lakoff e Johnson avançaram em relação a Michael Reddy, pois, segundo eles, “a metáfora do canal não é simplesmente uma forma de falar sobre a comunicação, mas uma forma de pensar e agir quando nos comunicamos”, revelando assim que nossa linguagem é reflexo de um imenso sistema conceptual metafórico (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 19).

2.3 Classificação da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980)

A seguir, discorreremos sobre a classificação da metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson em 1980: as orientacionais, as ontológicas e as estruturais. Utilizando exemplos cristalizados na literatura da metáfora conceptual, ilustraremos como essas metáforas estão presentes no nosso dia a dia através de manifestações linguístico-discursivas.

As metáforas **orientacionais**, conforme a classificação proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro, uma vez que a maioria dessas metáforas tem a ver com a orientação espacial do tipo: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, fundo – raso, e assim por diante. Essas orientações espaciais são reflexos do fato de possuímos um corpo e da maneira pela qual esse corpo funciona no ambiente físico em que vivemos.

Essas orientações metafóricas, além de terem uma base em nossa experiência física, também possuem uma base cultural. As combinações binárias opostas, dentro-fora, central-periférico e para cima-para baixo, são físicas em sua natureza, mas as metáforas orientacionais baseadas nessas oposições podem variar de uma cultura para outra (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 60).

Algumas metáforas de espacialização foram estudadas exhaustivamente pelo pesquisador William Nagy em 1974 e, por motivos meramente convencionais, as metáforas conceptuais foram grafadas em caixa-alta.

FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO

- ⇒ Pedro está se sentindo *para cima* hoje.
- ⇒ A entrada de Pedro no mercado de trabalho *levantou* seu moral.
- ⇒ Maria está mesmo *para baixo* esses dias.
- ⇒ Maria *caiu* em depressão.

CONTROLE É PARA CIMA; ESTAR SUJEITO A CONTROLE É PARA BAIXO

- ⇒ Pedro tem controle *sobre* Maria.
- ⇒ João está numa posição *superior*.
- ⇒ O poder de João *aumentou* na empresa.

SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA; DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO

- ⇒ Marcos está no *auge* da sua forma física.
- ⇒ Lázaro *levantou-se* dos mortos
- ⇒ A saúde de Maria está *declinando*.
- ⇒ A gripe *derrubou* Pedro.

Através desses exemplos, observa-se que as metáforas orientacionais podem estar enraizadas em nossas experiências físicas e, em muitos casos, são reflexos de nossa cultura, logo elas não são construídas/estruturadas de forma aleatória. Por exemplo, na metáfora FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, percebe-se que postura caída corresponde à tristeza e/ou depressão, já postura ereta está associada a um estado emocional positivo.

Nas manifestações linguísticas que atualizam as metáforas SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA e DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO, pode-se constatar que elas possuem uma base física. Diante dos exemplos supracitados, tamanho pode estar associado à força física, assim como posição hierárquica está correlacionada ao poder social. Percebe-se também que doenças graves comprometem/debilitam a nossa saúde e nos forçam a ficar deitados (numa posição horizontal), já um bom condicionamento está ligado à prática regular de exercícios físicos (na posição vertical).

Da mesma forma que as experiências básicas das orientações espaciais humanas dão origem a metáforas orientacionais, as nossas

experiências com objetos físicos (especialmente com nossos corpos) fornecem a base para uma variedade extremamente ampla de metáforas ontológicas, isto é, formas de se conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 76)

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a variedade de metáforas **ontológicas** que usamos com diferentes propósitos é muito grande. Assim como as metáforas orientacionais, a maior parte das expressões linguísticas metafóricas que atualizam as metáforas ontológicas não é percebida como veiculando uma metáfora. As metáforas ontológicas servem a uma variedade de objetivos, como referir-se, quantificar, identificar aspectos e causas, traçar objetivos, motivar ações, e assim por diante.

A seguir, ilustramos as formas como essas metáforas ontológicas são manifestadas em expressões linguísticas, a partir da metáfora MENTE É UMA ENTIDADE, que circunda/permeia a nossa cultura.

MENTE É UMA MÁQUINA

⇒ A mente de Maria não está *funcionando* hoje.

⇒ Pedro está *remoendo* a solução para aquela equação.

MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO

⇒ O ego de Pedro é muito *frágil*.

⇒ A mente de Maria *pifou*.

A partir dos exemplos dados, percebe-se que essas metáforas apontam para diferentes tipos de objetos e nos revelam modelos metafóricos díspares do que é a mente, focalizando, dessa maneira, aspectos diferenciados da experiência mental. Conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a metáfora MENTE É UMA MÁQUINA nos dá a ideia de mente como algo que pode estar “ligado” ou “desligado”, possuir uma capacidade produtiva e uma condição operacional; ao passo que a metáfora MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO nos permite falar apenas sobre a força psicológica humana.

É interessante observar que, quando uma máquina se quebra, ela deixa de funcionar, ao passo que, quando um objeto se quebra, seus pedaços se espalham, gerando até certo ponto algumas consequências graves e, em outros casos, irreparáveis. Portanto, ao se proferir algo como “Maria explodiu”, estamos afirmando que ela ficou completamente fora de si. Já quando se fala algo como “Maria pifou”, é muito provável que ela esteja incapaz de “funcionar” por razões meramente psicológicas.

As metáforas de recipientes (classificadas como metáforas ontológicas) delineadas por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) demonstram que, como seres vivos, a nossa pele é uma superfície que demarca e nos separa do resto do mundo, ou seja, somos recipientes com uma superfície demarcadora que funciona justamente como uma zona territorial. Desse mesmo jeito, podemos observar que os objetos que nos cercam também são vistos como recipientes que possuem o lado de dentro e o lado de fora.

Um modelo pertinente que podemos usar, para ilustrar a metáfora de recipiente, é uma banheira com água. Observamos que tanto a água como a banheira são compreendidas como recipientes, no entanto de tipos diferentes. Ao entrar na banheira, também se adentra na água, só que a banheira é apreendida como um objeto recipiente, ao passo que a água é uma substância recipiente.

Nosso campo de visão, por sua vez, também é entendido como um recipiente, logo o que conseguimos enxergar define justamente uma determinada demarcação territorial, ou seja, nosso campo de visão corresponde ao espaço físico demarcado. Expressões linguísticas metafóricas tais como: ‘Não há *nada à vista*’; ‘Maria *não conseguia ter todos os navios no seu campo de visão ao mesmo tempo*’ e ‘Aquilo está *no centro de meu campo de visão*’ ativam o conceito metafórico CAMPOS VISUAIS SÃO RECIPIENTES que emergem de forma natural.

Usamos metáforas ontológicas para compreendermos eventos, ações, atividades e estados. Eventos e ações são metaforicamente conceptualizados como objetos, atividades como substâncias, estados como recipientes. Uma corrida, por exemplo, é um evento, que é visto como uma entidade discreta. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 83)

Vejamos agora algumas expressões linguísticas que demonstram eventos como recipientes, atividades como substâncias e/ou recipientes e estados como recipientes.

- ⇒ Você *viu* a corrida? – corrida como objeto.
- ⇒ O *fim da corrida* foi muito empolgante – fim como evento objeto dentro do objeto recipiente.
- ⇒ Como Pedro *escapou* de lavar as janelas? – atividade de lavar como recipiente.
- ⇒ João está *imerso na* lavagem de carros agora – ação de lavagem como recipiente.
- ⇒ Maria está *fora de* perigo – estado como recipiente.
- ⇒ Fábio *caiu em* depressão – estado como recipiente.

A personificação, conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), é uma das características mais evidentes/salientes das metáforas ontológicas, uma vez que nos permite compreender várias experiências que estão associadas a entidades não humanas em termos de motivação humana.

Eis alguns exemplos de como essa característica da personificação é atualizada em algumas expressões linguísticas metafóricas:

- ⇒ A *vida* me *trapaceou*.
- ⇒ A *inflação* está *devorando* nossos lucros.
- ⇒ A sua *teoria* me *fez compreender* o comportamento dos primatas.

A partir de alguns resultados de pesquisas vinculadas ao projeto Metáforas, Gêneros Discursivos e Argumentação (MGDA), Espíndola (2008) demonstra, no gênero publicitário, que é possível falar em dois tipos de metáforas ontológicas por personificação: uma por animação e outra por humanização.

A primeira é aquela em que uma experiência ou objeto físico é concebido como uma entidade animada (uso de características ou ações próprias de um ser vivo). Ou seja, tomamos características do domínio origem (um determinado ser animado) e as projetamos para o domínio alvo (a experiência sobre a qual estamos fazendo referência). (ESPÍNDOLA, 2008, p. 2568)

A autora fez uso dos seguintes exemplos:

⇒ Atenção mães: *está nascendo o novo sabão em pó* da Assolan.” (Assolan, Revista Veja)

⇒ “*Grandes invenções não nasceram* para ficar paradas.” (HP Invent, Revista Veja)

Essas duas publicidades, retiradas das pesquisas realizadas por Espíndola (2008), atualizam a metáfora ontológica OBJETOS SÃO SERES VIVOS. O verbo nascer integra o campo semântico do humano e do não humano, entretanto, nos exemplos acima, podemos observar que a metáfora ontológica não pode ser enquadrada, exclusivamente, no rol da humanização.

O segundo tipo de metáfora ontológica por personificação é aquela em que os dois domínios se cruzam (domínio fonte e domínio alvo). O domínio fonte traz características próprias do ser humano, ao passo que o domínio alvo fala sobre ou conceitua algo abstrato.

Vejamos a seguir dois exemplos de Espíndola (2008, p. 2569) de expressões linguísticas que atualizam a metáfora ontológica OBJETOS SÃO PESSOAS:

⇒ “Novo Samsung Light. *Preços magros*.” (Vivo, Revista Veja)

⇒ “Saiba se o *coração* do seu carro *anda bem*. Faça revisão preventiva.” (WebMotors)

Para Espíndola (2008, p. 2569), nesses dois contextos, a personificação dos objetos se configura através de adjetivos e/ou expressões que, geralmente, ativam características do ser humano (*magros*) ou de verbos que traduzem ações do homem (*o coração anda bem*). Dentro do modelo cultural que nós temos, o adjetivo *magro* mapeia seletivamente atributos como ter pouco peso e ter pouca gordura. Já a expressão *o coração anda bem* mapeia seletivamente atributos como bom fluxo sanguíneo e bons batimentos cardíacos. Dessa maneira, tanto os adjetivos como os verbos estão empregados no campo semântico do mais humano.

Até agora fizemos uma passeio pelas metáforas orientacionais, que têm por base nossas experiências culturais e físicas, associadas à orientação espacial, e pelas metáforas ontológicas que transformam conceitos abstratos em entidades – coisas ou

seres (animais ou humanos). A seguir, abordamos a maneira pela qual os teóricos Lakoff e Johnson definem a metáfora **estrutural**:

As metáforas estruturais permitem-nos fazer mais do que simplesmente orientar conceitos, referir-nos a eles, quantificá-los etc., como fazemos com as metáforas ontológicas e orientacionais; somado a tudo isso, elas nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 134)

Diante da citação, pode-se afirmar que as metáforas estruturais são fundamentadas em relações sistematizadas a partir das nossas experiências. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) demonstram que o amor pode ser conceptualizado como uma viagem, como uma força física, como algo mágico etc. A seguir, ilustramos algumas formas de como as metáforas estruturais são manifestadas em expressões linguísticas.

AMOR É UMA VIAGEM

- ⇒ Esta relação é um *beco sem saída*.
- ⇒ Veja *a que ponto chegamos*.
- ⇒ Nosso *namoro está indo muito bem*.
- ⇒ Esta relação não *vai dar em lugar nenhum*.

AMOR É MAGIA

- ⇒ Ela *lançou seu feitiço* sobre mim.
- ⇒ Ela me *mantém em transe*.
- ⇒ A *magia* passou.

AMOR É UMA FORÇA FÍSICA

- ⇒ Houve *faíscas*.
- ⇒ Houve uma *atração magnética* entre nós.
- ⇒ Eles sentem um pelo outro uma *atração* incontrolável.

A partir dos exemplos acima, podemos observar que o amor pode ser concebido de diferentes formas, em que o domínio alvo é sempre o mesmo (amor). Já os domínios fontes são diferentes, logo, percebemos que o mapeamento de alguns elementos do

domínio fonte para o domínio alvo serão conceptualizados de modo singular, uma vez que o amor receberá diferentes concepções.

Vejamos, a seguir, mais alguns exemplos de metáforas estruturais com suas respectivas manifestações linguísticas.

IDEIAS SÃO RECURSOS

- ⇒ *Esgotamos* todas as nossas ideias.
- ⇒ Não *desperdice* seu pensamento com pequenos projetos.
- ⇒ Pedro é um homem *cheio de recursos*.

IDEIAS SÃO INSTRUMENTOS CORTANTES

- ⇒ Isso *mata* a questão.
- ⇒ Essa ideia é *incisiva*.
- ⇒ João tem uma mente *afiada*.

IDEIAS SÃO MODAS

- ⇒ A semiótica tornou-se bastante *chique*.
- ⇒ Essa ideia *saiu de moda* anos atrás.
- ⇒ Atualmente o marxismo está *em moda* na Europa ocidental.

IDEIAS SÃO BENS DE CONSUMO

- ⇒ Essa ideia simplesmente não é *vendável*.
- ⇒ Eu não daria um *tostão furado* por essa ideia.
- ⇒ Sempre há *mercado* para boas ideias.

Diante dos exemplos, podemos perceber que a noção de ‘ideia’ pode ser conceptualizada de diferentes maneiras. Muito embora o domínio alvo (ideia) seja o mesmo, o mapeamento de alguns aspectos do domínio fonte para o domínio alvo será ímpar, já que a noção de ‘ideia’ receberá diferentes concepções, logo ideia pode ser conceptualizada ora como recursos, ora como instrumento cortante, ora como moda, ora como bem de consumo, podendo inclusive receber outras concepções além das elencadas acima.

Em suma, nesta subseção observamos que, segundo a proposta de Lakoff e Johnson (1980), as metáforas conceptuais podem ser classificadas em: orientacionais, aquelas que organizam todo um sistema de conceitos com relação a outro, e têm por base nossas experiências culturais e físicas; ontológicas, aquelas que transformam conceitos abstratos em entidades, coisas ou seres; e estruturais, que estruturam um conceito em termos de outro. Na próxima subseção, discutiremos um pouco a respeito da revisão feita por Lakoff e Johnson, em 2003.

2.4 Revisão da Teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson, em 2003

A primeira maneira pela qual Lakoff e Johnson perceberam as metáforas conceptuais foi sob o enfoque da Matemática, em que o mapeamento era feito através de domínios conceptuais. Havia correspondências sistemáticas de forma precisa, e o mapeamento permitia o uso de modelos de inferência do domínio fonte para compreendermos o domínio alvo (LAKOFF; JOHNSON, 2003).

Entretanto, o mapeamento matemático das metáforas, conforme Lakoff e Johnson (2003), mostrou-se ser inadequado pelo simples fato de não criar entidades alvos, enquanto que as metáforas conceptuais o faziam. Na verdade, era preciso observar uma maneira de pensar sobre as metáforas de forma que não só se pudesse fazer seu mapeamento, mas também que fosse possível acrescentar elementos a um domínio.

A partir dessa inquietação, foi adotada, então, a projeção metafórica com base na imagem de um retroprojektor, em que o domínio alvo era considerado um slide inicial do projetor e a projeção metafórica funcionava como um processo superposto em que se colocava outro slide em cima do primeiro, adicionando, dessa forma, a estrutura do domínio fonte ao domínio alvo.

Unfortunately, the Projection metaphor introduced a major problem. According to the Projection metaphor, *all* of the source domain should be projected onto the target; however, some parts of the source domain are not mapped. A source domain element is not mapped if it

would produce an inference that would contradict the internal structure of the target.⁸ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 254)

Por volta de 1997, a teoria da projeção da metáfora foi abandonada e substituída pela Teoria Neural, que surgiu do projeto da Teoria Neural da Linguagem, dirigido por Jerome Feldman e George Lakoff, no Instituto Internacional da Ciência da Computação, em Berkeley.

Srinivas Narayanan, em 1997, desenvolveu a Teoria Neural da Metáfora, usando técnicas da computação para a modelagem neural, desenvolvendo uma teoria em que as metáforas conceptuais são computadorizadas através de mapas neurais, e o circuito neural se liga ao sistema sensório-motor com áreas corticais maiores (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 255).

Salientamos que tanto o termo *mapa* quanto o termo *mapeamento*, usados a partir dessa revisão, são oriundos da neurociência, logo esses termos assumem um significado completamente novo, uma vez que mapas e mapeamentos são relações físicas. De acordo com Lakoff e Johnson (2003), o circuito neural liga as redes neurais chamadas de nós. Já os domínios são conjuntos neurais altamente estruturados em diferentes áreas do cérebro.

Metaphor is a neural phenomenon. What we have referred to as metaphorical mappings appear to be realized physically as neural maps. They constitute the neural mechanism that naturally, and inevitably, recruits sensory-motor inference for use in abstract thought. Because metaphorical maps are part of our brains, we think and speak metaphorically whether we want to or not.⁹ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 256-257)

Os conceitos fixos são estruturas de informações neurais denominadas de parametrizações neurais, que guiam as representações imaginativas quando são ativadas. No que diz respeito ao nível neural, as metáforas conceptuais ligam as

⁸ Infelizmente, a projeção metafórica introduziu um problema maior. De acordo com a projeção da metáfora, todo o domínio fonte deveria ser projetado no domínio alvo; no entanto, algumas partes do domínio fonte não são mapeadas. Um elemento do domínio fonte não é mapeado se produzir uma inferência que pode contradizer a estrutura interna do domínio alvo. (Tradução nossa)

⁹ A metáfora é um fenômeno neural. Aquilo a que nos referimos como mapeamentos metafóricos parece ser realizado fisicamente como mapas neurais. Eles constituem o mecanismo neural que, naturalmente, e inevitavelmente, a inferência sensório-motora faz uso no pensamento abstrato. Porque os mapas metafóricos são partes das nossas mentes, nós pensamos e falamos metaforicamente quer queiramos ou não. (Tradução nossa)

parametrizações do domínio fonte às parametrizações do domínio alvo. Pode-se compreender, a partir de então, que as representações metafóricas são formas de imaginação em que o raciocínio abstrato é governado pelas representações sensório-motoras e são manifestadas/reveladas nos contextos reais. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 258).

Segundo Lakoff e Johnson (2003), as inferências metafóricas são feitas/realizadas através das representações do domínio fonte e esses resultados são conduzidos ao domínio alvo através das ligações neurais. A aprendizagem de novas metáforas se dá, portanto, pelo estabelecimento de novas ligações neurais e não da criação de cópias complexas e inferenciais, conforme a antiga teoria da projeção metafórica. Segundo a teoria da projeção metafórica, todo o domínio fonte deveria ser projetado no domínio alvo, porém sabe-se que algumas partes do domínio fonte são não mapeadas.

Outro aspecto importante que se destaca na revisão feita por Lakoff e Johnson (2003) diz respeito à classificação das metáforas conceptuais em estruturais, orientacionais e ontológicas. A seguir, algumas considerações relacionadas a essa classificação.

The division of metaphors into three types - orientational, ontological, and structural – was artificial. All metaphors are structural (in that they map structures to structures); all are ontological (in that they create target domain entities); and many are orientational (in that they map orientational image-schemas).¹⁰ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 264)

Ao analisarem a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, alguns leitores haviam feito a observação que muitas pessoas aprendem sobre discussão antes mesmo de aprenderem sobre guerra. Na verdade, essa metáfora tinha sua origem na fase da infância a partir da metáfora primária¹¹ DISCUSSÃO É LUTA/BRIGA.

Segundo Lakoff e Johnson (2003), todas as crianças brigam contra as manipulações físicas de seus pais; e no momento em que a língua é aprendida, essas

¹⁰ A divisão das metáforas em três tipos – orientacionais, ontológicas, e estruturais – foi artificial. Todas as metáforas são estruturais (em que elas mapeiam estruturas a estruturas); todas são ontológicas (em que elas criam entidades do domínio alvo); e muitas são orientacionais (em que elas mapeiam esquemas imagéticos orientacionais). (Tradução nossa)

¹¹ A noção de metáfora primária será discutida na subseção 2.5.

brigas físicas passam então a ser acompanhadas das palavras. Portanto, a metáfora primária DISCUSSÃO É LUTA/BRIGA é o cruzamento das brigas físicas mais as palavras que são desenvolvidas durante a infância.

Desde que a metáfora conceptual foi descoberta por Lakoff e Johnson, pesquisadores de diversas áreas, como de teoria literária, de linguística e de filosofia da linguagem, têm feito aplicações significativas dessa teoria. Suas pesquisas nos revelam que as estruturas metafóricas, ou seja, as metáforas conceptuais funcionam como um mecanismo cognitivo de organização do pensamento e refletem em disciplinas, como a psicologia, linguística cognitiva, a matemática, a filosofia, além de estarem presentes em questões relacionadas ao social, à política e à economia.

Pode-se dizer que a construção de metáforas surge a partir da capacidade humana de categorização e organização dos conceitos mentalmente armazenados, logo percebemos que os modelos cognitivos servem, justamente, para designar representações mentais complexas das formas como organizamos e concebemos o mundo.

A seguir, observa-se como Lakoff e Turner (1989) discorrem sobre os modelos cognitivos:

Conceptual schemas organize our knowledge. They constitute cognitive models of some aspect of the world, models that we use in comprehending our experience and reasoning about it. Cognitive models are not conscious models; they are unconscious and used automatically and effortlessly. We cannot observe them directly; they are inferred from their effects.¹² (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 65-66)

A aquisição desses modelos cognitivos, segundo Lakoff e Turner (1989), se dá de duas maneiras: pela nossa própria experiência direta e através de nossa cultura. Assim, pessoas que nunca viram mós podem, contudo, aprender, através de sua cultura, que são enormes pedras redondas e lisas, que giram em um eixo, utilizados em usinas de moagem de grãos.

¹² Os esquemas conceptuais organizam nosso conhecimento. Eles constituem modelos cognitivos de algum aspecto do mundo, modelos que nós usamos para compreender nossa experiência e o raciocínio a respeito do mundo. Os modelos cognitivos não são modelos de que temos consciência; eles são inconscientes e usados automaticamente e sem nenhum esforço. Nós não podemos observá-los diretamente; eles são inferidos a partir dos seus efeitos. (Tradução nossa)

De acordo com Lakoff e Turner (1989), os modelos cognitivos que são adquiridos através da nossa cultura são tipicamente modelos que possuem longa duração na cultura. Entretanto, modelos culturais desse tipo estão, muitas vezes, em contradição com o nosso conhecimento científico. Os especialistas em lobos, por exemplo, afirmam que os lobos evitam os seres humanos sempre que podem, já o nosso modelo cultural os enxerga como bestas cruéis que atacam os humanos sem nenhum tipo de provocação.

Alguns modelos cognitivos são muito abstratos. A forma como as pessoas, os animais e os objetos são compreendidos no mundo se realiza como se todos eles possuíssem atributos, alguns dos quais são essenciais para a sua natureza. Entretanto, as coisas no mundo podem ou não podem realmente ter atributos essenciais; mesmo assim, as compreendemos como se os possuíssem (LAKOFF; JOHNSON, 1989, p. 66)

A partir das reflexões acima, pode-se constatar que normalmente designa-se o comportamento de pessoas, animais e objetos a algum atributo que eles possuem, dessa forma, quando pensamos em alguém que geralmente age com raiva, como sendo uma pessoa irritada, concebe-se o seu comportamento como consequência de seu atributo.

Nesta subseção, em suma, pudemos observar algumas das contribuições relevantes revistas por Lakoff e Johnson em sua obra revisada de 2003, como a revisão da classificação da teoria das metáforas conceptuais e a introdução da teoria neural; também vimos como se dá o processo de aquisição dos modelos cognitivos, propostos por Lakoff e Turner (1989). Na próxima subseção abordaremos as contribuições da Hipótese da Metáfora Primária, um refinamento da Teoria da Metáfora Conceptual, desenvolvida por Joseph Grady.

2.5 Metáfora Primária

Nos últimos 20 anos, vários estudos têm contribuído para o aperfeiçoamento da teoria contemporânea da metáfora conceptual, e uma dessas contribuições importantes é a Hipótese da Metáfora Primária de Joseph Grady (1997).

Essa nova hipótese tenta explicar alguns pontos controversos da teoria de Lakoff e Johnson (1980), como pobreza de alguns mapeamentos, falta de base experiencial clara entre alguns domínios fonte e alvo, falta de consistência entre os mapeamentos

relacionados e a circularidade na identificação da metáfora conceptual (FRANÇOZO; GIBBS; LIMA, 2001, p. 110-111).

Grady (1997) afirma que a emergência e natureza das metáforas conceptuais são geralmente baseadas em padrões metafóricos mais experienciais, denominados de metáforas primárias ou primitivas, ou seja, a metáfora primária possui base experiencial corpórea direta que serve como alicerce para a produção/geração de metáforas conceptuais.

As metáforas primárias surgem a partir de uma estreita correlação entre dimensões distintas de experiências corpóreas recorrentes e coocorrentes. Essas experiências são de tipos básicos, associadas de forma significativa com as nossas interações com o mundo e independentes das influências culturais. (LIMA; FELTES; MACEDO, 2008, p. 146)

Atualizações metafóricas tais como ‘Pedro tem *fome de reconhecimento*’, ‘João tem *sede de poder*’ e ‘Marcos tem *fome de bola*’ são manifestações linguísticas da metáfora primária DESEJAR É TER FOME, que ocorre simplesmente pelo fato de sempre termos fome e de ao mesmo tempo experienciarmos também o desejo de comer algo, configurando-se, dessa maneira, como uma das metáforas mais próximas das atividades corpóreas.

Lakoff e Johnson (2003) reconhecem a importante contribuição de Grady à teoria da metáfora conceptual.

A major advance in metaphor theory came in 1997 with fundamental insights by Joseph Grady. Grady showed that complex metaphors arise from primary metaphors that are directly grounded in the everyday experience that links our sensory-motor experience to the domain of our subjective judgments. For example, we have the primary conceptual metaphor AFFECTION IS WARMTH because our earlier experiences with affection correspond to the physical experience of the warmth of being held closely.¹³ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 254-255)

¹³ Um grande avanço na teoria da metáfora veio em 1997 com os *insights* fundamentais de Joseph Grady. Grady mostrou que as metáforas complexas surgem a partir de metáforas primárias que são diretamente baseadas na experiência cotidiana que liga a nossa experiência sensório-motora ao domínio de nossos juízos subjetivos. Por exemplo, nós temos a metáfora conceptual primária AFEIÇÃO É CALOR porque as nossas experiências anteriores com afeto correspondem à experiência física de calor por nos mantermos perto/próximos. (Tradução nossa)

Na perspectiva tradicional da teoria contemporânea da metáfora, a compreensão de conceitos mais complexos se dá através de conceitos mais simples, e os domínios fonte e alvo são bastante similares em termos de estruturas (ambos possuem esquemas imagéticos), e a diferença entre esses domínios é estabelecida em termos de familiaridade, complexidade, consciência e abstração.

Na nova perspectiva da metáfora primária, os domínios são díspares por natureza, ou seja, um domínio é definido pelo conteúdo sensorial, o outro é uma resposta ao input sensorial (LIMA, 2006, p. 111-112).

Na teoria da hipótese da metáfora primária, conforme Lima (2006), os domínios são diferentes por natureza, em que o da experiência é mais localizado, com características muito específicas; ou seja, o domínio fonte é definido pelo conteúdo sensorial, ao passo que o domínio alvo é uma resposta ao *input* sensorial e acolhe os julgamentos e as análises desses *inputs*.

Primary metaphors arise spontaneously and automatically without our being aware of them. There are hundreds of such primary conceptual metaphors, most of them learned unconsciously and automatically in childhood simply by functioning in the everyday world with a human body and brain. There are primary metaphors for time, causation, events, morality, emotions, and other domains that are central to human thought. Such metaphors also provide a superstructure for our systems of complex metaphorical thought and language.¹⁴ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 256-257)

Lakoff e Johnson (1999) aderem à abordagem segundo a qual as metáforas primárias são como átomos, que agrupados formam moléculas: as metáforas complexas. Portanto, as metáforas complexas são estruturas moleculares estáveis e que possuem um papel significativo no sistema conceitual; o que fundamenta os mapeamentos para a metáfora complexa são as metáforas primárias com suas partes, ou seja, o todo é justificado por suas partes.

Pode-se observar, no exemplo retirado de Lakoff e Johnson (1999), que a metáfora complexa VIDA COM PROPÓSITOS É UMA VIAGEM (A PURPOSEFUL LIFE

¹⁴ As metáforas primárias surgem de forma espontânea e automática sem que tenhamos consciência delas. Há centenas de metáforas conceituais primárias, a maioria delas é aprendida inconscientemente e automaticamente na infância através das atividades do dia a dia com o corpo e o cérebro. Há metáforas primárias para tempo, causalidade, eventos, moralidade, emoções e outros domínios que são centrais para o pensamento humano. Tais metáforas também fornecem uma superestrutura para os nossos sistemas de pensamento e linguagem metafóricos complexos. (Tradução nossa)

IS A JOURNEY) é oriunda das metáforas primárias: PROPÓSITOS SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS, pois espera-se que as pessoas tenham propósitos em suas vidas, de modo que deveriam agir de acordo com esses propósitos.

No caso da metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, de acordo com Grady (1997), trata-se de uma metáfora complexa que é composta pelas metáforas primárias ORGANIZAÇÃO É UMA ESTRUTURA FÍSICA e PERSISTIR É PERMANECER ERETO, sendo justificada pelo fato de apenas uma parte do edifício ser mencionado ao se referir a teorias, uma vez que não se fala em corredores, esgotos ou janelas das teorias. As expressões linguísticas que ilustram essa metáfora são: ‘essa teoria não se *sustenta*’, e ‘este ponto é o *pilar* da hipótese dele’.

Em suas investigações, Grady (1997) reanalisou várias metáforas conceptuais disseminadas na literatura e percebeu que algumas apresentam mapeamentos de natureza mais básica, com forte base experiencial, gerando, dessa forma, expressões metafóricas em várias áreas da experiência humana, enquanto outras são resultados da combinação de metáforas primárias.

De acordo com essa nova hipótese, os domínios fontes são caracterizados da seguinte maneira: a) são definidos pelas sensações ou input sensoriais, então possuem conteúdos imagéticos, ou seja, os esquemas imagéticos são menos abstratos, mais restritos, e não podem incluir conceitos altamente dependentes da cultura; b) referem-se a experiências simples, e não envolve muitos detalhes nem muitas cenas; c) devem estar bem correlacionados com alguns outros domínios experienciais; d) referem-se a elementos universais da experiência humana; e) são relacionais, pois se referem à propriedade das coisas (ex.: peso), a relações entre as coisas (ex.: proximidade) e as ações envolvendo coisas (ex.: cortar), mas não a coisa em si (ex.: copos, facas) (LIMA, 2006, p. 112-113).

Os domínios alvos, de acordo com Lima (2006), possuem as seguintes características: a) não possuem conteúdos imagéticos, e envolvem respostas e avaliações do input sensorial; b) são tão familiares quanto os domínios fontes, desde que sejam comuns, experiências recorrentes; c) referem-se a unidades básicas ou parâmetros da função cognitiva, nos níveis a que nós temos acesso direto e consciente. Diferentemente das construções mais elaboradas, os conceitos alvos parecem estar no nível mais baixo do processamento cognitivo consciente e acessível, ou pelo menos em um nível distinto do nível do esquema imagético.

Outro ponto importante que diferencia a teoria de Lakoff e Johnson (1980) da nova teoria contemporânea da metáfora está relacionado com a construção fundamental, que na visão tradicional foi pensada como sendo o esquema imagético, já na nova perspectiva é a cena primária. Segundo Grady (1997), “a primary scene is a cognitive representation of a recurrent experience type which involves a tight correlation between particular aspects of the experience”.¹⁵

Enquanto os esquemas imagéticos são estruturas amplas, as cenas primárias são estruturas mais locais, motivadas por momentos particulares das nossas experiências. Todos os casos de recipientes, por exemplo, podem ser incluídos no esquema imagético de um recipiente, entretanto cada caso envolve muitas cenas primárias, tais como, (a) *entrar em uma sala* ou (b) *tirar algo de uma caixa*, gerando dessa maneira metáforas distintas. Na cena (a), nós experienciamos entrar em espaços com determinadas características e certos limites, ao passo que, na cena (b), nós temos a experiência de interagir com o recipiente e seu conteúdo (LIMA, 2006, p. 115).

Para que os domínios alvo e fonte sejam unidos cognitivamente, é preciso que eles compartilhem estruturas esquemáticas no mesmo nível. Muito embora, para Grady (1997), tais estruturas não podem ser uma imagem esquemática, uma vez que apenas aqueles conceitos diretamente relacionados às nossas experiências sensoriais possuem conteúdo de imagem.

De acordo com Lima, Feltes e Macedo (2008), as metáforas primárias também possuem certo caráter universal, ou seja, traços comuns em todas as línguas. Expressões linguísticas, tais como ‘Esse ano vai ser *muito pesado* ’, ‘Tudo isso tem sido *um fardo* na minha vida’ são atualizações da metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS, gerada pela correlação entre a percepção de peso e a sensação de desconforto ao encarar/enfrentar uma dificuldade, ao passo que expressões linguísticas, como ‘O crime violento *está baixando* pelo terceiro ano consecutivo’, ‘A população mundial *continua subindo* ’, são atualizações da metáfora QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL.

Lakoff e Johnson (1999), a partir dos estudos de Grady no que diz respeito à Hipótese da Metáfora Primária, elencaram alguns exemplos de metáforas primárias. A seguir estão algumas dessas metáforas e suas respectivas manifestações linguísticas:

¹⁵ Uma cena primária é uma representação cognitiva de um tipo de experiência recorrente que envolve uma estreita correlação entre aspectos específicos da experiência. (Tradução nossa)

AFEIÇÃO É CALOR: Fui recebido *calorosamente* pelo grupo de estudantes.

DIFICULDADES SÃO PESOS: Ajudando-me nesta tarefa, você *tira um peso de meus ombros*.

SIMILARIDADE É PROXIMIDADE: Nossas ideias são muito *próximas*.

AJUDA É SUPORTE: Deus sempre me *dá apoio* nos momentos difíceis.

TEMPO É MOVIMENTO: Os dias *passam voando*.

ESTADOS SÃO LUGARES: Não consigo *sair da depressão*.

PROPÓSITOS SÃO DESTINOS: É preciso *persistência* para chegar *lá*, fazer acontecer.

CONHECER É VER: *Veja bem* o que o autor quer dizer com isso.

ENTENDER É AGARRAR: Não consigo *pegar* sua idéia.

2.6 Metáfora x Metonímia

Para iniciarmos esta subseção, antes mesmo de buscarmos estabelecer as diferenças entre esses dois processos cognitivos, o primeiro passo a ser dado é definir a metonímia, buscando demonstrar através de exemplos como ela é caracterizada diante da literatura de um modo geral.

Começamos trazendo o conceito de metonímia encontrado no dicionário da língua portuguesa *Novo Aurélio Século XXI*, em que é vista apenas como uma questão de linguagem, ou seja, um recurso figurativo.

Tropo que consiste em designar um objeto por palavra designativa doutro objeto que tem com o primeiro uma relação de causa e efeito (trabalho, por obra), de continente e conteúdo (copo, por bebida), lugar e produto (porto, por vinho do porto), matéria e objeto (bronze, por estatueta de bronze), abstrato e concreto (bandeira, por pátria), autor e obra (um Camões, por um livro de Camões), a parte pelo todo (asa, por avião), etc. (FERREIRA, 1999, p. 1328)

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) definem a metonímia a partir do seguinte exemplo: ‘O sanduíche de presunto está esperando sua conta’, em que a expressão *sanduíche de presunto* refere-se a uma pessoa real. Esse exemplo, portanto, não se

configura como uma metáfora de personificação e sim como uma metonímia, uma vez que usamos uma entidade para nos referirmos a outra que é relacionada a ela.

A seguir, pode-se observar alguns exemplos de metonímias que os retóricos tradicionais chamavam de sinédoque:

PARTE PELO TODO

- ⇒ O *automóvel* está congestionando nossas estradas. (o conjunto de automóveis)
- ⇒ Precisamos de um par de *corpos fortes* para nossa equipe. (pessoas fortes)
- ⇒ Estou com *pneus novos*. (carro, moto etc.)
- ⇒ Precisamos de *sangue novo* na organização. (pessoas novas)

Metáfora e metonímia são processos de natureza diferente. A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para *representar* outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento. No caso da metonímia PARTE PELO TODO, por exemplo, há muitas partes que podem *representar* o todo. Quando dizemos que precisamos de boas cabeças no projeto, estamos usando “boas cabeças” para nos referirmos a “pessoas inteligentes”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 92-93)

Um exemplo bastante peculiar que legitima o fato de a metonímia fazer parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia a dia, é demonstrado por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) através da metonímia ROSTO PELA PESSOA, uma vez que esse tipo de metonímia revela a forma como concebemos o mundo, ou seja, identificamos a pessoa pelo rosto e agimos de acordo com essa percepção. Observemos os exemplos abaixo:

- ⇒ Ela é só uma *cara bonita*.
- ⇒ Há uma *impressionante quantidade de caras* na plateia.
- ⇒ Precisamos de umas *caras novas* por aqui.

É comum, em nossa cultura, olhar para o rosto de uma pessoa muito mais que a maneira como se movimenta ou sua própria postura, para se obter informações básicas a respeito dela. Quando vamos mostrar uma foto do nosso filho, por exemplo, para

alguém, não mostramos uma foto do corpo sem o rosto, pois assim a pessoa não ficará satisfeita. No entanto, se mostrarmos uma foto do rosto a pessoa achará que o viu. Dessa forma, a metonímia ROSTO PELA PESSOA não é uma questão meramente linguística, pois nós percebemos o mundo em termos de uma metonímia, uma vez que identificar uma pessoa significa ver sua foto de rosto.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), “os conceitos metonímicos permitem-nos conceptualizar uma coisa por sua relação com outra”, o que implica dizer que a metonímia assim como a metáfora possui uma determinada sistematicidade e ambas não são geradas de forma aleatória. A seguir, podem-se observar algumas metonímias que estão já cristalizadas em nossa cultura.

PRODUTOR PELO PRODUTO

- ⇒ Pedro comprou um *Ford*.
- ⇒ Marcos tem um *Picasso* em seu gabinete.
- ⇒ João esqueceu de comprar a *Gillette*.

OBJETO PELO USUÁRIO

- ⇒ Os *ônibus* estão em greve.
- ⇒ O *saxofone* está resfriado hoje.

INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS

- ⇒ A *Esso* aumentou os preços novamente.
- ⇒ Eu não aprovo os atos do *governo*.
- ⇒ O *Senado* acha que o aborto é imoral.

LUGAR PELA INSTITUIÇÃO

- ⇒ *Paris* está lançando saias longas nesta estação.
- ⇒ A *Casa Branca* não está se pronunciando.

LUGAR PELO EVENTO

- ⇒ Tem sido uma *Central do Brasil* aqui o dia todo.
- ⇒ *Watergate* mudou nossa política.

Outro caso especial que se configura como metonímia é o simbolismo cultural e religioso. No Cristianismo existe a metonímia POMBA PELO ESPÍRITO SANTO, que não é de forma alguma arbitrária, pois esse símbolo está fundamentado na concepção do Espírito Santo na teologia cristã, podendo ser justificada pelo fato de a pomba ser bela, amável, gentil e, acima de tudo, pacífica. O céu, por exemplo, é seu habitat natural que representa de forma metonímica a morada do Espírito Santo.

A definição de metonímia, conforme Kövecses (2002), é a seguinte: “um processo cognitivo pelo qual uma entidade conceptual, o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo idealizado”. Entretanto, Barcelona (2003) afirma que nem sempre é fácil dizer se os domínios fonte e alvo estão em um mesmo espaço conceptual, logo uma expressão linguística pode ser interpretada tanto como uma metonímia quanto como uma metáfora.

A construção de metáforas e metonímias surge a partir da capacidade humana de categorização e organização dos conceitos mentalmente armazenados. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) desenvolveram um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), para designar representações mentais complexas das formas como organizamos e concebemos o mundo. O MCI, segundo Lakoff (1987), é uma estrutura que usa quatro tipos de princípios estruturados: são os mapeamentos metafóricos, mapeamentos metonímicos, estruturas proposicionais e estruturas de esquema de imagem.

A distinção entre metáfora e metonímia, segundo Lakoff e Johnson (2003), é frequentemente confusa. Aqui estão algumas considerações a respeito desses dois processos:

The moral is this: When distinguishing metaphor and metonymy, one must look only at the meanings of a single linguistic expression and whether there are two domains involved. Instead, one must determine how the expression is used. Do the two domains form a single, complex subject matter in use with a single mapping? If so, you have metonymy. Or, can the domains be separate in use, with a number of mappings and with one of the domains forming the subject matter (target domain), while the other domain (the source) is the basis of significant inference and a number of linguistic expressions? If this is the case, then you have metaphor.¹⁶ (2003, p. 266-267)

¹⁶ A moral é a seguinte, ao se distinguir metáfora de metonímia, deve-se olhar para os significados de uma única expressão linguística e se há dois domínios envolvidos. Além disso, deve-se olhar como a expressão está sendo usada. Os dois domínios formam uma unidade, um tema complexo no uso de um mapeamento único? Se sim, você tem uma metonímia. Ou, os domínios podem ser separados no uso, com um número de mapeamentos e com um dos domínios formando o tema (domínio alvo), enquanto

De acordo com Kövcses (2002), os dois conceitos que participam da metáfora são normalmente estabelecidos através de uma relação de semelhança. Há muitas fontes de semelhanças; elas surgem a partir da similaridade real, mas também de correlações e semelhanças percebidas na experiência. Portanto, a restrição que limita a produção de metáforas é que deve haver uma semelhança entre as duas entidades comparadas. Se as duas entidades não são semelhantes em algum aspecto, não se pode fazer o uso metafórico de uma coisa para falar sobre outra.

A metonímia, segundo Kövcses (2002), contrasta com a metáfora pelo fato de ser baseada na proximidade, em que nós temos dois elementos, ou entidades, que estão relacionadas entre si no mesmo domínio conceitual. Por exemplo, o produtor está estreitamente relacionado com o produto fabricado (PRODUTOR PELO PRODUTO), o todo está intimamente relacionado com suas partes (TODO PELA PARTE), o controlador está intimamente relacionado com a coisa controlada (CONTROLADOR PELO CONTROLADO) e um instrumento está estreitamente relacionado com a ação para qual ele é utilizado (INTRUMENTO PELA AÇÃO).

Não é estranho se observar que algumas metáforas conceituais surgem de metonímias conceituais, tomando como exemplo a metáfora RAIVA É CALOR. No que se refere à emoção, percebe-se que esta é vista como resultado de certos efeitos fisiológicos. Dessa maneira, a raiva pode resultar no aumento do calor corporal subjetivo e entre outros fatores como a ruborização da pele, dilatação dos vasos sanguíneos, aumento da pressão sanguínea e aceleração dos batimentos cardíacos.

Nesse caso das relações metonímicas entre raiva e calor do corpo, o tipo de metonímia que se aplica a esse exemplo é EFEITO PELA CAUSA (CALOR DO CORPO PELA RAIVA). A metáfora conceitual RAIVA É CALOR, portanto, origina-se das generalizações do calor corporal para se esquentar, nos provando mais uma vez que algumas metáforas são frequentemente baseadas a partir das correlações da experiência. (KÖVECSSES, 2002, p. 156).

Determinadas expressões linguísticas nem sempre atualizam claramente metáforas ou metonímias. Pode-se perceber que uma expressão pode possuir os dois processos cognitivos, em que tanto a metáfora quanto a metonímia interagem na mesma

o outro (a fonte) é a base para inferência significativa de um número de expressões linguísticas? Se for esse o caso, então você tem uma metáfora.

expressão. Logo, filiamo-nos às noções conceituais trazidas por Barcelona (2003), uma vez que há expressões linguísticas que são interpretadas tanto como uma metonímia quanto como uma metáfora.

De acordo com Barcelona (2003), é sabido que a metáfora e a metonímia frequentemente interagem uma com a outra e os padrões da interação podem ser simplificados a dois tipos gerais: (1) interação no nível puramente conceptual, e (2) coinstanciação puramente textual da metáfora e da metonímia na mesma expressão linguística.

A mais relevante entre os dois padrões de interação é a que se dá no nível puramente conceptual. Segundo Barcelona (2003), existem dois principais subtipos de interação metáfora-metonímia:

- a) A motivação conceptual metonímica pela metáfora
- b) A motivação conceptual metafórica pela metonímia

Há muito tempo percebe-se que grande parte das metáforas são motivadas conceptualmente por uma metonímia, uma vez que estão mais próximas da base experiencial. A motivação conceptual metafórica pelas metonímias pode ser percebida em interpretações metonímicas de uma expressão linguística que só parece possível na coocorrência/cruzamento do mapeamento metafórico. Como em:

⇒ *Ela pegou na orelha do Ministro, e o persuadiu a aceitar o plano dela.*

A metáfora que destacamos nesse exemplo é ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA, em que alguém precisa pegar fisicamente, atrair ou apelar pela atenção. Ao mesmo tempo encontra-se nessa sentença uma versão específica da metonímia convencional PARTE DO CORPO PELA FUNÇÃO. Nessa metonímia, uma parte do corpo está para a sua função e/ou para a maneira pela qual sua função é desempenhada.

A versão específica da metonímia convencional, nesse exemplo supracitado, é ORELHA/OUVIDO PELA ATENÇÃO, pois uma parte do corpo, que tem como função um carácter auditivo é caracterizada como sendo representada de uma maneira muito específica “com atenção”. De acordo com Barcelona (2003), essa versão específica da metonímia apenas ocorre no mapeamento metafórico envolvendo atenção como

domínio alvo, para a realização do mapeamento metonímico em que a orelha representa um atributo específico (atenção) de sua função típica (ouvir).

O segundo tipo geral de interação é a coinstanciação puramente textual da metáfora e da metonímia na mesma expressão linguística, ou seja, metáfora e metonímia se cruzam. Isso acontece quando uma metonímia coocorre em uma mesma expressão linguística com um determinado mapeamento metafórico, em que é conceptualmente independente. Observe em:

⇒ *O sanduíche de presunto começou a ranger os dentes.*

A metáfora identificada, nesse exemplo, é uma versão especial da metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS. De acordo com Lakoff (1987, p. 393), trata-se da metáfora COMPORTAMENTO AGRESSIVO/DE RAIVA É COMPORTAMENTO AGRESSIVO ANIMAL. A sentença remete ao comportamento agressivo do consumidor que habitualmente compra sanduíche de presunto em um determinado restaurante. A metonímia, nesse caso, é BEM CONSUMIDO PELO CONSUMIDOR. A metáfora e a metonímia se cruzam e são compatíveis entre elas (BARCELONA, 2003, p. 12).

Nesta subseção, passeamos pelos teóricos que tratam da diferença entre os dois processos cognitivos - metáfora e metonímia. Para embasar teoricamente esta diferença, utilizamos-nos de estudiosos como Lakoff & Johnson (2002 [1980], 2003), Barcelona (2003) e Kövecses (2002) que discorrem sobre este assunto.

Na seção seguinte, como se poderá constatar, versaremos sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa, trataremos de algumas noções sobre língua e concepções de linguagem, e faremos o levantamento e a análise das expressões linguísticas metafóricas.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Considerações Metodológicas

Nesta seção, apresentamos o levantamento das expressões linguísticas metafóricas utilizadas pelos professores de Língua Portuguesa que se dispuseram a participar desta pesquisa, assim como as metáforas conceptuais que estão na base dessas expressões linguísticas, descrevendo-as conforme a classificação proposta por Lakoff e Johnson de 1980. No que diz respeito aos procedimentos utilizados para a obtenção de informações, trata-se de uma pesquisa de campo e, quanto à abordagem, se configura como uma pesquisa qualitativa.

Para a realização desta investigação, o instrumento que se utilizou para a coleta dos dados foi a gravação em áudio, efetivada *in loco*. Foi feita a gravação de seis aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e seis aulas no Ensino Médio, nos meses de setembro, outubro e novembro de 2009, totalizando doze aulas.

Das seis aulas gravadas no Ensino Fundamental, quatro foram com uma professora que atua na rede municipal de ensino do Conde e duas com outra professora que atua na rede municipal de ensino de João Pessoa. Já as seis aulas do Ensino Médio foram gravadas com um só professor, que atua na rede estadual de ensino em uma escola situada na cidade de João Pessoa.

As aulas estão sistematizadas da seguinte maneira, conforme se pode ver nos anexos:

AULAS	PROFESSORES	INSTITUIÇÃO
01 e 02	Professora A	Rede Municipal de Ensino de João Pessoa/PB (Ensino Fundamental)
03, 04, 05 e 06	Professora B	Rede Municipal de Ensino do Conde/PB (Ensino Fudamental)

07, 08, 09, 10, 11 e 12	Professor C	Rede Estadual de Ensino da Paraíba (Ensino Médio)
-------------------------	-------------	--

É importante assinalar que este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley (CEP/HULW), da Universidade Federal da Paraíba, o qual, após análise do parecer do relator, foi considerado aprovado, no dia 13 de abril de 2010.

Após a realização da coleta dos dados, foi feita a transcrição das aulas conforme as normas do Projeto NURC/SP¹⁷, no Laboratório Semântico-Pragmático de Textos (LASPRAT). O próximo passo dado foi o levantamento das expressões linguísticas metafóricas, assim como as metáforas conceptuais que estão na base dessas expressões.

Por questões de sistematização didática, para a análise dos dados, foi adotada a classificação da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson, a partir da perspectiva de 1980, que classifica as metáforas em três categorias: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas.

Em seguida, as aulas foram analisadas, a fim de verificar a validade da hipótese de que as expressões linguísticas metafóricas atualizadoras de metáforas conceptuais, no gênero discursivo aula, revelam/denunciam a concepção de língua/linguagem que alicerça a prática de sala de aula do professor informante.

3.2 Algumas noções sobre língua e concepções de linguagem

De acordo com Antunes (2009), quando se estuda qualquer fenômeno relacionado à língua, não se pode dissociar de elementos como cultura, identidade e povo, pois só se consegue fazer um estudo real da natureza da linguagem a partir desses quatro itens para fins de interação social. Mas, o que vem a ser, de fato, uma língua?

Na escola e na sociedade de uma forma geral, a língua ainda é vista como “um conjunto potencial de signos, desvinculados de suas condições de uso e centrada na palavra ou frase isoladas” (ANTUNES, 2009, p. 20). Observa-se que esta é uma visão

¹⁷ As normas do projeto NURC/SP (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo) foram obtidas na Gramática do Português Culto Falado no Brasil. (JUBRAN; KOCH, 2006: p. 23-24)

reduzida de língua em que se enfatiza o domínio da morfossintaxe, assim como a classificação das palavras e suas respectivas nomenclaturas. É comum, nessa perspectiva, os estudos se resumirem na análise das partes que compõem a língua em si, em que os efeitos de sentido pretendidos pelos interlocutores e as finalidades comunicativas não são levados em consideração.

Entretanto, com as contribuições advindas da Pragmática e de outras ciências que se integraram à Linguística, pode-se notar o surgimento de novas concepções no que diz respeito aos estudos associados à língua e à linguagem. Nessa nova direção, se observa uma relação nítida entre língua e seus contextos de uso; a língua deixa de ser vista apenas como um conjunto de signos ou um conjunto de frases gramaticais, para se definir como uma prática de atuação interativa.

Nessa nova perspectiva de língua, de acordo com Antunes (idem), a língua assume um caráter político, histórico e sociocultural, que vai muito além dos limites do conjunto de suas próprias determinações internas. Os estudos passam agora a focalizar os efeitos de sentidos que os interlocutores pretendem gerar ao usar as palavras, salientando que a língua vai se construindo e se refazendo a todo momento.

Muito embora a Linguística tenha avançado de forma significativa com as pesquisas realizadas no campo da Pragmática, ainda é muito comum, nas aulas de língua portuguesa, os professores focarem uma língua que se apresenta de maneira estática, simplificada, reduzida e descontextualizada, ou seja, ainda predomina uma concepção de língua como um sistema abstrato, ‘despregado’ dos contextos de uso e que se esgota no estudo da morfologia das palavras e na sintaxe das frases.

Como consequência desse ensino de língua portuguesa que é entendido e interpretado pelos professores de maneira geral como ensino de gramática, percebem-se muitas perdas, tais como: “o declínio da fluência verbal, a falta de compreensão e de elaboração de textos mais complexos, sem falar no empobrecimento da capacidade de leitura da linguagem simbólica” (ANTUNES, 2009, p. 34).

Conforme Antunes (2009, p. 35), é preciso entender que a língua é “uma atividade funcional”, ou seja, ela é concretizada em atividades, em ações e em atuações comunicativas. Na verdade, quando se fala, se dizem coisas para fazer outras, para praticar ações, para intervir, para agir ou cumprir certas funções. O que se fala possui certa força, que se manifesta em atos, e estes possuem seus efeitos, como pedido, oferecimento, ordem, advertência, promessas etc.

De acordo com Geraldi (2002, p. 50), “nós herdamos do estruturalismo francês uma concepção de linguagem como capacidade humana de construção de sistemas semiológicos”, que, de certa maneira, resultou em algumas discussões em torno do que seria, de fato, o objeto de estudo da Linguística (a língua) enquanto ciência. É sabido que o objeto de estudo instituído pelo Curso de Linguística Geral eram os elementos internos da própria língua, ou seja, por muito tempo os estudos se limitaram ao campo dos aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos.

Em função da necessidade de explicações para os fenômenos internos ao sistema, uma vez que não se encontram nele próprio seu fundamento, os linguistas hoje delimitam seus terrenos e redesenham o objeto de investigação da linguística.

Na verdade, como afirma Geraldi (2002, p. 50), alguns fenômenos passam a ser considerados relevantes, uma vez que esses fenômenos vão muito além dos aspectos que simplesmente reduzem o estudo da língua a um sistema fechado. Dentre os fenômenos postulados por Geraldi, citarei somente quatro para se ter dimensão da importância do estudo desses aspectos.

O primeiro fenômeno que precisa ser levado em conta se trata da *dêixis*, “pessoa, tempo e espaço expressam-se nas línguas através de signos referencialmente vazios”, pois não se pode pensar o enunciado sem ter em mente o locutor que anteriormente era excluído do campo das preocupações descritivistas da linguística formal.

O segundo fenômeno que precisa ser levado em conta é o da *modalidade*, que nos permite ler nos enunciados as posições do sujeito que os enuncia, mas, para se explicar as marcas linguísticas, é preciso deixar de lado a análise formal para se compreender como as relações se dão entre os elementos.

O terceiro fenômeno é o da *performatividade*; de acordo com Geraldi (2002, p. 51), algumas noções atualmente exigem uma concepção não representacionista da linguagem, uma vez que é sabido que, quando se fala, não só se representam estados de coisas no mundo, mas pela nossa fala/discurso, criamos estados de coisas novas no mundo. O uso da primeira pessoa do singular no presente do indicativo de verbos como “declarar”, “prometer” e “jurar” cria no mundo uma declaração, uma promessa ou um juramento. Notoriamente os linguistas Benveniste, Austin e Searle conduzem os estudos da significação para a teoria da ação, redimensionando e redefinindo o objeto de estudo da linguística.

O quarto fenômeno que deve ser levado em consideração é o da *polissemia* e do *duplo sentido*. Segundo Geraldi (2002, p.52), a Linguística muitas vezes acaba reduzindo a polissemia à ambiguidade e o duplo sentido a usos desviantes da linguagem.

A partir dos quatro fenômenos supracitados e de outros, não se pode mais investir em um processo de ensino e aprendizagem que pressuponha a existência de uma língua pronta e acabada. De acordo com Geraldi (idem), é preciso encarar o processo de produção de discursos como algo essencial, pois a língua não deve ser mais apreendida para dela se apropriar, mas devemos usá-la de modo que, ao utilizá-la, podemos apreendê-la. Processos como a metáfora e a paráfrase são alguns fenômenos que devem ser percebidos, estudados e explorados pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

É preciso que alguns fenômenos sejam levados em consideração ao se estudar a língua. Veremos, a seguir, de que maneira a língua e o sujeito do discurso são vistos, tendo como base, as três concepções de linguagem que estão disseminadas na literatura da área.

A primeira concepção de linguagem é aquela comumente conhecida como expressão do pensamento, em que, se uma pessoa não consegue se expressar bem, implica dizer que ela não consegue organizar seu pensamento de maneira lógica. De acordo com Travaglia (2002, p.21), a enunciação se constitui em um ato monológico, que não é afetado de maneira alguma pelo interlocutor tampouco pelas circunstâncias em que ela ocorre. Nessa concepção pressupõe-se a existência de regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, por conseguinte, da linguagem.

Notoriamente, percebe-se que essas regras são aquelas ditadas pelas normas gramaticais do falar e escrever “bem”, refletindo basicamente os estudos tradicionais da gramática normativa. Ainda segundo Travaglia (idem), a partir das reflexões feitas sobre a primeira concepção de linguagem, pode-se observar que ela implicará um ensino prescritivo, que privilegia o trabalho com a variedade escrita padrão, descartando as outras variedades. Em sala de aula, por exemplo, esse tipo de ensino tem como objetivo a correção formal da linguagem, que objetiva levar o aluno a conhecer e dominar a norma padrão. O sujeito, nessa concepção de linguagem, segundo Koch (2006, p. 14), “é psicológico, individual e constrói uma representação mental e deseja que esta seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada”.

A segunda concepção está associada à teoria da comunicação e vê a linguagem como instrumento de comunicação. Conforme Travaglia (2002, p. 22), “a língua é percebida como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor”. Os estudos da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização, como o estruturalismo (representado por Saussure) e o gerativismo (representado por Chomsky), estão contemplados nessa segunda concepção de linguagem, uma vez que os estudos estão voltados para o funcionamento interno da própria língua.

De acordo com Travaglia (idem), o falante tem uma mensagem em sua mente que transmite a um ouvinte, ou seja, por meio de um código comum (a língua), o falante remete ao outro uma mensagem através de um canal (ondas sonoras), ao passo que o leitor/ouvinte simplesmente decodifica a mensagem de forma passiva. É importante ressaltar que o sujeito é “inconsciente”, segundo Koch (2006), “ele só diz e faz o que se exige que faça e diga na posição em que se encontra”, na verdade se trata de um repetidor e o sentido está no social (configurações discursivas).

Segundo Travaglia (2002), essa segunda concepção de linguagem implicará um ensino descritivo da língua, já que este tipo de ensino tem como objetivo mostrar como funciona a linguagem. É importante destacar que esse tipo de ensino engloba todas as variedades linguísticas e os estudos não estão apenas pautados nas gramáticas descritivas, mas também no trabalho feito com gramáticas normativas. O ensino descritivo tem como meta fazer com que o aluno conheça a instituição social que é a língua, de como ela é constituída e de que maneira ela funciona (sua forma e função).

A terceira concepção de linguagem é vista como um processo interativo. De acordo com Travaglia (idem), a linguagem é percebida como um lugar de interação comunicativa, em que os sujeitos são atores sociais e o texto é visto como o próprio lugar de interação. Por meio da linguagem, o falante atua/age sobre o ouvinte, constituindo compromissos que não preexistem à fala.

Koch (2006) afirma que a língua, nessa perspectiva, deixa de ser percebida como uma simples “captação” de uma representação mental ou como de uma decodificação de mensagem empreendida pelo leitor/ouvinte, para ser, de fato, vista como:

uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que

requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2002, p. 17)

Observa-se que essa terceira concepção de linguagem contempla todas as correntes de estudo da língua que comumente recebem o rótulo de linguística da enunciação, como por exemplo: a Linguística Textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa, e os estudos relacionados à Pragmática.

Essa terceira concepção de linguagem, segundo Travaglia (2002), implica um ensino produtivo de língua, uma vez que esse tipo de ensino objetiva desenvolver a competência comunicativa do aluno, levando-o à aquisição de novas habilidades de uso de língua, além de ensinar o aluno a pensar, a raciocinar, a desenvolver o raciocínio científico e a capacidade de analisar de maneira sistemática os mais diversos fenômenos. Logo, filiamo-nos a esta terceira concepção de linguagem, visto que os sujeitos são construtores sociais, e o texto é o próprio lugar de interação e da constituição dos interlocutores.

3.3 Levantamento e análise das expressões linguísticas metafóricas

A fim de verificar os objetivos estabelecidos assim como a hipótese levantada, apresentamos o levantamento e a discussão das expressões linguísticas metafóricas encontradas no *corpus*. Após o levantamento das expressões linguísticas metafóricas, identificamos as metáforas conceptuais que subjazem essas expressões, permitindo-nos tecer algumas considerações acerca das possíveis concepções de linguagem que permeiam o discurso docente dos informantes.

Conforme vimos anteriormente nos pressupostos teóricos, Lakoff e Johnson (1980) classificam as metáforas em três tipos: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas. Para uma melhor compreensão da sistematização adotada, as ocorrências das expressões linguísticas metafóricas foram agrupadas não pela ordem das aulas analisadas, mas pelas metáforas conceptuais que subjazem as referidas expressões linguísticas, e as aulas estão enumeradas conforme se pode ver no anexo.

Na análise a seguir, pode-se observar que as expressões linguísticas metafóricas foram agrupadas de acordo com a recorrência no *corpus* analisado, para identificar, através das expressões linguísticas e respectivas metáforas conceptuais subjacentes utilizadas pelos professores em sala de aula, a concepção de linguagem que alicerça o discurso dos referidos professores.

Pode-se observar, a seguir, como algumas expressões linguísticas e suas respectivas metáforas conceptuais subjacentes revelam a prática pedagógica dos docentes cujo discurso foi analisado. A concepção de linguagem que melhor representa essas manifestações linguísticas, conforme constatado, foi a segunda concepção de linguagem que vê a língua enquanto instrumento de comunicação, com resquícios da primeira concepção, que vê a língua como representação do pensamento, pois essas duas concepções são normalmente relacionadas como as concepções tradicionais da linguagem, uma vez que os estudos se pautam em seus aspectos meramente descritivos.

Para fins de sistematização de nosso estudo, estabelecemos três categorias de análise conforme as metáforas mais recorrentes em nosso *corpus*: na primeira categoria verificamos a recorrência da metáfora CONHECER/SABER É VER, revelando a concepção do que significa entrar em contato com o conhecimento. A partir dessa metáfora fica claro que, para o professor, entrar em contato com o conhecimento significa o aluno se apropriar das noções que estão sendo trabalhadas em sala de aula e, além disso, significa trazer o aluno para a claridade.

Constatamos também a recorrência das metáforas ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO e INTELIGENTE É PARA CIMA, que formam com a metáfora CONHECER/SABER É VER uma teia de metáforas que estão interligadas/imbricadas, pois revelam qual a importância do conhecimento, assim como quais os pré-requisitos necessários para obtê-lo.

Na segunda categoria, verificamos a recorrência da metáfora AULA É UMA VIAGEM, em que observamos como o professor entende e define uma aula, ou seja, o meio/caminho para se chegar ao conhecimento e também pudemos constatar qual a postura/comportamento do aluno nesse processo de aprendizagem. A partir dessa metáfora fica bastante evidente que o professor define a aula tanto como uma viagem assim como um veículo utilizado para se chegar ao conhecimento, em que o professor é o condutor e os alunos são os passageiros.

Na terceira categoria, constatamos a recorrência da metáfora conceptual MENTE É UM RECIPIENTE que juntamente com as metáforas PALAVRAS/EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e IDEIAS SÃO OBJETOS formam uma teia de metáforas que estão interligadas, levando-nos à hipótese de que a concepção de linguagem que melhor representa essas manifestações linguísticas é a que trata a linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, a segunda concepção de linguagem.

A seguir, pode-se observar, como algumas expressões linguísticas atualizam a metáfora primária CONHECER/SABER É VER, em que pode ser apresentada como resultado de uma fusão do conceito sensorio de VER com o conceito “menos concreto” CONHECER/SABER. A recorrência da metáfora CONHECER/SABER É VER, como se pode constatar, revela o que significa entrar em contato com o conhecimento para o professor.

CONHECER/SABER É VER ou SABER É CLARIDADE (metáfora conceptual estrutural)	
Expressões Linguísticas	... veja que agora eu estou falando de frutos... que é um substantivo... e o alguns está acompanhando um substantivo... então... toda vez que o pronome está acompanhando um substantivo... ele é pronome adjetivo... ficou mais ou menos claro ou continua escuro? ... (aula 03, Professora B, p. 04)
	... ficou claro ou escuro isso? ... acho que não... teve gente que ainda não... sobancelha assim meio subida né? (aula 03, Professora B, p. 03)
	... eu vou colocar aqui no exemplo a palavra pra vocês verem como a palavra se estrutura... (aula 04, Professora B, p. 04)

A metáfora conceptual SABER É CLARIDADE é bastante recorrente, sendo atualizada por diversas expressões linguísticas como: “eu vou colocar aqui no exemplo a palavra *pra vocês verem* como a palavra se estrutura” e “ficou *mais ou menos claro ou continua escuro?*”. Pode-se constatar também que a metáfora conceptual SABER É CLARIDADE implica outras metáforas tais como: NÃO SABER É ESCURIDÃO e CONHECER/SABER É VER, COMPREENDER É PEGAR/VER e ENTENDER É AGARRAR, formando, assim, um sistema conceptual como um todo, ou seja, uma rede/cadeia de metáforas que estão imbricadas.

Toda essa cadeia de metáforas acima pode ser denominada de metáforas primárias, pois segundo Lakoff e Johnson (2003), as metáforas primárias são baseadas diretamente nas nossas experiências cotidianas associadas com nossas experiências sensório-motoras. Nesses recortes, pode-se verificar que *ver algo* implica *conhecer algo*, constata-se a existência de uma correlação entre a percepção visual e a tomada de consciência da informação dada.

De acordo com a classificação proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), essas atualizações metafóricas supracitadas são assinaladas como metáforas estruturais, pois o conceito de conhecer/saber é estruturado em termos do conceito de ver. É importante salientar que, para a compreensão dessa metáfora, é feito um mapeamento que envolve dois domínios conceptuais.

O domínio fonte (VER) é caracterizado por ser mais concreto, ou seja, é definido pelo conteúdo sensorial, ao passo que o domínio alvo é caracterizado como mais abstrato, em outros termos, é definido como uma resposta ao *input* sensorial. De acordo com a teoria neural, alguns aspectos do domínio fonte (VER) são mapeados parcialmente para o domínio alvo (SABER/CONHECER).

Christopher Johnson (1997), num estudo sobre a aquisição de metáforas em crianças, observa que elas aprendem metáforas primárias na base da fusão de domínios conceptuais. Johnson estudou como a metáfora CONHECER É VER acontece, demonstrando que a criança primeiramente usa “ver” literalmente, ou seja, apenas relacionado à visão. Depois há uma fase em que *ver* e *conhecer* são fusionados¹⁸, quando a criança diz algo como “Veja o que eu derramei”, em que *ver* ocorre

¹⁸ Termo que origina da palavra inglesa “conflated”; expressão utilizada no processo que funde duas expressões diferentes.

juntamente com *conhecer*. Só depois, de maneira mais clara, o uso metafórico de “ver” como em “veja o que eu estou dizendo” acontece. Observa-se que só após a experiência de fusão, é que a criança está apta a diferenciar os dois domínios conceptuais envolvidos (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 255).

O dicionário de língua portuguesa *Novo Aurélio Século XXI* (1999, p. 529) traz a definição de conhecimento como “apropriação do objeto pelo conhecimento, como quer que se conceba essa apropriação: como definição, como percepção clara, apreensão completa, análise etc.” Conforme as expressões linguísticas destacadas, podemos observar que entrar em contato com o conhecimento para o professor significa o aluno se apropriar das noções que estão sendo trabalhadas em sala de aula, fazer com que o aluno possa ter acesso a determinados conceitos que lhes sejam úteis posteriormente, é além de tudo trazer o aluno para a claridade, ou seja, pressupõe-se que o aluno esteja em uma zona meio escura e o professor quer trazê-lo para a claridade; diante disso, é possível afirmar que o desconhecido está para a escuridão assim como o conhecido está para a claridade.

No quadro abaixo, destacamos a recorrência da metáfora conceptual ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO, atualizada por diversas expressões linguísticas e que revela um dos pré-requisitos para se chegar ao conhecimento.

ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO (metáfora conceptual estrutural)	
Expressões Linguísticas	... já?... todo mundo aí?... <i>se liguem aí...</i> vamos lá... no último do h... logo embaixo aí tem aí algumas palavras... (aula 01, Professora A, p. 02)
	...renata querida vamos <i>ficar ligada</i> na aula né?... (aula 05, Professora B, p. 01)
	...estão lembrando né? <i>as lamparinas estão acesas né?</i> ... (aula 05, Professora B, p. 02)

As expressões linguísticas “*se liguem aí*”, “*vamos ficar ligada na aula né?*” e “*as lâmparinas estão acesas né?*” são atualizações da metáfora conceptual ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO, configurando-se como uma metáfora estrutural, que tem por base nossa experiência física e cultural. Conforme os estudos feitos e postulados por Lakoff & Johnson, postura caída corresponde à falta de atenção (ESTAR DESATENTO É ESTAR DESLIGADO) e postura ereta corresponde a um estado emocional positivo e/ou de atenção (ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO).

A expressão linguística “*as lâmparinas estão acesas né?*”, além de ser uma forma indireta de perguntar se os alunos estão atentos/conscientes ao que ela está explicando, também remete e atualiza a metáfora conceptual MENTE/ATENÇÃO É UMA MÁQUINA. Nesse caso, o termo “acesas” remete a uma máquina em pleno funcionamento, ou seja, é feito o mapeamento envolvendo dois domínios conceptuais, em que alguns aspectos do domínio fonte (MÁQUINA) são mapeados, parcialmente, para o domínio alvo (MENTE/ATENÇÃO), pois se todos os elementos do domínio fonte fossem mapeados para o domínio alvo, mente/atenção seria, de fato, máquina e não entendida como uma coisa em termos de outra.

As metáforas ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO e INTELIGENTE É PARA CIMA revelam que, para se chegar ao conhecimento, são necessários alguns pré-requisitos como ser inteligente e estar atento/ligado ao que o professor está explicando em sala de aula; caso contrário, o aluno não chegará ao conhecimento que o professor deseja.

No quadro a seguir, destacamos as metáforas INTELIGENTE É PARA CIMA e EVOLUIR É PARA CIMA, atualizadas por algumas expressões linguísticas, que revelam outro pré-requisito para se ‘obter’ o conhecimento.

INTELIGENTE É PARA CIMA ou EVOLUIR É PARA CIMA (metáfora conceptual orientacional)	
	...muito bem jaqueline... tá ficando inteligente... a inteligência da gente... ((risos)) a inteligência Jaqueline é uma evolução gatinha... vai subindo, subindo, subindo... a gente nunca tá pronto...você tá me

Expressões Linguísticas	entendendo né? (aula 08, Professor C, p. 03)
	...por exemplo... minha mãe é craque em datilografia mas eu não sou... e ela disse “eu fiz o curso eu era a melhor da sala em datilografia” e hoje ela sofre para digitar no teclado de computador... ou seja... veja só... <i>se eu não estiver em plena evolução eu paro né?</i> (aula 08, Professor C, p. 04)

A expressão linguística “*a inteligência* Jaqueline *é uma evolução* gatinha... *vai subindo, subindo, subindo*” é atualizadora da metáfora conceptual INTELIGENTE É PARA CIMA, configurando-se como uma metáfora orientacional, que tem por base nossa experiência orientacional (espaço), conforme a classificação proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Observa-se que a inteligência é uma das características da capacidade humana e, como é uma atividade racional, coloca os seres humanos acima dos outros animais, uma vez que o homem é o único animal dotado de razão. É interessante também percebermos que o Professor C conceptualiza a inteligência como algo que vai se expandindo e se ampliando.

Já a expressão lingüística “*se eu não estiver em plena evolução* eu paro né?” atualiza a metáfora conceptual EVOLUIR É PARA CIMA, caracterizando-se como uma metáfora orientacional que também possui por base nossas experiências físicas e culturais, de acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]). À medida que o tempo passa e se vai vivendo e experienciando as coisas, vamos juntando e obtendo cada vez mais experiências em nossas vidas, em todos os aspectos. Portanto, se não conseguimos acompanhar de forma bastante eficaz os avanços que o mundo nos fornece, ficamos estagnados no tempo e no espaço, sem progredir.

Na segunda categoria, destacamos a recorrência da metáfora AULA É UMA VIAGEM, que revela o caminho/meio pelo qual se pode chegar ao conhecimento e como o professor define e entende uma aula.

AULA É UMA VIAGEM (metáfora conceptual estrutural)	
Expressões Linguísticas	...bom dia carolina <i>você chegou e o trem tá andando...</i> você vai entrar assim?... nós já estamos no quarto bimestre e não tem o quinto... (aula 03, Professora B, p. 01)
	<i>...vamos partir aqui para onde eu quero chegar...</i> vejam eu vou colocar aqui outro exemplo... quando eu digo casa... casa é uma palavra primitiva não é verdade? (aula 06, Professora B, p. 02)
	... <i>olhe</i> a gente falou dos pronomes que são indefinidos pessoais interrogativos... <i>tá acompanhando leonardo?</i> (aula 03, Professora B, p. 02)

As expressões linguísticas “você chegou e o trem tá andando” e “vamos partir aqui para onde eu quero chegar” são atualizações da metáfora conceptual AULA É UMA VIAGEM, configurando-se como uma metáfora estrutural, de acordo com a classificação de Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Na expressão “você chegou e o trem tá andando”, observa-se que a aula é entendida como um veículo, ou seja, um trem. Já a partir da segunda expressão linguística “vamos partir aqui para onde eu quero chegar” pode-se depreender em outra metáfora conceptual: AULA COMO PROPÓSITO/DESTINO.

Observamos a existência de dois domínios conceptuais para a compreensão das expressões linguísticas metafóricas supracitadas, em que alguns aspectos do domínio fonte (VIAGEM) são mapeados para o domínio alvo (AULA) de maneira parcial, pois, se todos os elementos do domínio fonte fossem mapeados para o domínio alvo, a aula seria, de fato, um veículo, e não entendida como uma coisa em termos de outra.

Percebe-se também que, na expressão linguística “olhe a gente falou dos pronomes que são indefinidos pessoais interrogativos... tá acompanhando Leornado?”,

o professor solicita a atenção dos alunos para que eles possam lembrar o conteúdo que foi explicado na aula anterior, e a expressão linguística “*tá acompanhando Leonardo?*” é uma atualização da metáfora conceptual **COMPREENDER É CAMINHAR ACOMPANHADO COM UM GUIA**, em que o professor é concebido como um condutor, enquanto que os alunos são percebidos como passageiros. Com um maior grau de abstração, podemos também levantar a metáfora conceptual **APRENDIZAGEM/CONHECIMENTO/AULA É UMA VIAGEM**.

O dicionário de língua portuguesa *Novo Aurélio Século XXI* (1999, p. 231) define aula como “*explicação proferida por professor ou por autoridade competente perante um grupo de alunos ou um auditório*”. De acordo com as expressões linguísticas destacadas, observamos que o professor entende a aula como um ambiente propício para que os alunos possam aprender lições e exercícios ministrados por ele.

Assim como uma viagem em que se visita e se conhecem determinados lugares, em uma aula, o professor faz com que seus alunos conheçam determinados conteúdos para que lhes sejam úteis. Nessa viagem conduzida pelo professor (condutor), que é visto como um ser dotado de conhecimento, os alunos são aprendizes (passageiros) e só recebem as informações de forma passiva. A aula, nesse contexto, é vista tanto como uma viagem assim como um veículo utilizado para se chegar a um determinado destino (conhecimento).

Na terceira categoria, destacamos a metáfora conceptual **MENTE É UM RECIPIENTE**, bastante recorrente e atualizada por diversas expressões linguísticas, levando-nos à hipótese de que a concepção de linguagem que melhor representa as manifestações linguísticas dos professores informantes é a que trata a linguagem como instrumento de comunicação (2ª concepção de linguagem). Vejamos:

MENTE É UM RECIPIENTE (metáfora conceptual ontológica – metáfora do canal)	
	...de novo isso... <i>essa interrogação na cabeça de vocês... deu um branco foi?</i> (aula 03, Professora B, p. 01)
	...vejam que quando vocês começam a perceber

Expressões Linguísticas	a leitura e mentalizar internalizar a palavra camisola <i>vocês já vão ter a ideia na cabeça de vocês não é?</i> (aula 04, Professora B, p. 03)
	...está em que posição a sílaba tônica?... <i>eu quero que vocês olhem a palavra leiam a palavra separem na cabecinha de vocês...</i> (aula 05, Professora B, p. 02)

A partir das falas da professora B nas aulas 03, 04 e 05, identificamos as expressões “*essa interrogação na cabeça de vocês*”, “*vocês já vão ter a ideia na cabeça de vocês não é?*” e “*eu quero que vocês olhem a palavra leiam a palavra separem na cabecinha de vocês*”, as quais são manifestações linguísticas da metáfora conceptual MENTE/CABEÇA É UM RECIPIENTE, caracterizando-se, dessa maneira, como uma metáfora ontológica, segundo a classificação proposta por Lakoff e Johnson (2002[1980]).

A metáfora MENTE É UM RECIPIENTE faz parte também da rede de metáforas estudadas e exploradas por Michael Reddy (1979) denominadas de metáfora do canal. Conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), “a metáfora do canal não é simplesmente uma forma de falar sobre a comunicação, mas uma forma de pensar e agir quando nos comunicamos”. Como se pode perceber, a cabeça dos alunos é vista como um lugar (recipiente) onde se ‘colocam/depositam’ conteúdos e estes, por sua vez, podem ser “transferidos” para outras cabeças (recipientes).

É bastante evidente que essa metáfora conceptual nos remete ao clássico modelo da Teoria da Comunicação¹⁹, em que há um emissor que deseja enviar uma mensagem ao receptor através de um canal. De acordo com Koch (2006, p. 10), “o texto é visto como um produto da codificação de um emissor (professor) a ser decodificado pelo leitor/ouvinte (aluno), bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado”.

A metáfora MENTE É UM RECIPIENTE nos revela a crença de que a comunicação se estabelece de uma forma garantida, com êxito total e sem ruídos, em

¹⁹ Essa Teoria surgiu como resultado de trabalho de C. E. Shannon sobre a Teoria Matemática de Comunicação publicada em 1948, e citado por Gallager em 1968. (PIMENTA, 2002, p. 45)

que o ouvinte, simplesmente, pega o significado que está nas palavras e o coloca em sua cabeça. É um engano, entretanto, pensar que nos comunicamos de forma clara e unívoca, sem levar em consideração as nossas experiências para a construção do conhecimento.

No quadro a seguir, destacamos a recorrência da metáfora PALAVRAS/EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES, que é uma derivação/desdobramento da metáfora conceptual MENTE É UM RECIPIENTE, revelando, dessa maneira, a concepção de linguagem do professor através de sua prática pedagógica.

PALAVRAS/EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES (metáfora conceptual ontológica – metáfora do canal)	
Expressões Linguísticas	...lembra daquela história de pronomes substantivos e pronomes adjetivos é uma questãozinha que pode cair na prova... (aula 03, Professora B, p. 02)
	você é uma moça jovem não pode tá se assujeitando desse jeito... pois vamos agora entrar no assunto... (aula 07, Professor C, p. 03)
	...só lembrando pessoal que esses assuntos vão cair na nossa avaliação no final de mês de início do mês de outubro certo? (aula 07, Professor C, p. 06)
	...vejam que eu tô mostrando a palavra... aqui é o que gente?... o que que eu tirei da palavra aqui? ... (aula 06, Professora B, p. 04)
	...mas se eu colocar aqui na palavra esse s eu tô dizendo a mesma coisa? (aula 06, Professora B, p. 02)

	...quando você for criar novas palavras... essa parte vai sempre estar dentro da palavra por isso que ela é chamada de radical é porque não muda... (aula 06, Professora B, p. 03)
--	---

Além da metáfora conceptual MENTE É UM RECIPIENTE, abordada anteriormente, destacamos ainda outras expressões que estão no campo semântico da metáfora do *container* (recipiente) proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]). De acordo com a perspectiva aqui adotada, a noção de “prova”, “avaliação”, “assunto” e “palavra” são percebidos como recipientes, uma vez que essas expressões funcionam justamente como uma zona territorial, em que é possível observar certa superfície delimitadora.

Os excertos acima são manifestações linguísticas que atualizam a metáfora conceptual PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e fazem parte da rede de metáforas denominadas de metáforas ontológicas segundo a classificação proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

Outro aspecto que se deve levar em consideração, no que diz respeito às expressões “prova”, “avaliação”, “assunto” e “palavra”, é o fato de elas serem vistas como receptáculos que possuem conteúdo/significação. No exemplo, “mas se eu colocar aqui na palavra esse -s eu tô dizendo a mesma coisa?”, implica dizer que a palavra possui já certo significado e, no momento em que eu acrescento um novo elemento a essa palavra, seu significado/sentido é alterado.

No quadro a seguir, destacamos a recorrência da metáfora IDEIAS SÃO OBJETOS, atualizada por algumas expressões linguísticas que acabam revelando a prática pedagógica que alicerça o discurso do professor.

IDEIAS SÃO OBJETOS (metáfora conceptual estrutural)	
	... retire substantivos e forme frases com eles dando-lhes qualidades... você vai

Expressões Linguísticas	<i>pegar os substantivos aqui e vai dá qualidades...</i> já tem umas qualidades aí... (aula 02, Professora A, p. 02)
	...idéia que <i>você usa essa palavra</i> você inclui ela no seu texto né? (aula 04, Professora B, p. 03)

As manifestações linguísticas “*retire substantivos e forme frases*”, “*você vai pegar os substantivos aqui e vai dá qualidades*” e “*você usa essa palavra* você inclui ela no seu texto né?” são atualizações da metáfora IDEIAS SÃO OBJETOS, configurando-se como uma metáfora estrutural, conforme a proposta de Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

É importante destacar que, no exemplo “*você vai pegar os substantivos aqui e vai dá qualidades*”, é muito evidente que a palavra “substantivo”, nesse exemplo, parece ser realmente um objeto que se usa no dia a dia. No exemplo “*você usa essa palavra*”, também fica claro que o termo “palavra” se assemelha a um objeto que se usa no cotidiano.

Observamos, na terceira categoria, a recorrência da metáfora conceptual MENTE É UM RECIPIENTE que forma com as metáforas PALAVRAS/EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e IDEIAS SÃO OBJETOS uma teia de metáforas interligadas. Essas metáforas nos levam à hipótese de que a concepção de linguagem que melhor representa as manifestações linguísticas dos professores informantes é a que trata a linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, a 2ª concepção de linguagem.

Observa-se que o texto, nessa perspectiva, é visto simplesmente como produto de codificação de um emissor (professor) que envia a mensagem através de um canal para ser decodificado por um leitor/ouvinte (aluno), e este, por sua vez, é essencialmente passivo.

A língua é percebida como estrutura, e os professores, por sua vez, acabam se debruçando sobre os aspectos formais da língua: o estudo das classes de palavras, análise sintática de frases, nomenclaturas etc. Percebe-se que não se leva em consideração fatores como o contexto de produção, os efeitos de sentido pretendido

pelos interlocutores, as finalidades comunicativas, e os alunos não participam da construção do conhecimento.

É importante destacar que as implicações dos estudos pautados nessa concepção de linguagem resultam em um ensino meramente descritivo, como afirma Travaglia (2002). Os professores acabam enfocando um ensino de língua bastante reduzido, uma vez que os estudos serão centrados em aspectos descritivos da linguagem, ou seja, aquilo que conhecemos como estudo imanente da língua.

Em nossa análise, como foi constatado, não identificamos a recorrência de metáforas conceptuais, atualizadas por expressões linguísticas, que revelassem a 3ª concepção de linguagem. A língua, nessa perspectiva, é vista como um lugar de interação constante e os sujeitos (professores e alunos) são atores no processo de construção do conhecimento. Logo, filiamo-nos a esta concepção de linguagem, pois é a melhor representa o estudo da língua no contexto sociodiscursivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, fizemos o levantamento das expressões linguísticas metafóricas que atualizam as metáforas conceptuais no gênero discursivo aula e, para tanto, buscamos respaldo teórico na Teoria da Metáfora Conceptual, estudada por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e outros.

Como pudemos constatar em nossa investigação, a metáfora, anteriormente, era tratada como um ornamento linguístico, utilizada por escritores consagrados; após os estudos feitos por Lakoff e Johnson (1980), a metáfora passa a ser encarada como um recurso cognitivo que está presente no nosso dia a dia.

Utilizamos também os pressupostos teóricos das Concepções de Linguagem, propostos por Geraldi (2000), Travaglia (2002), Koch (2006) e Antunes (2009), para verificar, a partir das manifestações linguísticas, qual a concepção de linguagem que alicerça e denuncia a prática docente.

Com base nos dados apresentados na nossa análise, podemos tecer algumas considerações que relacionamos com a hipótese que foi levantada para esta investigação. Verificamos a recorrência de expressões linguísticas metafóricas no discurso de três professores de Língua Portuguesa, corroborando, assim, a tese de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) de que as metáforas conceptuais fazem parte da nossa vida cotidiana, assim também como do fluxo da nossa imaginação simbólica.

Apesar de termos utilizado a classificação de proposta por Lakoff e Johnson proposta em 1980, que classifica as metáforas em três tipos: as estruturais, as ontológicas e as orientacionais; sabemos que, após a revisão da classificação, em 2003, todas as metáforas conceptuais são estruturais, portanto, constatamos em nossa análise o predomínio das metáforas estruturais como CONHECER/SABER É VER, SABER É CLARIDADE, ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO, INTELIGENTE É PARA CIMA, AULA É UMA VIAGEM, MENTE É UM RECIPIENTE, PALAVRAS/EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e IDEIAS SÃO OBJETOS.

De acordo com os dados apresentados, na primeira categoria, pode-se observar que a metáfora conceptual CONHECER/SABER É VER é bastante recorrente em nosso *corpus*, atualizada por algumas expressões linguísticas como “*ficou claro ou escuro isso?*” e “*eu vou colocar aqui no exemplo a palavra pra vocês verem como a palavra se estrutura*”, revelando que entrar em contato com o conhecimento, para o professor,

significa fazer como que o aluno possa ter acesso a determinados conteúdos que lhes sejam úteis posteriormente, e, acima de tudo, entrar em contato com o conhecimento é trazer o aluno para a clareza.

Em seguida, destaca-se a recorrência da metáfora conceptual ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO, atualizada por algumas expressões linguísticas como “renata querida vamos *ficar ligada* na aula né?”, “estão lembrando né?... *as lamparinas estão acesas né?*”, e a metáfora INTELIGENTE É PARA CIMA, atualizada por expressões como “*a inteligência jaqueline é uma evolução gatinha... vai subindo, subindo, subindo... a gente nunca tá pronto...*”. A presença dessas metáforas revela que, para se ‘obter’ conhecimento, são necessários pré-requisitos como ser inteligente e estar atento/ligado ao que o professor está explanando, no contexto da sala de aula.

Verificamos a recorrência, na segunda categoria, da metáfora conceptual AULA É UMA VIAGEM, atualizada por algumas expressões como “bom dia carolina *você chegou e o trem tá andando... você vai entrar assim?*” e “*vamos partir aqui para onde eu quero chegar...*”, a qual revela como o professor entende e define uma aula e o caminho pelo qual se pode chegar ao conhecimento. A aula, então, é percebida como um ambiente propício para que os alunos possam entrar em contato com o conhecimento, e também é compreendida tanto como uma viagem quanto um veículo utilizado para se chegar a um determinado destino (conhecimento).

É recorrente, em nosso *corpus*, na terceira categoria, a metáfora conceptual MENTE É UM RECIPIENTE, atualizada por diversas expressões como “de novo isso... *essa interrogação na cabeça de vocês... deu um branco foi?*” e “*eu quero que vocês olhem a palavra leiam a palavra separem na cabecinha de vocês*”. Essa metáfora denuncia a postura dos professores informantes, ficando evidente que a concepção de linguagem que melhor representa as manifestações linguísticas dos referidos professores é a que trata a linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, a segunda concepção de linguagem.

Também verificamos a recorrência da metáfora conceptual PALAVRAS/EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES, atualizada por expressões linguísticas como “pronomes substantivos e pronomes adjetivos é uma questãozinha que pode cair *na prova*”, “só lembrando pessoal que esses assuntos vão cair *na nossa avaliação* no final de mês...” e “*mas se eu colocar aqui na palavra esse s*

eu tô dizendo a mesma coisa?”. Essa metáfora revela que o professor adota a linguagem como instrumento de comunicação no contexto de sala de aula.

Identificamos também a recorrência da metáfora IDEIAS SÃO OBJETOS, atualizada por algumas expressões linguísticas como “*retire substantivos e forme frases com eles dando-lhes qualidades... você vai pegar os substantivos aqui e vai dá qualidades... já tem umas qualidades aí*” e “*idéia que você usa essa palavra você inclui ela no seu texto né?*”. Essa metáfora também revela/denuncia que o professor através de sua prática pedagógica adota a segunda concepção de linguagem, ou seja, a linguagem enquanto instrumento de comunicação.

Como pudemos constatar na terceira categoria, a metáfora conceptual MENTE É UM RECIPIENTE, juntamente com as metáforas PALAVRAS/EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e IDEIAS SÃO OBJETOS, formando, dessa maneira, uma teia de metáforas interligadas, leva-nos à hipótese de que a concepção de linguagem que melhor representa as manifestações linguísticas no discurso desses professores é a que trata a linguagem como instrumento de comunicação (segunda concepção de linguagem); o professor usa a língua como algo pronto para ser ativado por ele quando for necessário, e o aluno é passivo no processo de construção do conhecimento.

Em nossa investigação foi constatado que algumas expressões linguísticas e suas respectivas metáforas conceptuais subjacentes são recorrentes no gênero discursivo aula em questão, revelando que alguns professores, os quais tiveram seus discursos analisados, percebem a linguagem como instrumento de comunicação (segunda concepção), com resquícios da primeira concepção de linguagem – linguagem como representação do pensamento - o que nos leva a hipótese de que algumas aulas de Língua Portuguesa continuam/permanecem permeadas pelas duas concepções tradicionais da linguagem.

No decorrer de nossa análise, não identificamos marcas linguísticas que revelassem a terceira concepção de linguagem, em que o professor e o aluno são atores na construção do saber; isto implica dizer que, por mais que os professores informantes digam que adotam a perspectiva de língua enquanto lugar de interação humana, pudemos observar que, na prática, as aulas continuam sendo trabalhadas de maneira tradicional.

Conforme as considerações acima, acreditamos que estamos ratificando a hipótese de que as expressões linguísticas metafóricas são recorrentes no gênero discursivo aula, revelando a prática pedagógica docente e, dessa forma, podemos afirmar também que as metáforas conceituais que estão na base dessas expressões linguísticas estão disseminadas no discurso do professor de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. (2002) **Arte poética**. (Tradução de Pietro Nassetti). São Paulo: Martin Claret.

BARCELONA, Antônio. (2003) **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective**. New York: Mouton de Gruyter.

ESPÍNDOLA, Lucienne. (2005) A metáfora ontológica na publicidade. In: **Revista do GELNE - Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**. João Pessoa: Idéia.

_____. (2003) O Gênero Discursivo Charge: Leitura e Ensino. Texto da comunicação apresentada no V Encontro sobre Mídia, Educação e Leitura no **IV COLE – Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas-SP: ALB/UNICAMP, 22 a 25 de julho de 2003. (Mimeografado)

_____ ; MENDES, Thiago. (2006) Metáforas conceptuais em editoriais com tema sobre economia. In: **Revista do GELNE – Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**. João Pessoa: Idéia.

_____ ; Lucienne. (2008) Metáforas conceptuais, gêneros discursivos e sentido. In: **VI Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa: Idéia, 04 a 07 de março de 2009, p. 2567-2574.

FARIAS, Emilia M. Peixoto; MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2006) A metáfora das cores na linguagem e no pensamento. In: PINTO, Abúncia Padilha (Org.) **Tópicos em cognição e linguagem**. Recife: Editora Universitária da UFPE.

FELTES, Heloísa. (s/d) **Semântica cognitiva e modelos culturais: perspectivas de pesquisa** (Mimeografado). Disponível em http://www.ucs.br/ucs/tplPOSLetras/posgraduacao/strictosensu/letras/professores/helois_a_feltes/artigo.pdf. Acesso em: 27 set. 2008.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. (1999) **Novo aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FREIRE, Paulo. (1987) **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FRANÇOSO, Edson; GIBBS, Raymond W. Jr.; LIMA, Paula Lenz Costa. (2001) Emergência e natureza da metáfora primária DESEJAR É TER FOME. In: **Cadernos de estudos linguísticos**. Vol. 40. p. 107-140, Campinas.

GRADY, Joseph E. (1997) **Foundations of meaning**: primary metaphor and primary scenes. 299 p. Dissertation (Ph.D. in Linguistics). University of California, Berkeley.

GERALDI, João Wanderley (Org.) (2000) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Editora Ática.

_____. (2002 [1996]) **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs.) (2006) **Gramática do português culto falado no Brasil**. Vol. 1. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

KOCH, Ingedore Villaça. (2006) **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez.

_____ ; Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. (2006) **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto.

KÖVECSES, Zóltan. (2002) **Metaphor**: a practical introduction. New York: Oxford University Press.

LAKOFF, George. (1987) **Women, fire, and dangerous things**. University of Chicago Press: Chicago.

_____. (1985) A metáfora, as teorias populares e as possibilidades do diálogo. Tradução de R. Ilari e E. Sabinson. **Cadernos de estudos linguísticos**, [S.l.], v. 9, p. 49-68.

_____. (1986) The meaning of literal. **Metaphor and symbolic activity**, [S.l.], v. 1, p. 291-296.

_____; JOHNSON, Mark. (1999) **Philosophy in the flesh**: embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books.

_____; JOHNSON, Mark. (2003) **Metaphors we live by**. Chicago and London: The University of Chicago Press.

_____; JOHNSON, Mark. (2002 [1980]) **Metáforas da vida cotidiana**. (Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDU.

_____; TURNER, Mark. (1989) **More than cool reason**: a field to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Press.

LEEZENBERG, Michiel. (2001) **Contexts of metaphor**. The Netherlands: University of Amsterdam.

LIMA, Paula Lenz Costa. (2006) About primary metaphors. In: **D.E.L.T.A.** Vol. 22, São Paulo: ed. especial.

_____; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes & MACEDO, Ana Cristina Pelosi. (2008) Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceptual. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES Heloísa Pedroso de Moraes & FARIAS, Emília Maria Peixoto. (Orgs.) **Cognição e linguística**: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Caxias do Sul, RS: Educ; Porto Alegre: Edipucrs. p. 127-165.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de & BUSSONS, A. (Orgs.) (2006) **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.

_____; FELTES Heloísa Pedroso de Moraes & FARIAS, Emília Maria Peixoto. (Orgs.) (2008) **Cognição e linguística**: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Caxias do Sul, RS: Educ; Porto Alegre: Edipucrs.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2008) **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. (1994) **Leitura, produção de textos e a escola**: reflexões sobre o processo de letramento. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras – Editora Autores Associados.

MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina. (Org.) (2005) **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Editora UFJF

ORTONY, A. (Org.) (1993) **Metaphor and thought**. Nova York: Cambridge University Press.

PAIVA, Vera Lúcia M. de Oliveira e. (Org.) (1998) **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte: Editora Universitária da UFMG.

PIMENTA, Maria Alzira. (2002) **Comunicação empresarial: conceitos e técnicas para administradores**. Campinas, SP: Editora Alínea.

PINKER, Steven. (2008) **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana**. (Tradução Fernanda Ravagnani) São Paulo: Companhia das Letras.

PINTO, Abuência Padilha. (Org.) (2006) **Tópicos em cognição e linguagem**. Recife: Editora Universitária da UFPE.

REDDY, Michael. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Org.) (1979) **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 284-324.

STEEN, G. (1994) **Understanding metaphor in literature**. New York: Logman.

SARDINHA, Tony Berber. (2007) **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial.

SILVA, Jailma Maria da. (2006) **As funções semântico-discursivas da metáfora conceitual em propagandas veiculadas em outdoors**. João Pessoa: UFPB. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (2002) **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8. ed. São Paulo: Cortez.

VEREZA, Solange Coelho. (2007) **Literalmente falando**: sentido literal e metáfora na metalinguagem. Niterói: EdUFF.

ZANOTTO, Mara Sophia; NARDI, Maria Isabel Asperti e VEREZA, Solange Coelho. (2006) Essays on metaphor in language and thought. In: **DELTA** [online]. Vol.22, São Paulo.

ANEXOS

AULA 01, PROFESSORA A, ENSINO FUNDAMENTAL

... amanhã ... as nossas duas aulas amanhã nós vamos pra informática... duas aulas boyzinha... terceira e quarta ... eu tava procurando mas já que você achou... deixa de tá desse jeito cara... rapaz, eu pensava que você era mais sério... já não se fazem mais homem como antigamente, né Damião?... mas não vou escrever não, é no caderno livro... olhe, vamos falar sim, mas antes... oi, boy...

vamos parar com essa, com essa cachorrada... senta aí e presta atenção... quando der nove e dez vocês me avisem... quando der nove e dez ... aí vocês me avisem que a gente vai embora já é nada... presta atenção aí na unidade quatro... vamos fazer bem rapidinho pra gente não perder muito tempo... e olhe que eu estou com o juízo doendo... não me aperrei não, viu?... página oitenta e um... sim eu quero saber a partir de quando nós paramos... nós fizemos até que página?... oitenta e três?... vamos lá vamos começar... complete as orações com sujeito... fizemos a e b... vamos fazer c e d... pode da::...página oitenta e quatro... continuação da atividade... letra c... na atividade ele diz: “complete as orações com sujeito”... cuidado pra não confundir sujeito com cabra safado viu?... sujeito é uma coisa.... cabra safado é outra tá?... safado é Damião... na letra c... devemos mudar os hábitos de consumo... quem devemos? nós... nós devemos... na letra d...atraem uma população... oitenta e quatro... lá no comecinho da folha oitenta e quatro... já amor?... é que você foi embora lembra?... oitenta e quatro... lá letra d... atraem uma população ... vocês estão com o ouvido aonde? não respondam... é perto do meio dos ói é?... já boy? É porque você não veio... depois a gente faz aí... foi por isso que ele me elogiou não foi Léo?... letra d... oi?...

e eu não sei que você é um menino santo... graças a Deus, Jesus!... eu vou até rezar uma prece nos pés dele pra São Damião... sei não... olha a cara... tem dois santos aqui... São Damião e São Léo... atraem uma população migrante... quem atraem?... eles... o verbo aí está na terceira pessoa né?... eles atrem... letra e... oferecem... eles aí no texto corresponde na verdade a ela... quem atrai a população imigrante?... são as metrópoles... se vocês quiserem podem colocar elas ou eles ou as metrópoles... de acordo com ()... metrópoles... se não quiser fazer nenhuma vá pra ponte que caiu de madrugada... boa noite Carlos, tudo bem? ... Mas ela só deixou a comida no meio... a letra e... oferecem muitos empregos...quem? quem oferece muitos empregos?... as empresas? elas né?... as empresas... vai desligar o celular ou vai me dar o celular... você vai desligar... mas não

vai me dar né?! eu sou inofensiva... eu prometo a você que eu vou cuidar muito bem
diretinho do seu celular... cale-se, eu pedi sua opinião? mas gosta de dar, né?...
opiniões!...é o quê Abreu? você tá apaixonado por Creusa? pois agorinha mesmo diga a
ela: “eu lhe amo minha flor”... tá Creusa... não acredito... diga a ele... eu posso até ter
sim... mas não fujo tô desejando boa noite... com licença... pois não... à vontade entre...
não é que tem gente que eu acho que nem é aluno daqui... depois eu dou a resposta... as
empresas... não... é elas ou você pode colocar as metrópoles... e aí seu Zé:... como é
que vai o senhor?... e o seu livro? como é que vai ele? êta que coisa boa... ele veio... é
pro senhor abrir aqui... louvado seja o senhor Jesus Cristo... digam pelos menos amém
minha gente... um bocado de alma viva aparecendo assim é um milagre... meu Deus...
menino onde é que tu andava?... menino cadê tu?... eu só queria ter a certeza que era o
senhor... pois não é.. chegou agora do trabalho foi?...ah:::... foi? aonde? ... tá com
inveja... tá com inveja duas semanas da... aqui tome... é né?... entre pra assistir aula...
já?... todo mundo aí?... se liguem aí... vamos lá... no último do h logo embaixo aí tem
aí... algumas palavras... O uso do h... tchau André... duas faltas... eu não acredito que ele
vai fazer isso com você não... ele mora perto da sua casa?... isso sim é que é amigo
bom... eu não vou botar falta em você não... mas nele eu vou... vá... agora eu não vou
colocar falta em você não... agora vou botar nele... a gente não sabe o que fazer pra
agradar... Se a gente brinca... tá de bom humor o povo não gosta... se tá de cara feia o
povo não gosta... ah:::... quero não Damião... quero não Damião... Léo sabe de tudo...
vamos ver aí no uso do h... nessas palavras que vocês tem aí hotel hospital hábito
habilidade hélice e herói entre outras todas elas são escrita com H certo?...
necessidade... já terminou? êta parabéns boa escolha... perai perai só essa só essa... eu
prometo eu prometo... vamos terminar esse aqui pra vocês irem tá?... terminou
pessoal?... terminou terminamos... vão pra casa... agora amanhã só vai ser uma aula de
informática e na outra a gente vai ter aula... vão pra casa... pelo amor de Deus... se
preocupe não... por favor... Damião... meu apagador... amanhã é uma lá e a outra cá...
Damião não usa cueca não... Léo disse que só usa quando vem pra escolar... Roberto
meu filho... não falte muito não ...você é muito estudioso... venha mais... arrume um
cordão pra amarrar suas calças... vou ver se arrumo um cordãozinho aqui na direção pra
amarrar suas calças... eu não me chamo Damião... eu fico imaginando assim via ... era
feliz... não era?... (aviso sobre possível camisa)... por favor qual é a cor que vocês tão
pensando em botar?... a turma viu... é amanhã boy... amanhã a gente vai concluir a

atividade... foi mas não se preocupe não... gente se preocupe não viu?... pelo amor de deus... de quem é?... ah:::... eu vou pegar pra guardar... brigado... é teu?... veja aí de quem é? tem nome?... é... oi Chiquinho!... bote dentro da bolsa... e ver quando for amanhã com certeza vai chegar algum dono...é:::... tem nome nadinha?... Nem dentro?... Se tiver amanhã aparece...o meu deus a bichinha... ligue... caiu que ela nem viu... mas hoje vocês tavam cá gota... vamos sair aí galera pra gente pegar o beco...

AULA 02, PROFESSORA A, ENSINO FUNDAMENTAL

... nós vamos fazer uma atividade que será em grupo... mas antes de fazer esta atividade... ()... ele acabou de rodar... a atividade que será em grupo... mas de fazer esta atividade... vai entrando na rodinha aí... pode entrar entra aí... não Léo tu pega o beco... quem não for daqui tchau pega o beco...vá se bora rapaz... minha mãe é loira por incrível que pareça é verdade... é verdade... é a minha infelizmente ou felizmente... o negrão era meu pai que já morreu tem vinte e sete anos... mas a minha mãe era loira e tinha olhos azuis de cabelo amarelo... agora acredite se quiser mas é verdade... olha, meu pai é um negão... a coisa mais linda do mundo era né?... porque faleceu... negão com metro e noventa e cinco saradinho de olhos verdes e cabelo bem cuidado... nada...só quando ele quer né?...

vou não...eu não vou... a história é a seguinte: nós vamos fazer uma atividade pra poder escolher o grupo... não vai ser escolher um colega... nós vamos escolher o grupo... vocês vão arranjar... cada vai um de vocês vai escolher um colega e vai pegar na mão... um par... um assim... pega assim... um na mão do outro... um pra dentro e um pra fora assim.... como tá eu e tu né amor?... olha a carinha dele... já escolheram?... façam um par... bora rápido... já escolheram a pareia? ... façam um par... um pra dentro e um pra fora assim... já?... cadê::?... cadê::? quem tá sobrando?... não quatro não... é de DOIS... presta atenção... olha... nós vamos... não é o seguinte... vamos fazer o seguinte...nós vamos desmachar um par para formar um outro... quem tá preso aqui na mão é a casa... quem vai ficar sozinho é o portão... presta atenção... é o sanduíche... não não pode... uma entra aqui... deita... e a outra deita aqui... pronto, pode ... presta atenção, presta atenção... toda vez que eu disser: “casa”... oh::, tem um portão aqui sobrando... quando eu disser “casa”... quem tá dentro da casa... o portão se dana na carreira tão grande arranja outro lugar pra ficar... não pode ficar na mesma casa... tem que ficar na outra casa... quem sobrar vais ser o portão...

presta atenção... quando eu disser três... presta atenção... menino me ouva... só vale quando eu disser casa... um dois três... casa... quem sobrou?... quebrou a venta... quebrou o pau. quebrou o pau? ... voltou... um, dois, três ... home, tire o negocinho da boca... um dois três casa... presta atenção... um dois três casa... vai::: até que fim mudou... presta atenção... esta é a última vez... um dois três casa... presta atenção... ó::... um dois quantas casas?... uma duas três quatro cinco seis sete oito... essas oito casas vão

ter que se transformar em quatro casas.... presta atenção... o morador dessa casa... o portão dessa casa vai ter que sair da casa dela... pra tentar convencer outro morador... com casa e tudo... morar com ele... é a sua vez fique à vontade... ela vai lá e vai tentar conseguir trazer... oferecer alguma coisa pra poder se mudar... o morador daqui vai ter que convencer o morador dali a morar com ele... arranja alguém aí.... convença alguém... pronto... vocês é?... cada casa dessa é um grupo...vamos ter que juntar esses grupos. grupo um... dois pronto... três e grupo quatro... para acalmar os ânimos eu posso saber o que essas duas fazem juntas?... para acalmar os nervos... perguntaram a () o que mais lhe surpreende na humanidade?... e ele respondeu... “os homens porque perdem a saúde para juntar dinheiro... depois perdem o dinheiro para recuperar a saúde... e por pensar ansiosamente no futuro... esquecem do presente de tal forma que acabam por não viver nem o presente nem o futuro... e vivem como se nunca fossem morrer... e morrem como se nunca tivessem vivido”...

gostaram?... também se não gostaram eu nem ligo... prestem atenção... nesses envelopes... envelopes?... aqui tem mais do que dinheiro... cada equipe vai pegar um pacote de... sim menino... como é que eu falo um negócio desse?... cada equipe vai ganhar um envelope desse... nesse envelope tem uma atividade... preste bem atenção... é uma surpresa gostosíssima... muito boa... antes de começar a atividade leiam tudo... o papelzinho é desse tamanho... as atividades são bem pequenininhas certo?... tá aqui... se tocar pro intervalo... der a hora do intervalo... a gente vai para o intervalo... vocês colocam tudo no envelope... colocam o nome da equipe aqui e eu levo... ok?... isso... tudo bem... mas já que você chegou aqui... esse é seu objeto... pode ser... Sim... vão ler para o grupo primeiro e depois vão ler para a turma e vale dez... oi:::... cadê o seu comando... este é seu objeto... como ele é?... o que é que está escrito nele... aí você vai ver... tem várias palavras né?... você vai ver tudo inclusive números também... Retire substantivos e forme frases com eles, dando-lhes qualidades. Você vai pegar os substantivos aqui e vai dá qualidades... já tem umas qualidades aí... tem uma qualidade aí... aí você primeiro ler para o grupo... e depois vai apresentar para a turma... é meu bem... e aí querida tudo bem?... entendeu direitinho? não... tudo desse aí... só desse objeto... não letras maiores... pequenininhas não... letras maiores né... que chamam mais atenção... tem aí né várias... sim... isso... você cria uma história sobre esse produto ou então você pode contar uma história real que você soube de alguém, alguém que usou o creme dental e aconteceu alguma coisa e tal... eu vou entregar o material e o que é que

vai fazer?... toda atividade será feita no papel pra ser apresentada para os grupos... é::... e depois esse daqui... vou pegar o lápis... não é a atividade de vocês... deixa eu pega:: a faca... olha a faca... olha a faca... (pausa longa)... tá mais apumado... é que tem que escorar... é a moral... Oi?... Oi?... deixa ver quantos lápis eu tenho aqui hidrocor... tem algum aí?... tem um azul um vermelho um vermelho tem que ter mais um... mais um... deixa eu pega:: um outro... oh:: pequena oh:: pequena... diga que são dois lápis DOIS lápis... não esqueçam de no cartaz colocar o nome da escola em cima ()... o nome da equipe e depois vocês fazem a atividade... esse material que eu dei pra vocês... vão pregar no cartaz viu?... são os ingredientes de vocês... é o tempero... colocar aqui... tenho não filho... pra vocês pegarem o objeto de vocês e colarem no cartaz... se vocês não colocarem como é que eles vão saber?... a gente... tudo que vocês fizerem preguem no cartaz... prega o objeto o produto de vocês... que também dá... se não fizeram isso a partir de quê?... Se não colar com aquela... pode sublinhar... passa um tracinho aí... dê um jeito... desde que o bicho fique bem claro... pense numa coisa boa é ganhar nota sem fazer nada... só a graça né não?... olha... vamos participar do grupo... tem que participar viu moço... valdson vá pra um grupo... colocaram o nome da equipe?... o nome da escola e a data... e aqui do lado... aí aqui do lado... ah:: bom... olhe o papelzinho é pra devolver viu?... a atividade... cuidado pra não perder... é pra devolver... coloca de volta no envelope e devolve... e agora? oi? casa de uma bola... tu acha? sei não visse... é braba viu?... você quer esse negócio quer?... esse é macho todo viu... se eu fosse tu eu subia... é porque eu não tenho mais idade pra subir... que qualidade de homem é esse?... isso muito bem... esse aqui esse pedaço... é boa idéia... colou ali... valeu meu camarada... obrigado meu camarada... e aí povo como é que tá o negócio?... tá bom ou tá quase bom? ... o negócio tá andando tá ficando bom... posso botar aqui o bicho pelo buraco?... faça alguma coisa João Batista... tu gosta dele é?... isso... muito bem Henrique... muito bem... decente demais rapaz... fazer um negócio desse... deixa eu botar aqui essa mala...me dê meu papel... bota alí com durex prega aqui atrás... quem terminou?... ah::... depende da qualidade da qualidade... já? vo preparar o palco para apresentar a cena... vem a equipe toda... tem que vir todo mundo pra frente que tem palco para todo mundo... tu é dessa sala é::?... e não tá fazendo nada porque boy?... ah:: tai doente é?... passeando na escola... vai morrer longe visse... quem tem horas aí?... vejam aí a hora... gente... aqui... senhor?... no banheiro tem... banheiro. Aqui não senhor... quem terminou a atividade...

AULA 03, PROFESSORA B, ENSINO FUNDAMENTAL

indefinido... vamos colocar aqui só pra gente lembrar... alguém já falou aí interrogativo né?... tratamento... pessoal oblíquo... menino... tão olhando né?... no caderno... pessoal reto relativo... indefinido... ah::: quando eu estou copiando vocês aceleram né?... quando eu estou ditando vocês querem devaga né?... possessivo que mais gente?... indefinido... só gente?... Só são esses... óh::... é muito bonzinho ficar falando dos pronomes né?... mas e aí como eu vou saber classificar cada um dele sem olhar para o caderno né?... lembra quando a gente falava guardei-os comigo contigo... tá falando de quais pronomes?... lembra quais são as pessoas do discurso?... quais são as pessoas do discurso? eu tu ele nós vós eles... Carla você não entendeu que nós estamos no meio de uma aula... tá bom demais... bom dia Carolina você chegou e o trem tá andando... você vai entrar assim?... nós já estamos no quarto bimestre e não tem o quinto... quando pega a prova... faz aquela cara de espanto que não sabe nada professor incompetente... comigo... como é que eu uso... Alberto presta atenção... depois você vê esse negócio de matemática

olhe pro lado de cá... eu to do lado de cá olhe... olhe nos meus olhos... a gente falou da pessoa do discurso... mas que danado é essa pessoa do discurso... a pessoa vai lá no palanque e olhe o colega tá falando... as pessoas do discurso são as pessoas que estão no texto e não precisa ser somente pessoa pode ser animais... então... o que tava falando, a pessoa que fala, a pessoa com quem se fala e a pessoa de quem se está falando né... então vamos vá... então vamos expor aqui as pessoas do discurso: eu tu ele ela nós vós eles elas... então quando eu digo... nós precisamos melhorar... eu me incluo com vocês porque... pode entrar... hoje tá difícil viu... conta gota viu de pingo em pingo

eu é que pessoa?... primeira pessoa do caso reto... eu acho que vocês não entenderam... Carol nós estamos no andamento de aula... todo dia isso... ah meu Deus Senhor... estamos tratando de que?... só um minutinho... Só você está participando... qual a função do pronome?... pra que serve o pronome? para substituir... só para substituir?

eu vou sair e ele vai ficar no meu lugar é::? hum... de novo isso essa interrogação na cabeça de vocês... deu um branco foi?... qual é a outra função?... lembra qual foi? vamos Patrícia me ajude... preste atenção hein... aqui o que é que tá acontecendo? ah Jesus... então isso quer dizer... olhe se o problema for a cadeira pra prestar atenção na aula...

mas o problema é uma coladinha na outra... olhe a gente falou dos pronomes que são indefinidos pessoais interrogativos tá acompanhando Leonardo... então eu perguntei pra turma qual é a função do pronome... aí alguns alunos responderam... vocês lembram o que disseram aqui? aí eu dei alguns exemplos... lembra daquela história de pronomes substantivos e pronomes adjetivos é uma questãozinha que pode cair na prova

posso continuar?... vamos lá gente... acordem por favor acordem... essa aí é inventada viu?... podem prestar atenção... posso continuar? presta atenção aqui oh... pronome substantivo e pronome adjetivo... que danado é isso?... vou colocar aqui ó... todos fizeram a tarefa?... uma leitura bem bonita né?... qual é o pronome que está aí por favor? esse pronome está substituindo que possibilidade de substantivos?... calma calma... todos fizeram a tarefa?... que possibilidade é aqui? a minha mãe?... não? não que a mãe não faça tarefa... mas geralmente a gente fala a gente tem tarefa... então qual a possibilidade de todos aqui? aluno estudantes professores supervisores coordenadores diretor... vejam que essa palavra tá substituindo pessoas... a possibilidade é aluno crianças né?... adolescentes estudantes né isso?... então se ela está substituindo é um pronome... está substituindo um nome então é um pronome?... não está substituindo um nome? fizeram a tarefa... Paulo e Ricardo fizeram a tarefa?... não está substituindo essas pessoas? alunos do sexto ano B né?... então alunos do sexto ano B fizeram a tarefa... substituindo um nome... alunos do sexto B fizeram a tarefa... então essa palavra aqui é um pronome e tá tendo essa função... então é chamada é classificado de pronome substantivo por isso... ele não está acompanhando um nome... está substituindo... olhe aqui... aquele professor nos viu... aquele professor nos viu... aonde?... na quadra... olha só eu tenho aqui esses pronomes... o professor nos viu... olhe aquele professor nos viu na quadra... veja que a pessoa do discurso aí tá dando a informação... tá dando uma informação de que alguém... esse professor né?... viu a gente... esse nos viu é viu a gente né?... no popular é viu gente né?... nos viu... esse pronome aqui também está substituindo... substituindo quem? qual a possibilidade desse nos aí... nos viu... eu e outras pessoas né? Menino tá um negócio sério aqui hoje... olhe eu tô preocupadíssima porque isso vai sair no fantástico... é uma novidade esse povo conversando... nunca me fizeram isso vi isso... Bruno por favor né querido?... então vamos lá... aqui oh::... esse nos é um pronome

aquele professor nos viu na quadra... observe que nos aí... está substituindo nomes pessoas né?... então ele aqui é um pronome substantivo... mas aquele está

acompanhando um nome que é professor... então aqui é um substantivo... essa palavra ela está acompanhando... então aqui ela é classificada como pronome adjetivo... ficou claro ou escuro isso? Acho que não. Teve gente que ainda não... sobancelha assim meio subida né? ... com cara de dúvida... tem alguém com dúvida aí?.. me diga aí meu amor qual é a dúvida? não entendeu esse negócio de adjetivo?

olha não é que o pronome deixou de ser pronome e passou a ser pronome adjetivo não... não é que o pronome deixou de ser pronome e passou a ser substantivo... substantivo é substantivo... adjetivo é adjetivo e pronome é pronome... agora como o pronome é uma palavra que ela pode substituir... substituir um nome né?... e pode também acompanhar... então elas podem... os pronomes podem ser classificados desses dois tipos... quando ele está substituindo ele é chamado de pronome substantivo... quando ele está acompanhando o nome ele é chamado de pronome adjetivo... isso... a função de cada um dele... Eu vou colocar aqui... Eu e você ... per aí... iremos... iremos ao cinema... pronto... oh::... quais são os pronomes aqui por favor? quais são os pronomes? nessa frase aqui onde é que tem pronome? quais são os pronomes aqui? eu e vocês são pronomes substantivos porque podem estar se referindo substituindo qualquer nome... a professora Marlene e Dalva irão ao cinema entendeu?... então esse eu aqui pode ser qualquer pessoa... preste atenção... e você é qualquer pessoa do discurso você... esse você pode ser seu pai seu irmão seu tio seu professor seu amigo seu vizinho... é que esses nomes substituem nomes... essas palavras... elas estão aqui com estão aqui com essa função de substituir nomes... então essas pessoas aqui, essas palavras estão substituindo nome substantivo né?... então quando ele substitui... ele é pronome substantivo... mas se ele acompanha... se você diz assim... comprei algumas canetas... quem comprou algumas canetas?... quem comprou algumas canetas? Mas está escrito aqui?... tá implícito né?... não... está implícito tá escondidinho né? na desinência verbal... então comprei algumas canetas... então quem sabe quem fez a ação?... eu né?... qual é o pronome aqui gente?... algumas várias canetas muitas canetas bastantes canetas é... olhe que essa palavra está acompanhando um substantivo... se eu dissesse assim vi alguns... fora do contexto... claro né... se eu estou numa conversa e digo assim... você viu os atletas?... vi alguns... então dentro da nossa conversa cabe essa resposta e ela é clara... por que? porque a gente tá falando de um assunto... vi alguns... então dentro da nossa conversa ele tá entendendo que esse vi alguns são os colegas que ele perguntou... presta atenção... mas se eu coloco a frase assim solta na lousa aí solta... essa frase

solta... vi alguns... ela deixa claro isso?... por isso que alguns é pronome indefinido... quando você diz vi alguns e você não está sabendo o contexto... o que tá acontecendo... o assunto... você fica voando né?... então você percebe o que esse alguns está substituindo um nome... então ele é considerado um pronome substantivo... mas se eu dissesse assim... vi alguns frutos maduros... veja que agora eu estou falando de frutos... que é um substantivo... e o alguns está acompanhando um substantivo... então... toda vez que o pronome está acompanhando um substantivo... ele é pronome adjetivo... ficou mais ou menos claro ou continua escuro?... tá entendendo... então aqui eu substitui uma pessoa... aqui também... aqui ele está acompanhando um nome e substantivo caneta... várias canetas poucas canetas algumas canetas nenhuma caneta tá?... então tá aqui... vi alguns frutos maduros... alguns está acompanhando o nome e substantivo frutos... ou frutos maduros né?... alguma pergunta? tô sentindo que vem uma pergunta aí... vem uma pergunta?... diga... olhe quem aponta que o outro quer perguntar é porque tá querendo perguntar... vocês sabem que eu não gosto desse negócio de ficar quem vai ler... fulano lê... diga qual é a pergunta Fernanda?... na próxima aula a gente vai...

AULA 04, PROFESSORA B, ENSINO FUNDAMENTAL

quem tiver trabalho sobre narração aí...vamo trabalhar... Cristiane faz um favor pra mim?... aí faz bem rapidinho ta?... gente olhe... ei:... sentiram a minha falta ontem... olhe eu não estava doente pelo amor de Deus....mas nem um pouquinho... ei a vingança será maligna viu... me aguarde...ei vamos trabalhar né? olhe...olhe...olhe o pensamento de hoje...pronto? Já?... Gente olhe... hoje a gente não vai escutar a melodia... a gente só vai ler tá?... não rasge não amasse não risque que não lhe pertence seja educado... falta alguém receber? mais alguém? minha filha, quem não chora não mama... vocês nunca mamaram na mãe de vocês? atenção... nono ano... nono ano por favor... silêncio... Oh:... o que eu falei antes a música ela convida viajar sem prejudicar a saúde sonhar né?... até mesmo delirar de uma forma poética... música a música ela proporciona momentos de êxtase de alegria de prazer pela melodia satisfação né?... então, sem efeitos colaterais, como eu disse antes e sem viciar a saúde né?... então aí Azul da cor do mar... a partir da próxima aula a gente vai trabalhar a questão da musicalidade... porque não é o momento agora tá? primeiro vamos absorver a letra... vamos ler... vamos entender um pouco... pra gente poder conseguir trabalhar com vocês com ela... podemos começar a leitura? vamos fazer a leitura agora ok? (Leitura da música) essa é uma música bem tranquila... porque eu tentei assim... eu vi bocas paradas assim né... vamos participar né?... essa música eu acho que vocês conhecem né... é uma canção maravilhosa do Tim Maia... é muito conhecida... muita gente conhece... vamos fazer a releitura né?... vamos gente? (Faz a releitura da música). aqui leu em libras agora na hora de tagarelar alguém tem alguma coisa a dizer sobre a música... o que ela tem a ver com a nossa alguém já ouviu dizer assim... ei tá tudo azul?... quer dizer ta tudo bem alguém sabe dizer o que significa a palavra azul... pode ler gente... leiam... a partir da palavra azul eu posso formar que palavra... olha só... azular tornar azul né?... perceberam que a partir da palavra azul foi formado novos vocábulos que fizeram com elas ficam diferentes de significado... e a palavra mar? marítimo maré maremoto maresia maria marinheiro mares... voltando aqui por favor... a partir da palavra mar nós podemos ter a possibilidade de formar novas palavras tá?... e observe que a essa palavra também...como azul... foram colocados elementos posterior

ao radical... vejam que todas elas tem na estrutura mar que é a parte fixa... presta atenção aqui por favor... vejam que eu transformei o sentido e o significado após maresia marítimo estão relacionados a palavra mar... quando eu digo azulzinho azulado... a palavra raiz... palavra base de significação é azul... então eu tenho a possibilidade de transformar criar palavras com novos significados e novos mundos... mas o que que isso tem a ver com a nossa aula?... que que tem a ver com a música? a música foi só um gancho... a gente pode trabalhar também com motivação... Motivado motivando... por favor preste atenção... olha só vocês pode ler comigo ali aquela palavra?... motivo, motivação, motivado, motivável... e posso criar outras né? desmotivado desmotivando... olha só qual a parte da palavra aconteceu como em mar, como em azul... parte da palavra que ficou fixa? olha só... desmotivado será que essa palavrinha ta dando um outro sentido a palavra? olha quando eu digo estou desmotivado... eu tô falando de elementos mórficos... elementos mórficos, a gente ta falando de elementos mórficos... não é mofos não... de morfologia de morfema tá?... de estrutura da palavra tá?... toda palavra... ela sofreu um processo de formação... mas antes de ver o processo que ela se originou... a gente estuda sua estrutura... a palavra não é formada de letras letras? o parágrafo não é formado de palavras? um capítulo não é formado de parágrafos e um livro é formado de capítulos né?... página por página? então a palavra... a palavra possui um elemento... possui elementos de significação... que nós chamamos de radical... o radical é o mais importante porque trata da raiz da palavra que fundamenta o vocábulo... quer dizer a partir do nome primitivo eu posso criar novas palavras... então a partir dessa idéia agora não é martelo não né? Porque tem mar martelada martelinho... é que vai criando a palavra que a idéia de martelo ferramenta é que vai me dar a possibilidade de criar novas palavras martelada martelou martelinho né? martelando certo?... então é a partir deste elemento mórfico se tratando do radical nós criamos novas palavras... vamos ver se a gente consegue na letra outras palavras pra gente trabalhar... vo:: copiar viu esse... aí viu?... vou colocar aqui mundo viu?... mundo mundinho mundial... vou colocar aqui gente... oh:: gente gentinha gentil... não gentil é outra coisa... olha só vou ver outro aqui... sonho olha aqui sonho sonhado sonhos... você não diz não... eu tenho sonhado coisas boas ultimamente? sonhando... vejam que o elemento mórfico raiz... vou ver outra aqui... a palavra é cor... corzinha cores... olha vida... vida vidinha... então vamos voltar pra cá... deixa ver se eu acho outra... olha

procurar procurando procurado né? procuração procurei então a gente pode nascer nascimento nascido né?... sofrer sofrimento sofrido né?... e outras e outras... então o que são esses elementos mórficos? são elementos que formam que possibilitam a formação de uma palavra a estrutura de uma palavra na verdade... elementos mórficos... nós temos o radical e a vogal temática... vamos primeiro trabalhar esses dois aqui tá? vogal temática... eu vou colocar aqui no exemplo a palavra pra vocês verem como se a palavra se estrutura... infelizmente essa palavra tem uma carga de significação quando você diz infelizmente eu não consegui tal e tal coisa... idéia que você usa essa palavra você inclui ela no seu texto né?... de lamentar um fato infelizmente... mas essa palavra quando ela possibilitou esse significado ela se originou de uma palavra raiz feliz... Vejam que surgiu elementos antes e surgiu elementos depois... nós chamamos de elementos mórficos radical e elementos mórficos prefixal e sufixal... prestem atenção... o Brasil precisa de vocês... posso continuar? então eu vou colocar aqui camisa... camisa é um substantivo né? e é uma palavra primitiva... por que a gente considera uma palavra primitiva? porque a partir dela nós criamos novas palavras né? então camisa camisão camisola... bora gente... camiseta camisola to ouvindo aí camisola camisinha que mais? camisaria bora gente abre aí os neurônios, pra vê se funcionam.... camiseiro

camisa	já	tem	né?
--------	----	-----	-----

gente pelo amor de Deus... bora aqui acorda acorda please... aqui oh:: vamos ver aqui... camisa camisola camisinha... e se digo descamisado é uma expressão usada não lembro se foi por FHC né? então olha só camisa a partir da palavra camisa foram criadas novas palavras... atenção aqui oh:: camisão camiseta... vejam que cada palavra que nós vamos lendo elas vão incorporando outros significados... presta atenção por favor... outros sentidos camiseta camisola... vejam que quando vocês começam a perceber a leitura e mentalizar internalizar a palavra camisola vocês já vão ter a idéia na cabeça de vocês não é?... significante e significado... aqui oh:: camisola camisinha... qual é o tipo de camisinha que eu tô falando aqui? tem a camisinha o preservativo e tem a camisinha do bebê né? porque a camisinha ela é... esse termo é muito vamos dizer assim de uns anos pra cá porque era camisa de vênus... o nome era camisa de vênus... aí agora chama preservativo ou camisinha... tá bom aí né? a camisinha ela também pode ser a dor bebê ou a usada no ato sexual... camisaria olha a idéia de camisaria... local onde se confecciona ou se vende né?... camiseiro ou lugar onde se guarda ou alguém que confecciona... camiseiro era um móvel utilizado antigamente... hoje não existe mais

isso... descamisados a gente já já falou... camisas a idéia de plural... quais são os elementos mórficos que nós vamos encontrar aqui... a primeira coisa que nós vamos encontrar é o radical tá?... que é essa a parte fixa vejam que o radical está ele está presente em todas as palavras que foram derivadas de camisa... a parte onde houve a mudança deixa de ser radical ok?... a parte onde houve mudança deixa de ser um radical... vejam que eu estou tirando apenas o radical... por que professora a senhora tirou... uma provável pergunta né? por que professora a senhora assinalou até o S porque depois do S houve transformações de letras vocábulo... é desculpem de fonemas... então aqui eu tenho... onde houve mudança deixou de ser um radical a partir da parte física de cada palavra que foi criada... derivada só até o S é a parte física nós chamamos de radical tá?... então agora nos seus caderninhos nos seus rascunhos tentem colocar palavras cognatas... oh:: ou cognato...

a palavra terra eu quero que vocês coloquem a palavra terra... povo coloquem aí por favor... janela pedra livro e ferro... gente agora nesse momento now palavras a partir dessas aí vamos lá... agora nesse momento... quero ver a criação... alguém pode recolher o texto, por favor? amanhã a gente trabalha essa canção eu vou trazer esse cd pra gente cantar tá bem?... amanhã a gente trabalha e vê a canção... falta alguém entregar a narrativa? algum devedor? algum devedor?... olhe vocês tão pensando que eu vou ficar recebendo a semana todinha esse trabalho é? eu sei que vocês são pessoas ocupadíssimas né? muitos compromissos filhos maridos esposas... hoje eu tenho duas aulas aqui?... só uma né?... mas segundo Valéria já vai tocar... aí não dá tempo não... olha vocês escaparam por um triz... olhe quem fez o trabalho escapou fedendo viu porque somou com o trabalhinho e ficou com uma nota razoável viu

AULA 05, PROFESSORA B, ENSINO FUNDAMENTAL

sim tudo bem... e hoje é sexta-feira até quando?... até meia noite? diga...diga...diga ... olá... bora gente senta aí... vamos lá encerrou aí o assuntosinho musicólogo... já encerram?... vamos lá... olhe a gente vai encerrar hoje... porque a gente já estudou um pouquinho de concordância... a gente vai porque o tempo vai está muito curtinho nesse quarto bimestre tá?... então a gente vai parar na posição da sílaba tônica ok?... eu quero todo mundo anotando tá?... bora lá gente... olha quais são as sílabas quanto a acentuação?... quem é que lembra aquele negócio da sílaba tônica tal? quem é que lembra alguma coisa?... o som mais forte... o que é que o som mais forte? o som mais forte de que? da palavra né?... então como é que a gente chama a sílaba mais forte? a gente chama ela de quê? tônica tônica por que a gente toma um remédio e fortalece?... NÃO::?... tônica porque a gente pronuncia ela com mais força com mais intensidade... Renata querida vamos ficar ligada na aula né?

deixe esses outros problemas para mais tarde pro intervalo... tás vaga é?... tchau meu querido tchau good bye... olha só... pois é tá atrapalhando o que vocês querem né?... tem muito isso né?... é a caneta é o corretivo é o lápis de cor... a gente tava falando de que mesmo?... ah::: a gente tava falando de que mesmo? sílaba sílaba o quê? sílaba tônica... só existe a sílaba tônica na palavra?... não existe também existem também as sílabas fracas né?... numa palavra todas as sílabas são tônicas? não não né?... só há uma mais tônica e a outras pré-tônicas e outras átonas né? olhe a conversinha aí vai começar de novo... preste atenção presta atenção... então quando a gente tá falando de sílaba tônica a gente tá falando da sílaba mais forte mais intensa da palavra... então quando a gente pronuncia uma palavra indica... eu quero que vocês... eu quero que vocês leiam essa palavra sem acentuação tá bem?... não leiam agora... olhe vocês vão ler essas palavras sem o acento... como é que a gente leria essas palavras sem acento?... não como é que eu leria essas palavras sem acento? não vocês tão lendo a palavra como ela é quando vocês aprenderam... eu quero que leiam sem o acento... tá vendo que vocês como já conhecem a palavra e sabem que ela tem acento...

vocês leem já com a acentuação tônica? mas se eu for ler aí na íntegra eu vou ler o quê? gramática gra-ma-ti-ca né? por quê? porque na ausência do acento eu vou ler a palavra como ela tá aqui... mas a palavra não é assim né?... então matemática o professor de ma-te-ma-ti-ca já chegou?... não né? então matemática percebam tá?... semaforo o se-

ma-fo-ro tá quebrado... o que é semaforo? por que vocês que esquecem esses acentos se vocês sabem que não podiam ler?... agora lampada a lam-pa-da está apagada... eu preciso comprar uma lampada... então a lâmpada olha lâmpada... lógica é uma questão de lo-gi-ca é uma questão de LÓgica... e o que é que a gente tá percebendo também? que essas palavras elas estão em uma posição... vejam que... vamos separar a palavra gramática... presta atenção gente... gra-má-ti-ca olha só qual a é posição da sílaba tônica?... má e má está em que posição? vamos ver aqui... não é a história de quarto não... porque a gente conta de trás pra frente... que sílaba é essa? eu quero saber que sílaba é essa... não de trás pra frente ela é o que? oxítona? sim mas eu não quero que diga isso não... que posição é essa? vamos lá... última... estão lembrando né? as lamparinas estão acesas né?... olhe a gente conta sempre de trás pra frente... não é a terceira sílaba não é a antepenúltima preste atenção aí por favor...

então vamos para outra palavra... matemática oh::... ma-te-MÁ-ti-ca... por que que eu estiquei pra cá? porque a posição deve ser a mesma... não existe a quarta na língua portuguesa a quarta vamos dizer que poderia falar uma duas três aqui não... nenhuma palavra na língua portuguesa é acentuada nessa posição... olhe como assim... mas e a palavra... deixa eu ver uma palavra... mas qual que eu vou considerar? eu só vo:: considerar essas três últimas só as três últimas... última penúltima e antepenúltima né?... então não existe na língua portuguesa nenhuma acentuação desse lado de cá... ah:: não professora mas é palavra acentuada na primeira... ah na primeira sílaba quando você está falando de régua régua... só que ela não é a primeira ela é última penúltima... quando tá contando de trás pra frente... então ela não é a primeira como ma de matemática e o te aqui... e quando você conta de trás pra frente então o que é que acontece?... a acentuação está aqui nessa posição última penúltima como a palavra café né? onde está a posição da sílaba tônica? onde está gente? eu não ouvi... e a palavra última... está em que posição a sílaba tônica?... eu quero que vocês olhem a palavra leiam a palavra separem na cabecinha de vocês... por favor né gente? eu falo uma coisa e peço silêncio falo uma coisa e peço silêncio... quando for na prova vocês vão responder... paroxítona proparoxítona silêncio... não sei o que oxítona silêncio... presta atenção ave maria não... vamo ver qual é a sílaba tônica aqui...

como é que eu conto criatura? de trás pra frente... conte aí por favor... então como é que eu separo aqui... pronto já está separado aqui né?... qual é situação da sílaba tônica?... então eu conto última penúltima e antepenúltima... então essa é a sílaba forte... então eu

vou contar sempre sempre de trás pra frente tá?... sempre assim não importa se o acento está aqui no comecinho da palavra não importa se tá no finzinho... eu vou sempre contar de trás pra frente... então último né isso?... bom então o que é que a gente ta vendo com isso? que existem palavras que a acentuação é obrigatória... eu vou pegar pelo braço e vou tirar de sala porque não é possível isso... vocês estão com um assunto muito brabo pra resolver que não dá tempo de resolver no intervalo... no momento de um professor entrar e outro sair?... pode entrar... bora bora ligeirinho ligeirinho... pronto? ave maria eu vou trazer uma fita adesiva daquelas dos estados unidos né? que tem no filme do sequestro daquela prateada...

vamos lá, então o que eu fiz aqui com a palavra gramática, eu posso fazer com todas outras... eu vejo que a posição é essa tá?... oh:: mesmo que eu separe... a palavra pode ter vinte sílabas vinte sílabas vinte e cinco quantas for a maior que for... ela vai está sempre ativando uma dessas três últimas ou penúltimas ou antepenúltimas ta vendo ó? pode contar que vai dar justamente essa posição... vamos lá aqui oh... vocês estavam óh... lembra gente dos números ordinais? numa corrida tem gente que chega por último tem gente que chega em penúltimo e antepenúltimo e em primeiro lugar né?... vamos lá gente contando de novo última penúltima e antepenúltima... estão percebendo que todas elas estão acentuadas na antepenúltima... então que nome recebem as palavras que tem essa acentuação na antepenúltima que tem acentuação obrigatória... olha o que é uma... “a flor do desejo do maracujá eu também quero beijar” (a professora canta)

onde é a sílaba tônica de maracujá? qual é a posição da sílaba tônica? aí é uma oxítônica... leiam essa palavra sem acento... leiam essa palavra sem acento... tá vendo? como é que eu leio corretamente? escriTÓrio tá vendo... qual é a sílaba forte aqui a posição? então eu tenho a última e penúltima... leiam essa palavra sem acento. republica Republica quer dizer de republicar isso já é outra palavra. quando a gente diz... foi bom até a gente fala:: nisso... fábrica e fabrica... existe professora? existe quando você diz a fábrica está convocando operários né? a fábrica está abrindo vagas né? para convidar trabalhadores né? então a fábrica o local onde se confecciona qualquer coisa bebidas refrigerantes laticínios peças... então fábrica o ambiente de trabalho.... a gente pode ver aqui né na nossa BR né? tem bastantes fábricas né? elizabeth tem mais... isso isso... então a fábrica é um substantivo lugar onde se confecciona algum artefato... coteminas eu não sei não... toalha também é?... recebe o material... pronto gente fabrica existe a palavra fabrica? existe... meu pai fabrica doce então ele faz doce então aqui é o verbo

né? não precisa do acento... a ação na palavra república veja que também não passa dessa antepenúltima e penúltima né? então a sílaba tônica... como é que nós podemos denominar essa palavra... a conversa tá uma beleza... eu tô adorando... eu tô preocupada com uma coisa...o fantástico vem aqui entrevistar a gente... vocês conversando é uma coisa nova diferente não existe em lugar nenhum do mundo né?... olhe vamos contar aqui comigo... última tá vendo a pré-tônica? última penúltima e antepenúltima... então aqui ela é uma proparoxítona... a palavra cerâmica se eu leio sem acento como é que eu leio? a cerâmica foi quebrada... cerâmica óh tá vendo? cerâmica qual a posição? eu quero que conte última penúltima e antepenúltima. é a sílaba tônica... e esse tônica tem acento? tônica tá vendo? tônica né? alguma pergunta? alguma perguntinha? alguma duvidazinha? não? que beleza vamos lá?... foi penúltima é paroxítona e última é oxítona né?... que a gente viu lá no primeiro bimestre né? no segundo bimestre vimos as paroxítonas... então por favor vamos pegar o caderninho agora fixando circulando... acentue se necessário... eu não vou colocar o acento eu quero que vocês usem uma canetinha de outra cor para marcar a sílaba tônica.... coloquem a data de hoje eu nem coloquei não foi? hoje é sete...

vocês sabiam que se tivesse aula no domingo seria feriado? alguém sabe por quê? e alguém sabe o que danado é república?... o que é a república? era um sistema de governo né? nós tínhamos o quê? quem era que mandava no brasil antigamente? não não não... sim d. pedroI que era imperador e o imperador herdava o poder que era exercido em que tipo de governo é esse?... monarquia gente... quando a república foi proclamada foi o fim da monarquia... quem foi o nosso primeiro presidente?... marechal deodoro da fonseca... é bom vocês observarem assim botar o nome assim... (Pausa longa) ou tira a sílaba tônica e coloca do lado ou marcar com outra canetinha tá? bem pode ser com outra canetinha né? olha só vai ter o quê? gente olha essas palavras elas estão soltas... atenção aí oh elas estão soltas... não estão dentro de um contexto... então pode acontecer que algumas delas vocês pensem nelas sem o acento né?... então agora eu nem posso fazer de cada aqui. mas a gente tem que exercitar e tirar para treinar essa questão da sílaba tônica tá certo? agora eu vou fazer o dois tá? eu vou tentar colocar aqui uma atividade diferente tá certo? porque quando você usa a palavra república você tá falando de republicar uma notícia... eu vou republicar republique república... ele república a notícia então ela não precisa de acento... é como eu falei de fábrica... meu pai fabrica doce... a fábrica fechou... diga quando você ler você percebe você tira a

dúvida se é verbo ou se é substantivo tá? essas eu já coloquei o acento eu só quero que vocês identifiquem qual a posição se é ultima penúltima ou antepenúltima ok? e a terceira vocês vão fazer essa em casa... não vão fazer essa na escola não tá? vocês vão procurar em revistas naqueles cartãozinho de panfletos distribuídos por aí pela rua jornais revistas palavras acentuadas tá? agora eu gostaria que fossem proparoxítonas tá? se não encontrar né?... eu vou colocar... pesquise em revistas revistas quando eu falo pode ser jornais panfletos onde puder recortar... não vão recortar o livro didático não viu... então revistas palavras proparoxítonas tá? como é que eu vou saber que uma palavra é proparoxítona? eu vou contar de trás pra frente na antepenúltima tem o acento... eu vou separar ela ou mentalmente ou eu vou separando ela no rascunho... e vou vendo se é última penúltima ou antepenúltima... é pra deixar no caderno... primeiro eu vou ver... amanhã não terá aula porque é aniversário de conde né? amanhã é dia da emancipação de conde.

AULA 06, PROFESSORA B, ENSINO FUNDAMENTAL

olha só a gente vai dar continuidade hoje a questão da estrutura da palavra tá? então vamos acompanhar a continuidade né? olha então a palavra ela é formada por partes menores... mas quando a gente aprendeu a escrever aprendeu a ler a gente aprendeu que as partes menores seriam os fonemas as sílabas... não aqui são outras coisas outras partes que formam a palavra... a gente tá falando de estrutura quando eu falo estrutura eu não estou falando de tonicidade não estou falando de fonema de letra eu não estou falando de acentuação eu não estou falando de separação silábica tá?... o que eu estou falando é partes que formam a palavra... então sempre nós vamos ter uma palavra primitiva para a formação dessa nova palavra tá?... então a palavra é formada por partes menores de significação denominadas morfemas ou elementos mórficos né? ou elementos mórficos... olha só eles são eles são colocados dessa forma na palavra... então, por que significação? porque cada elemento vai ter uma significação... vou dar só um exemplo... vou dar um exemplo do prefixo... quando você diz a palavra infeliz foi atribuído a uma palavra um elemento mórfico de significação... esse in é uma parta da palavra que encaixou na palavra no radical para formar uma outra significação... se você diz que uma pessoa é infeliz ela não está negando a condição de felicidade.... então esta partícula aqui tem uma significação não feliz... então a gente tá falando de prefixo tá? elemento mórfico prefixo... quando eu digo que vocês releiam não é a mesma coisa de ler... reler significa repetir a ação... então esse elemento mórfico re significa em muitas palavras retomar refazer receber rever redescobrir tá? então quando você tá usando esse elemento mórfico está usando um elemento de significação... por isso que eu chamo que a palavra é formada por partes menores de significação... então esse inho aqui esse re não está aqui para colorir a palavra... mas sim para dar outra idéia outro sentido outra significação pode desenvolver na da palavra certo?... então se eu digo esse... a sua atitude... esse documento é legal... legal pode ter o sentido de uma coisa agradável a festa foi legal... adjetivo mas também pode ter outro sentido de legalidade né? então esse documento é legal está dentro dos princípios da ordem da lei... então é uma atitude um comércio legal... quando eu coloco i na frente da palavra legal eu estou colocando um elemento um morfema que tem uma de significação... não é mais legal é ilegal tá? então quando eu uso esse elemento mórfico de significação vai mudar o sentido da

palavra... o que é que a gente avisa?... que esses elementos que se juntam ao radical né? e ele é parte da significação que muda todo o sentido da palavra... digamos uma coisa ilegal quando eu tiro o prefixo fica lega... é um dos exemplos tá? é um dos exemplos... vamos partir aqui para para onde eu quero chegar... vejam eu vou colocar aqui outro exemplo... quando eu digo casa... casa é uma palavra primitiva não é verdade? porque a partir dela eu vou criar novas palavras... digam aí por favor uma palavra formada de casa... casinha casarão caseiro né? olha só vamos partir pra significação do que é casa... casa ambiente de morar então o que eu estou falando? de significação... se eu estou falando de palavras que é formadas por partes menores de significação denominadas fonemas ou tô falando de significação... casa ambiente morada né? eu tô falando de teto né? de lugar de se habitar... então vamos lá casa.... mas se eu colocar aqui na palavra esse s eu tô dizendo a mesma coisa? não esse S ele tá fazendo uma diferença aqui mais de uma casa... então isso aqui é um elemento mórfico de significação é uma desinência de número plural... então quando você diz casinha esse inha tem uma significação também é um elemento mórfico um sufixo é um elemento de significação... dá a idéia de pequenez de coisa miúda pequena casa pequena... então é um grau diminutivo... não é a mesma coisa de casas nem a mesma coisa de casa... casinha é outra idéia tá então veja o que eu estou falando eu to colocando elementos mórficos e eu estou mudando a palavra... caseiro é a alguém que toma conta de casa... aquele empregado caseiro ou então assim você é muito caseiro você gosta muito de ficar em casa... dependendo da do contexto que eu estou usando eu vou dizer... meu pai é um homem muito caseiro quer dizer ele não gosta de sair ele gosta muito de ficar em casa caseiro... ah:: ultimamente eu estou muito caseiro não estou indo pra balada pra dançar não tenho feito nada tal então eu estou caseiro... eeu pai é caseiro quer dizer ele toma conta de granja sítio essas coisas

então vejam que é a palavra raiz Bruno... a palavra raiz é casa é a partir da palavra casa que nós temos possibilidade de criar novas palavras... eu deixei na última aula uma musiquinha né? de tim maia deixei que vocês fizessem umas palavras cognatas derivadas lembram?... se não me engano foi fogo terra... o que foi que saiu aí o que foi que saiu aí vamos ver... terreno terraço terreiro território cadê o acento? território, terrenos terral né?... enterrar aterrar desenterrar terremoto tudo isso vem de terra gente terremoto tremor da terra terrestre terráqueo... tudo isso está relacionado à palavra terra... olhe a palavra primitiva terra sentido de planeta ou solo né?... terra a minha terra

a minha cidade natal lugar onde eu nasci onde eu planto onde eu trabalho né?... dependendo do primeiro sentido terrestre relativo à terra né? terreno extraterrestre fora da terra... qual foi a outra palavra? qual foi a outra palavra? fogo aí fogo fogueira fogão fogaréu foguinho fogueteiro então a gente viu o quê? que a partir da palavra fogo nós podemos criar novas palavras que são cognatas ou cognatos... fogoso né... fogoso também... aí vem janela janelinha janelheiro janelinha janelão né? então são possibilidades de criar janelas né? vamos lá... qual foi a outra? pedra pedreira pedrinha pedreiro pedregulho apedrejar apedrejado pedregulho né? vamos para a outra... livro vamos lá gente? livraria livreiro livrinho livrada dei uma livrada pá... e agora? ferro ferramenta ferroadada ferreiro enferrujada tá desenferrujada essa palavra é derivada de ferro né? férreo ferrovia tem a ver com ferro né? qual é a outra? então vamos lá... nós temos o radical o radical a raiz da palavra é a parte do radical... quando você diz vestir você vestidinho vestidão vestida vestuário vestimenta né? você está falando de quê? de elementos que foram colocados na palavra na raiz no radical para criar novas palavras camisaria camisinha camiseiro camisola né? descamisados né? camiseta camisola... então vamos lá... radical parte de significação... quando você for criar novas palavras essa parte vai sempre estar dentro da palavra por isso que ela é chamada de radical é porque não muda... presta atenção a aula... então se eu chamo de radical é porque é fixo ok? então você vai encontrar... você pode modificar a palavra no masculino no feminino no plural no aumentativo... onde você colocar ela vai sempre aparecer esse elemento aqui essa parte de significação que nós chamamos de radical ok?... olha eu acho interessante... o nono ano tem uma característica muito interessante... essa sala leva tudo na brincadeira... quer dizer não todos e todas né?... porque tem gente que tá em silêncio desde quando eu cheguei embora possa estar com o pensamento lá na lua né? quando pega uma provinha ... a primeira coisa que diz... olha pro outro... então é muito fácil... é muito fácil botar a culpa na professora incompetente... não assumir a brincadeirinha de vocês... vocês estão passando do limite... quarto bimestre e esse mesmo muidinho... sinceramente... então vamos lá... radical parte base de significação... então na palavra ferro via férrea ferreiro ferradura ferragem eu vou achar sempre esse elemento de significação de base tá?... como vocês vão ver aí na palavra janela janelinha sapateiro sapatinho sapatada

vogal temática... é a vogal que vai ligar que vai dar possibilidade ela serve para ligar a outros elementos ou ou se juntar a um radical... então o que é a vogal temática? é a vogal que está depois do radical... então aqui na palavra ferro, o o é a vogal temática... agora preste bem atenção... vai acontecer em algumas palavras como tomate mesa... vou dar alguns exemplos aqui tomate mesa cola né... então oh esse a esse e e esse o eles são chamados de vogal temática... mas existem outras vogais que não é vogal temática é a vogal da desinência de gênero ela é uma marca de desinência... como nós temos em nossas camisetas algumas etiquetas que são marcas da loja marcas da grife... nas palavras também tem essas marcas de significação... como assim? vou dar alguns exemplos na palavra ônibus... por favor silêncio... na palavra ônibus esse s é uma marca de plural? na palavra lápis esse s é marca de plural? não porque não existe a palavra lápi... comprei um lápi.... ôni bu né ôni bu não existe no vocabulário da língua portuguesa... então muitas vezes numa palavra o s não é uma marca de plural... pires pires né? esse s não é uma marca de pluralidade tá? porque a faz parte do próprio radical da palavra... então quando o s é uma marca de número? quando você usa nessa palavra por exemplo livro... quando eu coloco o s esse s aqui é uma marca de número plural... a ausência dele significa singular... a presença dele significa uma marca uma marca uma etiqueta uma uma informação da palavra... que aquele s está dizendo que não é um livro... são dois três quatro cem mil livros tá? então o que eu quero que vocês entendam é que eu tô falando dessas marcas que são partes menores de significação denominadas de morfemas ou elementos mórficos... que são marcas presentes da palavra que você percebe que aquilo ali é uma marca disso tá?... então quando você diz a palavra menina por exemplo meninas esse s é uma marca de número e esse a é uma marca de gênero... porque tem a oposição... o s é uma marca de número de plural e o a é uma marca de quê?... sim de gênero de gênero masculino e feminino é uma marca... vejam que eu tô mostrando a palavra... aqui é o que gente? o que que eu tirei da palavra aqui? o que é que eu separei aqui? o radical... quando eu digo meninada menininha meninice meninão meninões né?... então eu tô falando de quê? de elementos de significação que a partir dele do radical eu posso criar novas palavras... meninice me-ni-ni-ce me-ni-na-da tá vendo óh? mas vejam que até o n é a parte fixa é o radical... vamos participar por favor... e o s é o quê? é uma marca de? o a uma bolinha com uma perninha é uma marca de... mas na palavra menina... porque na palavra mesa não existe meso a palavra mesa não admite oposição masculina... então esse a aqui não é uma marca de gênero é uma

vogal temática certo? essa é a diferença viu?... na palavra tomate essa vogal aí essa vogal aí é uma vogal temática... na palavra cola esse a vogal é uma vogal temática na palavra copo esse o é uma vogal temática... mas quando eu digo a palavra rata esse a é uma desinência de gênero ok? quero agradecer a todos aqui a participação na aula... sinceramente... meu filho guarde essa arma por favor... olhe aí nós temos a vogal temática... na palavra ferro o o é a vogal temática tá? oh professora eu se eu digo a palavra ele ferra o gado com a mas esse a aí não significa feminino não... feminino de ferro ferra... não é o feminino de ferro... ferra aí significar ferrar o gado marcar tá? quem com ferro fere com ferro será ferido... então esse a aí não é uma desinência de gênero é uma vogal temática ok? então nós temos os afixos os afixos que são prefixos e os sufixos... os afixos prefixos são elementos mórficos colocados antes do radical... olhe gente tudo é a partir do radical tudo que você for analisar na estrutura da palavra é a partir do radical que eu vou observar os outros elementos mórficos... se é uma desinência de gênero se é uma desinência de número se é uma desinência verbal tá? então é ele o radical que vai me dar... vai me dar a possibilidade vai me dar o suporte pra que eu identifique se o elemento está antes se o elemento está depois tá? olha só quando eu digo por exemplo a palavra imbecil im-be-cil... quando eu digo imbecil e eu digo impossível... pessoal por favor preste atenção... essa marca aqui é um elemento mórfico prefixal quer dizer colocado antes do radical mas esse im da palavra imbecil não é um prefixo... não existe a palavra becil mas existe a palavra possível... gente presta atenção que não são todas as palavras que tem um im que vai ser uma marca de negação ou de qualquer outra coisa... quando você diz olha gente importar importa importo importar esse im é uma marca de significação porque existe portar levar portar um objeto carregar... por isso que chama porte de arma é legal ilegal... portar porta levar né?... você não vai viajar na palavra porta não tá?... então quando eu tirei esse im a palavra continuou existindo né?... então ela é um elemento colocado antes do radical... então quando você diz independente in-de-pen-den-te... essa marca aqui não é a mesma coisa de inteligente... quando eu digo a palavra inteligente e independente esse marca essas duas marcas aqui... isso aqui não é um elemento prefixal... oxe num tá parecido? Igualzinho... só que esse in não é uma negação de inteligente não é uma negação tá? quando você diz inteligente não existe essa palavra teligente tá? calma deixe eu explicar... porque nem todo im é uma marca de prefixação... pessoal olhe é uma pessoa contra cinco cinco dez oito falando... aí não tem voz que aguente né? olhe preste

atenção... o que eu estou mostrando a vocês é que nem todo in de uma palavra nem todo re de uma palavra significa refazer... régua esse re não é fazer de novo tá? agora quando você diz independente essa marca do in ela é uma negação de dependente uma pessoa independente que não depende de ninguém... quando você tira o in você é uma pessoa de-pen-den-te trabalha com seus pais né? é subordinado a eles depende deles né isso? uma dependência química uma pessoa que usa drogas é uma dependência depende da droga ou do remédios né? depende dos remédios para viver... então há uma dependência nisso aí... quando você é independente essa marca aqui in é uma marca de negação não depende... já o in de inteligente não... faz parte do radical e não é prefixo... esse in não é prefixo é o próprio radical... inteligente inteligentes né? inteligível né?... então vamos lá continuando... então prefixo nós vimos em imoral é irregular infiel... olhe esse in como é não fiel né? desconfiar desconfiado desconfiança né? confiança-desconfiar não confiar... então há uma negação aqui tá? não é só negação não... eu tô dando alguns exemplos... descobrir importar quer dizer comércio para dentro né? trazer de fora para dentro do país importar né? exportar comércio para fora né? então posição para fora... então esse elemento aqui que eu estou marcando ele é elemento prefixal elemento mórfico de significação que está posicionado antes antes do radical tá?... então vamos vamos voltar para aquela primeira palavra que a gente tava falando fazendo... deixe eu ver aqui uma palavra... olhe descamisado... lembram da aula passada? descamisados? que é naquele cartaz... que é descamisado professora? São pessoas pobres né? sem emprego, sem um teto tal... são pessoas que tem uma condição social socioeconômico não definidas né? pessoas que não tem um emprego não tem um teto... então é uma é uma vamos dizer assim que seja um tipo social né? vejam que esse elemento mórfico foi colocado antes da palavra camisa tá vendo oh::? olha o elemento de significação o radical... então ele está antes do radical... prefixo... vamos pra os sufixos... vejo que vocês vão se sair muito bem na prova né porque realmente estão muito atentos eu tô até um pouco eufórica de tanta emoção né? os sufixos são elemento mórficos colocados depois do radical... pré antes sufixos depois... quais são os prefixos dos telefones? da tim? qual é o prefixo da tim? geralmente os mais conhecidos? nove nove né? qual é o prefixo da oi mais antigo? oito oito né? mas agora tem oito sete e oito e não sei quanto... mas os prefixos três dois dois cinco e três dois dois um são os prefixos dos telefones... o seu número de telefone na verdade é o que vem depois do prefixo... porque todo mundo do seu bairro tem o mesmo prefixo... então quem mora do

centro de João Pessoa três dois dois um e três dois dois dois é o mesmo prefixo... agora o seu número de telefone é o que vem depois do prefixo... então na verdade o número do seu telefone não é aquele oito oito porque o oito oito tem quase todo mundo... o seu número é o que vem depois... diga aí companheira... (aviso da diretora)

olha gente preste atenção por favor... sufixo é um afixo de significação também né? tem uma significação... quando eu digo vestidinho não é a mesma coisa de vestido... vestidinho é um vestido menor... quando eu digo salinha não é uma sala normal é uma sala num grau diminutivo... salinha salão né? chapeuzinho né? amoroso de dar amor carinhoso né? então o oso aqui óh tá vendo vejam que o radical é sufixo... aqui oh sufixo... vejam que eu tô marcando o sufixo tá? é o que vem depois tá? tudo bem? tá horrível esse quadro hoje? eu gosto de escrever grande né? alguma perguntinha? nem sabia eles nunca tem dúvida... o que eu fico feliz é que eles nunca tem dúvida... a gente traz uma tese de mestrado, doutorado e eles não tem dúvida... agora eu não entendo porque eu quando tinha a idade de vocês eu tinha dúvida... tenha calma... vamos devagar com o andor que o santo é de barro tá? então vamos continuar né? aí nós temos também as desinências... as desinências... alguém disse alguma coisa? se a palavra for nome substantivo pronome nome ele vai ter o quê? as desinências nominais... se a palavra for verbo são as desinências verbais né? então as desinências elas podem ser nominais e as verbais?... posso apagar aqui? vou apagar vocês não dizem nada... esse negócio aqui me mata... eu tô engolindo pó... quando eu tiver aposentada com sessenta e poucos anos sessenta anos quando eu der uma tossida vai sair uma caixa de giz... pronto as desinências... olhe as desinências nominais são relativas aos nomes... as desinências verbais relativas aos verbos... como assim? vou explicar... olhe ela é do modo de significação e está também depois do radical... não é a mesma coisa do sufixo não? Não a desinência ela apenas flexiona a palavra o sufixo muda o sentido da palavra né? hein? vou dar um exemplo... a desinência nominal ali óh tô escrevendo aqui óh casa casas... então desinência de número né? vou botar aqui um exemplo menino menina desinência de gênero... então algumas palavras em inha inha é uma desinência de grau... encerrou... agora na outra aula eu quero...

AULA 07, PROFESSOR C, ENSINO MÉDIO

muito bem pessoal veja só, é, eu fiquei de entregar a redação de vocês, não foi?... todo mundo tirou dez, nove e oito, não foi?... teve um sete... lembrando que essa é a primeira nota de três avaliações que nós faremos... a segunda, a segunda será um trabalhinho, de quatro pessoas.... até quatro tá ?... não venha com mais de quatro não que mais de quatro é uma família, não é grupo... sempre tem alguém se escorando e não vai fazer nada... e aqui nessa turma tem uma mania de colocar nome, desde do ano passado... o ano passado foi demais, viu... tiraram xerox do trabalho, eram irmãos, sabe, dessa mesma sala aqui, tiraram xerox até da capa, só faltava colocar o mesmo nome, aí apagavam com corretivo...

não façam mais isso... veja só pessoal, na aula anterior nós terminamos aí redação e eu apliquei também o exercícios com vocês... os exercícios de sujeito eu terminei, não foi? e agora vamos passar a quê?... a predicado... é aquele predicado... predicado verbal, nominal e verbo nominal... meu amigo você tem o assunto?... deixa eu olhar... você é tão colado no seu colega que eu só vejo cola... olha, eu terminei sujeito e vamos agora ao predicado... lembrando que os termos essenciais da oração, minha amiga paratibiana... ela que veio de outra galáxia, lá dos paratibianos, que é longe...

preste atenção... é sobre os tipos de predicados... são três apenas, tá?... os exercícios é sobre os tipos de sujeitos... eu corriji o exercícios... corriji tudo... tava faltando algumas questões... deixa eu apagar o quadro... é porque teve aula sexta não... vai ser quantas sextas? vão ser quantas sextas? são oito sextas? oh coisa chata de sexta não ter aula... eu tô achando ruim, sabe? porque tá atrasando o meu assunto... como é que eu vou fazer prova com vocês, se não vão saber o assunto? assim, quem gosta é minha namorada, que ela quer sair um pouco, bater um papo, namorar... e tu sabe que depois do casamento o namoro é diferente, né?...

hoje é oito de setembro... como é que foi o feriadão ontem, pessoal? foi legal? foram à praia? queimaram um pouco o couro... que eu cheguei hoje de tarde para dar aula lá no município, meu amigo, só via aqueles meninos que eram branco tudo moreninho... aí eu digo: pobre é fogo quando pega sol fica tudo vermelho... aí professor a gente não foi pra praia não, a gente foi pra piscina pro waterpark... e porque você ficou vermelho?... porque minha mãe não passou protetor solar... não tem condição de comprar, aí não passa... pois vamos agora entrar no assunto... depois que eu introduzi aqui como foi o

final de semana de vocês... veja só... notamos que os tipos de sujeitos, que eram cinco, né? simples, composto, indeterminado, inexistente e oculto, né?... e agora vamos falar de predicado... que é ele, juntamente com o predicado, o sujeito com o predicado fazem parte dos termos essenciais da oração... só que eu já expliquei aqui, anteriormente, que nem sempre o sujeito é essencial... senão, não existiria o sujeito inexistente, nem o sujeito oculto... o que é essencial? para nós termos uma oração? é a presença de um verbo que expressa uma ação ou uma qualidade e seu predicado... o predicado, ele inicia no verbo e continuamente no que vier depois, certo?... predicado, antigamente, meu amigo... quando se vivia no interior e ia paquerar a moça, aí, quando ele ia paquerar, a mãe diziam assim, você é o namorado de fulano?... ah:::, quais são os predicados dela né?... quais são os predicados? ou seja, quais são as referências boas que ela tem?... ah, os predicados, daquela moça enxerida lá de conchinchola, lá de mulunguzinho?... ela sabe passar, sabe lavar, ela sabe costurar, e ela sabe fazer um angu... aí antigamente para se conquistar uma mulher ou para ficar de olho numa paquera lá no interior, a gente tinha que olhar primeiro os predicados dela... e quando o homem, quando ia você ia apresentar o namorado aos seus pais, eles iam dizer, mas quais são os predicados desse rapaz? ele é filho de quem? referências... olha só... a referência no interior tem muito isso, né? você não é apenas Claudia... você é Claudia neta de Maria Jacó... que é bisneta de D. Domiguinha do pão, não é?... é uma referência... você não é ninguém... você é sempre alguém de outra pessoa... no interior é muito assim... hoje, aqui não na cidade grande a gente não tem muito isso...você apenas... mas quando você chega naquela sua cidade da sua mãe... você é valeska que é filha de fulano de tal... a referência seja boa ou ruim, existe... diga um exemplo de referência, então, minha amiga valeska...

então veja só... predicados que eram as qualidades da moça... para o português e para a gramática eu entenderia o predicado como tudo que fala sobre quem?... sobre o sujeito... por exemplo amanda caiu no chão... O que é que houve com amanda? caiu no chão... então cair no chão... pausa (risos)... então, Amanda o que que aconteceu com você? você caiu no chão... então, a partir do verbo cair nós temos o predicado... ou seja, tudo aquilo que se refere a quem? ao sujeito... quando eu tenho assim ... Cássio se aliará a Ricardo Coutinho nas eleições de 2010 ... se aliará a Ricardo... tudo que se refere a Cássio, eu chamarei de quê? de predicado... todas as informações que estarão ligadas a Cássio, minha amiga severina, eu chamarei de predicado, certo?... antigamente, eram as

qualidades... hoje, é todas as informações que se referem ao sujeito... e o sujeito é o agente, é a pessoa que está o quê?... exercendo a função de centro da minha oração, né?... o homem foi roubado... o que aconteceu com o homem? foi roubado... ele é o centro da oração. ...falando em roubos, em assaltos e morte... eu estava vendo aí esses fatos corriqueiros da semana, negócio mais... a violência é muito grande, né?...

vamos lá agora, então, pessoal, ao quadro com aos três tipos de predicado.. são eles: verbal, nominal e verbo-nominal... antes de eu escrever, eu vou apenas fazer uma pincelada sobre eles, né?... verbal, sempre quando eu tiver uma ação, matei, estuprei, assassinei... predicado verbal, né? então eu tenho aqui: o homem caminhava pela rua. É uma ação né, caminhar?... o homem cortou-se com uma faca... foi uma ação não foi? Predicado nominal, josi, já é diferente... predicado nominal é quando o centro da minha oração não é a ação do verbo, e sim uma qualidade, um estado, ou seja, um nome, um substantivo ou um adjetivo... quando eu tenho assim ó, fulano está doente ...estou é uma ação? não... é um estado físico da pessoa, não é? fulano está doente... ele poderia estar triste, né? ele poderia estar contente... mas está doente... então toda vez que eu tiver uma qualidade ou um estado, referindo-se ao sujeito, eu tenho aí é um predicado nominal... e o predicado verbo-nominal, gatinha, é a junção dessas duas coisinhas em uma só oração... por exemplo, quando eu tenho assim ó... fulano corria, né uma ação? corria lentamente... oxe, professor, e pode, pode?... correr lentamente? professor, ele corria sorrindo... correr é uma ação, né? mas sorrir é o quê?... é um estado, é pra estar feliz... então eu tenho predicado verbo-nominal, ação e qualidade, ação e estado numa mesma oração... (pausa longa)

não agora não... esfrie a cabeça com o trabalho, é o trabalho sempre é ligado a literatura, tá bom?... nós vamos introduzir também, a vocês, nessa semana, a parte de romantismo... vamos falar de amor, vamos falar de paixão, vamos falar de sofrimento, de morte, porque romantismo também rima com morte e a gente vai ver que nem sempre a teoria e a idéia que a gente tem de romantismo... hoje, é a idéia da escola literária, certo?... porque a escola literária tem três fases: uma fase que valoriza o que é da terra, o que é do povo; uma fase que valoriza apenas o sentimento que está dentro de mim, e uma terceira fase que valoriza a realidade, o social certo?... que critica a sociedade... então, a gente tem uma visão apenas, quando a gente diz, fulano é romântico, né?

AULA 08, PROFESSOR C, ENSINO MÉDIO

vamos lá, pessoal, veja só, na aula anterior ne... antes da redação eu dei as regras do porque... porque junto e separado, presta atenção, só tipos de sujeito, já expliquei?... nessa aula minha amiga, como é o nome? poliana você me prendeu... coisa mais linda do mundo... jesus, onde foi que eu molhei a minha bunda hein?... foi aí foi? Agora, você, você tem que se esforçar mais... não, você consegue, você é capaz... seis, na média, na média, tá na média... presta atenção, pessoal, eu vou explicar para vocês... Olha só, veja só, nós temos cinco tipos de sujeito... lembrando que o sujeito é o quê? é centro da minha oração, é quem está praticando a ação, é de quem se fala numa oração... por exemplo: fernanda caminhava pela rua... quem caminhava pela rua?... fernanda é o centro da minha oração, certo?... armando dirigia em alta velocidade pela BR 230...e bêbado mais, que é uma coisa muito... o som alto e bêbado....

presta atenção, o simples, nada mais é quando eu tenho apenas um núcleo na palavra, na oração, agora presta atenção, eu estou dizendo o núcleo, eu não estou dizendo... olhe, eu o núcleo, gatinhos e gatinhas, eu não estou dizendo aqui plural ou singular, tá? oh tem gente que acha assim, quando eu digo assim as meninas viajaram para sapé... então numa frase como essa se for classificar o sujeito é simples ou composto?... Simples, porque foram as meninas... você pode dizer assim, mas junior, não são as meninas, não é mais de uma, né um monte de mulher tudo cheirosa indo pra uma festa?... mas veja só meu amigo Paulo, é apenas uma palavra que resta no sujeito... eu tenho aqui por exemplo, ó: as meninas viajaram... quem é o núcleo do sujeito?... a palavra meninas... mas Junior, está no plural, não é sujeito composto não... porque são várias meninas aqui... mas é apenas uma palavra... Quando você entender núcleo, gatinha, você vai entender por palavra... Glória a Deus, aleluia irmã...mito bem Jaqueline... tá ficando inteligente... a inteligência da gente... ((risos)) a inteligência é uma evolução, gatinha... vai subindo, vai subindo, subindo, subindo... a gente nunca tá pronto... vc tá me entendendo né?... pode tá oitenta anos, vai sempre vai ter uma coisa nova, né?... daqui pra lá, por exemplo, a gente vai, o computador, futuramente, não vai ter mais teclado, você sabe, né?... vai ser tudo na própria tela, igual no teclado, igual o iphone dele, como é?... touch-pad, touch-pad... então, você pode, na própria tela, futuramente, o computador será do mesmo jeito... eu não vou precisar digitar no teclado, você vai usar a tela do seu computador, né?... é uma evolução... então eu tenho que estar preparado

para essa evolução... por exemplo, minha mãe é craque em datilografia, mas eu não sou... e ela disse, eu fiz o curso eu era a melhor da sala em datilografia e hoje ela sofre para digitar no teclado de computador... ou seja, veja só, se eu não estiver em plena evolução, eu paro, né?... então o que é que acontece?... sujeito simples, é como você bem falou... eu vou ter apenas uma palavra que é também o núcleo, aqui eu só tenho meninas né? ... agora se eu tivesse aqui os meninos e meninas, aí eu tenho duas palavrinha que representava o sujeito... aí o sujeito seria como? composto... lembre-se, tá... não confundam plural com singular... exato duas palavras que representam o sujeito... se eu tivesse aqui carol, andré e Pedro viajaram... são três pessoas, sujeito composto... mas se eu pego, veja só, paulo e digo assim: eles viajaram. Sujeito o quê? Simples, porque agora eu resumi carol, andré e pedro em uma só palavra: eles... eu, tomara que na hora do exercícios vocês não errem... não, pela explicação, não... composto é quando eu tenho mais de um núcleo...

Jaqueline você pode ver com outros nomes em gramática e livro, certo?... que é desinencial, também chamado também de elíptico, tá? olha, ele pode vir também com esse nome desinencial ou também você pode ver por aí a palavra elíptico, que também será a mesma coisa, elíptico, tá?... o oculto, desinencial ou elíptico, os três falam sobre a mesma pessoa... se eu colocar na avaliação, na prova um desses três nomes, saibam que eu estou falando da mesma coisa, tá?... o oculto, desinencial ou elíptico é aquele que eu não vejo na frase, não estou visualizando o sujeito, mas pelo contexto, pelo contexto da oração eu sei de quem está falando... veja o exemplo de uma música de Gilberto Gil “vamos fugir desse lugar, baby” quem é que vai fugir? É baby? eu botei numa prova uma vez: assinale o sujeito da música, da seguinte frase da música “vamos fugir desse lugar, baby”. Ai eu botei cite o (???) inexistente baby... noventa por cento da sala botou baby... baby é a pessoa que vai fugir com ele... o baby é o vocativo, é a gatinha que ele tá afim de levar para aquele lugar, não é?... vamos fugir para aquele lugar? mas quem vai fugir? eu e você, somos nós... só que você, está escrito o nome nós na frase?... mas você pelo contexto e pelo verbo sabe, você sabe quem é... então, o sujeito está apenas oculto, ele está escondido por trás da oração... mas eu confirmo sabendo quem ele é... mas cuidado para não misturar... é... pronto pra valer...

olha, presta atenção, o indeterminado, ele é diferente, indeterminado é aquele que eu olho, olho de novo e digo: quem é esse sujeito?... você fica assim, ó, quem é esse sujeito?... você não sabe exatamente quem é... por exemplo, o que mais aparece nos

noticiários de meio dia, aquele, aquela carnificina que a gente tem na televisão de dia... assaltaram o multibank ontem... quem foi? os ladrões, professor... mas você sabe quem é? como é os nomes? os cpf? não sabe... o verbo, ele tá na terceira pessoa do plural, e consequentemente deixa na dúvida... óh roubaram aquela loja ontem, mas quem foi que roubou? alguém roubou não foi... a ação aconteceu... mas agora a gente não sabe quem é que fez... não, não vou nem dizer... quando vai entrevistar o pessoal do bairro são josé: não vi nada, não, não sei de nada não, não posso falar, não quero falar... como é que se chama?... a lei do silêncio... né? a lei do silêncio... então, o sujeito indeterminado é diferente do oculto por isso, tá?... então, deixa eu colocar o exemplo do oculto aqui que é pra gente diferenciar... vamos à praia amanhã... quem é que vai à praia?... nós... a palavrinha, esse pronome aqui está oculto dentro dessa oração a partir da desinência verbal aqui, desinencial... não... oculto... indeterminado vem agora...

é diferente... indeterminado só existe de duas formas, com verbo na terceira pessoa do plural, quando expressa uma ação ou na terceira pessoa do singular mais o índice de indeterminação do sujeito, partícula se, certo?... por exemplo, quantas vezes você passa nas ruas e naquelas obras está escrito bem assim ó: precisa-se de pedreiros né? aí você pergunta: quem é que tá precisando...(pausa longa)... ó, quantas vezes lá na construção civil ali em manaíra, jardim luna, aquelas obras... tem assim: precisa-se de pedreiro... quem tá precisando de pedreiro naquela obra? não se sabe exatamente quem é... é o patrão... mas como é o nome do cara? você não tem exatidão... você não tem certeza e consequentemente o sujeito passa a ficar o quê?... indeterminado, certo? precisa-se, alguém está precisando, de pedreiro, mas quem é?... a gente não sabe... então, quando você não tem a certeza, você tem sujeito o quê? indeterminado.

AULA 09, PROFESSOR C, ENSINO MÉDIO

então vejam só... nós trabalhamos na aula passada a descrição de pessoas... a partir de hoje nós vamos começar a trabalhar a descrição de coisas, objetos, ambientes e paisagens... então, por exemplo, quando aí, Claudinei, a seguinte forma: eu tenho o seu quarto... é composto por uma cama box king size, uma tela de lcd na parede, um abajur, um guardaroupa embutido na parede... então olha só... imaginem... então, nós vamos ver o quarto apenas a estrutura, certo?... assim o que se coloca no primeiro parágrafo, o que se coloca no segundo, terceiro e quarto, tá?... mas aí... perceber uma sala de aula como é que ela é... como é que começaria isso, né? eu teria que dizer um comentário de cada cenário como era, e depois em cada parágrafo descrevê-lo fisicamente, por exemplo: vamos falar da estrutura da parede... como é a estrutura, meio cerâmica, né?... ela tem fluorescentes largas?... janelas, janelões certo?... então essa é uma descrição de ambiente, de lugar... oi?... não, não... vamos apenas descrever, descrever, certo?... então por exemplo, aí, você vai primeiro pra a imagem, seu quarto, por exemplo... uma questão que você veja mais externamente, ou que tem um olhar mais detalhado, por exemplo, falar de um objeto que você tem lá, uma foto tem um detalhe que é mais afetivo pra você... você vai pros mínimos detalhes depois, primeiro dos grandes... depois dos pequenos...isso... exato... por exemplo, você diz assim: meu quarto é composto por isto, isto, isto... na cabeceira da cama tem uma foto minha com meus familiares a qual eu olho todos os dias antes de ir trabalhar... olha aí... dá um detalhe a mais, dá uma característica a mais aquele ambiente... com certeza... aqui só não vale mentir, dizer assim que mora... como Francisca perguntou ontem... quem não tiver quarto?... mora num banco... se for uma casinha ali da terra do nunca... quando é um carro bonito você diz que é uma limusine, né? ... o homem sempre faz comparação com aquilo que está mais próximo, né?... por exemplo, por exemplo, nós temos o termo pão, mulher bonita é um pão, né verdade?... mas tem o pão francês, tem o pão de cachorro quente, tem o pão crioulo... também é muito amplo o termo pão... tribufu... ela disse eu não sou nenhum dragão... ela usou dragão como exagero da beleza... mas eu acho que foi forte a palavra... mas não comentem por aí que vai que ela ouça, e diga que eu estou usando... eu não tou usando o nome dela não, só como exemplo... então pessoal, no quarto você vai colocar, é lógico que você vai colocar seu sentimento... vamos lá, então

eu vou colocar no quadro agora a parte teórica sobre esse assunto pra gente começar a fazer... vocês vão ter o final de semana todinho pra... não, terá reunião amanhã dos fiscais do PSS e o vestibular e na outra semana e aqui será sede da do vestibular, então na outra sexta também não haverá aula porque a escola é tomada para limpar e etiquetar... dia 27 agora... eu vou lá dizer que eu gosto, pobre gosta de comer, né?... então aqui eu vou colocar um esquema... não, é só pra você saber que a redação tem que ter um título... exato, aquele mesmo modelo... lembrando que é mais interessante você fazer sempre esse título após a leitura da redação por completo, certo?... quando você tem uma palavra ou uma frase que resuma ela, entendeu?... é mais interessante... porque se aí você coloca assim: família... e começa a escrever a redação todinha só sobre as drogas, mas aí não diz que a droga tá relacionado com a família e aí o que é que acontece no vestibular?... você vai ser penalizado por fuga ao tema, entendeu?... vai fugir um pouco do tema da redação. ... vai fazer um dez com a primeira nota... a segunda nota é a amostra e a terceira nota , se precisar, é a prova, aquela com dez questões que vocês tiraram um... o aluno lá do município bota tarefa para casa, aí o eu boto atividade para redidência... é, de tarde... brincadeira... toda tarde eu tou lá, dando aula.... não, eu vou tarefa de casa é muito infantil, eu colocar atividade para vossa humilde residência... vale mais cinco pra fechar a nota dez... agora esse eu não vou dar cinco não... porque se errar vai ser menos ... teve não... pessoal botou: eu morro em mandacaru... não é morre, é moro... olhe, você vai escolher uma das três pra fazer... é mais fácil falar do quarto né?... aqui porque você não vai estar na sala pra elaborar, né?... e a sua casa por inteira, bem geral, tá? ... uma das três, não é as três não... ou da sua sala de aula, ou do quarto ou da sua casa, aquela que é mais difícil, porque são muitos detalhes, né?... tem gente que tem uma mansão... tem gente que tem dois quartos, três banheiros, aquele raque lindo na sala cor de tabaco ... ó, não mintam por favor, não digam o que você não tem, não... sejam realistas eu vou gostar do mesmo jeito, é verdade.... eu já pensei na casa pensando em Francisco... que mora num vão... eu moro numa casa que tem uma porta na frente e outra atrás... quem sai não entra e quem entra não sai... é que o dele tem chuveiro elétrico... bote banheiro, banheiro é muito pessoal... da minha irmã mais nova... pessoal, vocês sabem que eu tenho uma teoria, né? eu tenho a teoria que diz que o lixo fala muita coisa sobre você... então, se você tá querendo saber como é que é o seu vizinho, ele é muito estranho?... é só ficar vendo o lixo dele que aí você vai ter uma polaróide... assim, um resumo de como é o seu

vizinho. Se tem muita lata de cerveja, muito amendoim ele gosta de... se você olhar o lixo do seu vizinho, do apartamento ou da casa, você vai olhar lá e vai ver assim: comida ligh... sei o quê lá herbalife, forever, é o cara que tá querendo perder peso, né? Se você vai lá no lixeiro do seu vizinho e tiver lá camisinha, DVD pornográfico rasgado, jogado no lixo, você sabe que esse cara é meio pedófilo... então, fique de olho... o lixo fala muito da gente... olha, eu quero essa atividade pra segunda feira... boa sorte pra vocês... obrigado, pessoal, boa noite, vamos agora lanchar... 8:47 minutos, vai tocar agora, meu amigo Antônio, confio em você, viu... você é rocha, viu... não, você é capaz... confio em você, você tem potencial... fique assim não, fique assim não... foi só um toque, você é forte... quantas tempestades você já passou e conseguiu sobreviver, porque não vai sobreviver essa?

AULA 10, PROFESSOR C, ENSINO MÉDIO

avaliando... observando como eu trabalho as minhas aulas... então é importante que vocês observem que tá tudo sendo gravado e depois vai ser exposto na universidade certo?... ela esqueceu de tomar o remédio hoje... então hoje pessoal é o último assunto da nossa prova termos acessórios da oração né?... já terminamos não né?... agora fazer o exercícios explicar e fazer o exercícios... porque vocês ficam já preparados... faremos a prova na próxima quarta-feira... prova dia nove do onze de dois mil e nove... mas aí eu ainda vou expor os assuntos que vão estar nos termos integrantes nos termos acessórios... objeto direto indireto complemento nominal agente da passiva adjunto adverbial nominal vocativo... eu vou ver a data... deixa eu olhar aqui... olhe então dia onze fica de férias e dia quinze é a prova final de português... dia quinze é a prova final de português... não você não vai deixar não... eu vou ficar na escola e você vai estar no terceiro ano... vai não? eu sou bonito é isso que ela quis dizer... você entendeu aí?... ela usou de um eufemismo... não é tão feio quanto parece... deixa eu explicar aqui os quatro termos acessórios... adjunto adnominal adjunto adverbial aposto não é aposto e vocativo tá? só pra gente entender rapidamente aqui...

não isso é assunto pra prova bimestral... olha só o que eu falei aqui na aula passada acessório é uma coisa a mais né? por exemplo você compra um carro novo corsa classic vinte sete mil novecentos e noventa e nove não é? comprou... então você compra ele... hoje em dia os carros já estão vindos já de fábrica né? com acessórios que é o algo a mais né? aí tá lá ar condicionado trava e alarme... tá vindo assim... e eu falei aqui eu acho se não falei aqui vou falar agora que há um projeto de lei que tá lá no congresso nacional que é a colocação em todos os carros que saem sejam econômicos ou básicos com airbags... entendeu?... o preço vai o quê?... aumentar um pouquinho né? mas como todos sabem também houve aí uma da retenção no ipvt até março de dois mil e dez para carros... os carros que são vendidos que futuramente será todos os carros com airbags né? tem até os tetrafluor... tetrafluor é gás, gasolina, álcool e diesel né? sim tá chegando aí os elétricos... vai ter agora os postos de gasolina que são bateria que você vai lá mete assim na tomada carrega depois vai embora... carrega mas os carros tão saindo muito carinho ainda né?... ei me empresta aí teu carregador pra carregar meu carro... e aí o que é que acontece? isso tem gente até evitando comprar um carro deixei de comprar com

alarme... e aí você compra um sedam e diz vou fazer logo e coloca um fumê... um fumê é essencial ou é um acessório? ou seja é algo a mais... você pode andar sem o fumê? pode mas aí você quer chamar a atenção das gatinhas... sair com umas moçoilas... você colocará um rodão que também é chamada na nossa linguagem de carro de acessórios... tem uma loja chamada waldir acessórios... então para entender usando esse exemplo essa analogia para entender o português desse jeito... eu posso ter “o homem morreu” beleza a frase aqui ela está completa gramaticalmente completa sintaticamente completa... acabou... aí eu quero colocar aqui ela um acessório uma informação a mais porque você é tão orgulhoso que morreu... isso é coisa de fofoqueiro... olha só... você tá lá no velório... e você chega lá e tem nego conversando sobre o defunto a coisa mais feia do mundo em vez de falar coisas boas fica dizendo né? morreu de quê? tá lá chorando e depois pergunta quem é hein?... vocês já foram num velório de quem vocês nem conheciam? já não já? não sabe nem o nome do defunto... vendo lá o nome do morto escrito... os mais humildes porque hoje em dia é digital... fica assim óh o nome rodando fulano morreu fulano morreu... olha o são joão batista aqui perto, né?, que é uma referencia, ainda, em velórios, ele tem três ambientes, para: mais ou menos, pobres, para os classe média e os ricos... são três agora... o da saída é mais ou menos agora é para os ricos... mas tem um lá na entrada meu amigo, é ar condicionado, e daqueles do grande, sofasão, não é cadeira não é sofá... porta daquela com sensor de presença, você chega assim e a porta “tan”, e um letreiro digital dizendo até quando será o velório, quando será o enterro... onde é o cemitério e que horas vai ser, só faltou dizer o número do cpf e da identidade do morto... isso, para nós seria um acessório, uma informação a mais... se tivesse apenas o caixão lá e você podendo estar os últimos momentos com o corpo, né?... porque a alma já se foi, seria essencial... porém, você coloca o acessório: o letreiro digital, você paga mais para uma coisa que é acessório... no português, falar o homem morreu pra mim já bastou... porém, você vai dizer, como já perguntou o homem morreu de câncer... como minha mãe falava, ca né?... câncer eu chamo de acessório... que acessório é esse?... adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto ou vocativo?... adjunto adverbial porque ele tá modificando quem?... ele tá se referindo ao verbo morrer... morreu de quê?... ele tá complementando o sentido de quem?... do verbo e não do homem... é a morte do homem mas ele morreu de quê?... o complemento você tem desse verbo... então ele é chamado de adjunto adverbial de quê?... de causa... causa de quê?... causa da morte do homem... mas aí eu tenho essa palavrinha que vem aqui ó, o

artigo, não é um, não é dois, não é três... é o homem... está especificando... o homem morreu, você sabe, mas não foi um, dois... foi o homem... alguém bem específico... isso daqui eu também chamo de termo acessório e essa parte é chamada de adjunto adnominal, porque se refere não mais a um verbo, mas a um substantivo... continuando nessa frase aqui “ele morreu”, eu posso mudar aqui, beleza, eu quero dizer que foram dois... ele continua sendo adjunto adnominal?... porque se refere ainda a quem? ao homem, só que agora ele deixa de ser artigo e passa a ser ... numeral... olha, quatro classes gramaticais que fazem parte dos adjuntos adnominais... colocar aqui pra gente não esquecer, gatos e gatinhas, do segundo B, bem bonitos com o professor... o adjunto adnominal, ele pode ser uma dessas três, quatro classes, meu amigo: artigo, numeral, adjetivo e pronome... todos eles se referem ao substantivos, a nomes, não a verbos, tá? por isso que ele é chamado de adjunto adnominal, é algo que vem junto do nome.... adnominal... você tem o diretor adjunto que é aquele que é próximo do diretor geral, que atingente era chamado de vicediretor, certo?... a secretária adjunta... ela não é a secretária geral, mas está próxima... aqui é adjetivo, certo?... então nós temos aqui: artigo, numeral, adjetivo e pronome... só exemplos aqui pra gente não esquecer, né? artigo: o, a, um, uma, né?... nós temos aqui o numeral dói, três... e assim sucessivamente... o adjetivo bonito, bom, feio né?... e por último pronome: meu, minha... oi? quando? a mega sena vou ganhar o acumulado... 25 milhões... vai pra igreja?... é ao contrário...bem lembrado viu ... então, pessoal, aqui eu tenho ó, quando eu tiver uma dessas palavrinhas presentes na oração você vai chamar de quê... adjunto adnominal... vamos agora ao adjunto adverbial, nós temos várias circunstâncias, o nome já diz, olha, adjunto adverbial aquela pessoinha que vem junto de quem?... do verbo... ele que vem acompanhando quem? ...adjunto adverbial que vem acompanhando, vem de mãos dadas ali com quem?... com o verbo... ele está complementando, tá dando uma informação a mais de quem?... do verbo... o aluno feriu-se com o estilete... o estilete é complemento do verbo feriu-se... então é chamado de adjunto adverbial de instrumento... lembrem-se de que dessa característica... quando eu digo assim: fulano viajou para São Paulo... quem viaja viaja para?... então, para São Paulo é adjunto adverbial do verbo viajar... “vamos fugir, desse lugar, baby”... ele vai fugir de onde? desse lugar... e vai fugir pra onde?... ele não diz, nessa frase, nessa frase... porque depois ele diz, né?... pra um lugar que seja assim... pra um lugar... é igual a música o sol de Jota Quest... e se quiser saber pra onde eu vou, pra onde tenha sol é pra lá que eu vou... é

muito inteligente, ele não dá certeza... porque parece aquele fim de relacionamento... não discuto mais, você não me leva à nada. Hei dor, hei, medo... então, o que é que acontece?... isso significa o quê?... que você está à procura de um lugar... mas ele disse um lugar... quando ele disser, será é chamado de adjunto adverbial de lugar...

AULA 11, PROFESSOR C, ENSINO MÉDIO

peço silêncio... é só apertar aqui no botão do nokia que aparece tá, silencioso... olha que coisinha linda,... agora não vem com papel de parede, não vem com celular mas não vem com papel de parede, não... presta atenção nós temos três tipos de predicados, certo?... e aqui nós temos um quadro bem explicado, bem bonitinho pra gente entender melhor do que aquela explicação que eu fiz somente falando... o predicado verbal é quando expressa uma ação... o verbo aqui é prender... prender é uma ação, aqui ó... eu tenho... veja lá... carlos prendeu o assaltante, como, quem... carlos prendeu o assaltante... o que é que Carlos fez?... prendeu... isso aqui não é uma ação?... então eu chamo isso tudo aqui de predicado... cuidado, o predicado não é apenas o verbo não, viu... negativo... é o verbo e tudo que vier após o verbo... e você verá depois, nas próximas aulas, o nome de cada terminho deste aqui, tá?... de cada elemento que compõe essa oração: objeto direto, objeto indireto, complemento nominal... tudo isso vai ser assunto nesse ano pra vocês... então... prendeu... aqui eu tenho oh:: os alunos cobraram melhorias na escola... cobrar não é uma ação também, reclamar, né?... então, quando eu tenho na minha imaginação e eu visualizo uma ação praticada pelo sujeito e o verbo expressar essa ação... eu tenho o predicado verbal, tá bom? toda vez que eu expressar o estado de saúde de alguém ou estado espiritual de alguém eu deixo de ter o predicado verbal e passo a ter um predicado nominal... que é este aqui: quando a oração tem por núcleo o nome e quando tem um substantivo, adjetivo ou advérbio e vem acompanhado por um verbo de ligação... o diferencial, pra gente entender o predicado nominal, a presença de um verbo de ligação... a diferença entre o verbo de ação e o verbo de ligação... o verbo de ligação ele apenas liga, como o nome já diz, ele apenas liga o sujeito ao predicado, ao objeto, tá?... o verbo de ligação não expressa uma ação, continuar não é uma ação... aqui: antônio continua triste... eu posso substituir continuar por estava... se der certo a continuação, eu vou ter um predicado nominal... isso é uma dica que vai ajudar vocês na hora do exercício... toda vez que eu puder substituir o verbo de ligação por estava, eu terei sempre um predicado nominal certo?... então quando eu digo assim: professor eu estou com dor de cabeça, essa frase eu tenho o quê? predicado nominal... fulano caminhava lentamente... aí é diferente, fulano corria rapidamente... aí é diferente... diga... morrendo de fome... aí é chamada de hipérbole ou exagero, né?... é uma figura de linguagem, minha amiga... morrendo é demais... se você

morresse de fome já estaria morto só em falar, né?... porque o verbo morrer, como eu falei na outra aula... o verbo morrer é um verbo que expressa uma ação completa, é um verbo intransitivo... com fome... quando eu uso morrer é expressar ou dar a idéia, pra reforçar a idéia de fome... por exemplo, fulano eu não tou agüentando mais, eu tou ficando louco com você, né?... isso é o quê? isso é um exagero, é chamada na figura de linguagem do contexto de hipérbole... tem gente que é bem exagerado né? Tem gente que diz assim, vai lá vai lá que o cara tá morto no chão... o cara tá só caído... não morto... olha corre, corre que o professor tá reprovando todo mundo, tá só botando falta... quer dizer, é um recurso exagerado... você conhece né, porque onde você trabalha tem gente que é exagerado... fulana é melhor tu falar logo com o patrão que ele vai te demitir... já vai aumentando... fofoca é assim né, pessoal... quando você começa uma coisa aqui, quando chega ali aumentaram... souberam que o professor tava doente, o professor já morreu ali... era só doente, ali já tá morto... porque a gente gosta de sempre colocar uma pitadinha de sal a mais na comida dos outros, né?... aqui eu tenho ó, todos os “garotinhos?” aguentaram... aguentaram não é um estado espírito?... aguentar aqui expressa um estado, uma qualidade, uma situação física ou emocional da pessoa, tá bom?. ... o predicado verbo-nominal está aqui ó, mas antes vamos ver o verbo de ligação... são eles: ser, estar, parecer... sempre vai vim com o verbo de ligação... nunca pode vim assim, por exemplo: o homem cantava... cantar não é uma ação? se ele vier assim ó: o homem cantava horrorosamente... aí eu tenho o predicado verbo-nominal, porque aí eu vou ter a ação e o modo como ele cantava... ele cantava como? horrorosamente, certo?... então aí eu tenho predicado verbo-nominal, que é o que eu vou falar agora... quando eu tenho assim um verbo que expressa uma ação e dentro da mesma oração um nome que expressa um qualidade ou estado do sujeito... aqui eu tenho ó: o menino chegou... não é uma ação?... se eu parasse a frase aqui, eu chamaria o predicado de predicado verbal, porque aqui é uma ação... chegar, subentende-se uma locomoção até o outro lugar... locomoção uma locomoção... locomoção: você sair de um lugar para o outro... Agora veja só... o menino chegou, mas chegou como? machucado... eu tou dando o que? um estado de que? eu tou dando uma qualidade ou um estado físico-emocional de quem? do menino... então eu tenho aqui... o menino chegou, ele estava como?... machucado... então eu chamarei esse predicado de verbo-nominal, certo?... fácil, né?... você... o que é que eu tenho que me ater, entender na hora do exercícios que vai ter na próxima aula? você vai olhar pra oração e entender se aquilo

ali expressa uma ação, uma qualidade ou estado ou se expressa os dois ao mesmo tempo na oração... vai ter que ver isso, ficar atento tá?... porque quando eu digo assim: fulano corria lentamente, correr é uma ação, mas qual é o modo que ele corria?... de forma devagar... tocou? tocou?... oito e quarenta e um, pessoal, faltam só três minutos pra tocar... pessoal, tou achando não, pessoal... sonhem comigo... amanhã tem mais... tchau tchau gatinha um abraço em todas e todos...

AULA 12, PROFESSOR C, ENSINO MÉDIO

... que essa feira de ciências acontecer e outros nem tanto, mas aí consequentemente se você tirar 10 naquela primeira redação... que eu já entreguei aqui... e tirar dez novamente na feira de ciências... não haverá necessidade para muitos... de fazer a terceira nota... por quê?... porque a média aqui é seis... não esquentem a cabeça,... certo?... como você ontem me entregaram o nome dos grupos, até aqui, então não esquentem a cabeça com isso... entregue agora... bom, a minha prova final é dia quinze, ta?... a prova final vai ter eu vou dizer... eu vou colocar ali embaixo quem vai ficar... e vai ter os assuntos que vão cair... não vão ser todos os assuntos que nós temos... mas aí vão ter alguns, né?...

agora eu vou introduzir... dar explicação pra depois colocar a parte teórica... porque esse é o assunto da prova... o último assunto da prova pra quem vai fazer ... quem quiser fazer, faz que é pra aumentar essa média ficar com uma nota melhor... e sair com um histórico muito mais bonito pra outra escola... ele fala bem, né? bem... veja aí... eu vou explicar agora... eu tô explicando... eu tô perguntando, meu filho, deixe de ser idiota, abestalhado.... tu és de onde, hein? do alto? treze de maio é? ... não, tô viajando não, eu sou realista... vamos, lá... de quem é essa mão?... alguém conhece essa mão?... alguém conhece o dono dessas digitais?... então vamos lá, preste atenção!... galega é? É aquela gorda é?... eu não conheço, não,... eu não conheço, quando eu cheguei lá pra dar um aviso, ele fez um comentário tão chato sobre a menina, daí ele fez um comentário sobre aquela menina... piiiiiii ... vamos lá... falando contigo?... quem tava falando?... vamos lá, pessoal, deixa isso pra lá.... na massa,... vamos agora pra minha amiga Isabel Batista que namora o rapaz que tem um amor muito bonito... como é eu te amo, Isabel levei um fora agora, menos um pra mim, menos dois júnior, menos dois pra mim, fora da porra eu levei agora, é bom calar a boca... então, vejam só...quando eu falar pra vocês, acessório, você vai pra um festa, quando alguém lhe chama pra um casamento... acontece muito no interior...então, quando você vai ao... aí você pergunta assim à moça: vem com acessório? ó aí termo acessório... aí, termo acessório... qualquer acessório... qual é o acessório do casamento?... então é diferente... do assunto que nós estudamos aqui no início do ano... os termos essenciais da oração, que é sujeito e predicado, só que nós vimos depois que nem sempre o sujeito é um termo essencial... porque nós temos uma oração sem sujeito... sujeito inexistente, sujeito indeterminado, e aí não é

termo essencial... só que aqui é termo acessórios, ou seja, uma coisa que é pra complementar, complementar... é um complemento, é uma informação a mais, por exemplo, vamos citar aqui...

mas você faltou... quando eu subir aula naquela sala... então, preste atenção... você tá num comum, e aí você quer colocar um farol xênon como a gente chama, farol que é aquele grande, parece um holofote... aí, isso é essencial ou é acessório?... um farol de xênon no carro... é essencial no carro? não, é um acessório! peraí, você comprar um carro, quando você coloca ar condicionado e trava nele, trava hoje tá virando, em vez de opcional tá virando agora uma lei, por exemplo, tem um projeto de lei que trabalho, que traz a ideia é que todos os carros montados, todos, sem exceção, desde os mais econômicos aos mais chiques, com airbag para a segurança de todos... então o preço vai aumentar, vai elevar o preço dos carros, né?... então isso deixou ou vai passar de acessório do carro para uma coisa essencial, ou seja, uma coisa que deve ter sempre, o que se entende que um airbag deve não ser um acessório para quem tem mais poder aquisitivo para comprar, e sim alguma coisa essencial... então, quando você coloca um fumê no carro é essencial ou acessório? um carro pode andar sem fumê? pode! mas aí você coloca um rodão, os acessórios... tem uma loja na barão do triunfo que se chama waldir acessórios...ou seja, são coisas que complementam o carro... então, numa oração, o que seria essencial, seria o quê? o sujeito e o predicado, né? O homem morreu, o homem morreu, diz tudo né?... mas aí, lá no jardim veneza, tem aquela vizinha sua que pergunta assim: mas fulano morreu de que? ... então, este “de que”, essa informação que vem aqui, eu vou chamar ela de termo acessório... são quatro tipos, pessoal... eu vou colocar aqui... adjunto... começou a copiar agora, foi?... então vamo trabalhar aí... adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo... não, é aposto mesmo, “aposto” é do verbo apostar... aí aqui eu tenho o homem morreu, e se eu quiser, andré, dizer algo mais sobre a morte desse homem que essa semana pulou na linha do trem ali no bessa, onde você mora... aonde? ... pelo amor de deus! deixou de morar no roger? tu morava no roger, capataz... digo, tu fosse liberado da pena, foi?... pelo amor de Deus não tenha vergonha de dizer que mora no roger... naquela região do buraco da jia, não?... bem, eu gosto muito do buraco da jia... tem gente que mora ali perto da cptrans, perto do piolhinho... tu mora aonde? moro perto do piolhinho... piolhinho... piolin!... tem gente que fala piolhim, não é piolhim não, piolhim é negócio de cabelo, aquelas crianças que o caba rapa o cabelo, quantas mães eu já vi sentada na cadeira, bota a

criança assim, pega aquele pente assim e faz “gennnte” e depois faz assim na unha ó!... quantas mães já fizeram isso com os filhos?...

com certeza! ...eu falo porque conheço, eu falo com conhecimento de causa... quando eu digo... quatro sintomas de pobreza: se você tem um desses, cuidado! tá com de pobricite aguda... primeiro se você tá escovando os dentes, acabou o creme dental, espreme até o final ... quando não dá mais, corta o fundo... pelo amor de deus! compra contente... compra tang... segundo sintoma... o xampu tá acabando... não tem dinheiro pra comprar outro... liga o chuveiro e fica assim ó, chacoalha, balance, balance, balance e depois bota na cabeça ... você já fez isso, você tem pobreza!... terceiro sintoma de pobreza... o sabonete tá acabando... não vai dar pra ensaboar ... faz aquela bolinha, amassa e depois usa... é realmente não é pobreza é sustentabilidade... é reaproveitamento... por último... olha, tem informação nova... eu tinha quatro, ela já tem umas dez aí... a televisão não tá pegando... vai assolar... hoje, todo mundo tem parabólica, tv a cabo, net, jet, a maioria tem no comércio... não é verdade... tem outra? copo descartável, como é?, lava com sabão em pó... olha só, quem nunca fez isso, a caneta tá falhando... quem não tá com tênis, liga o fogão, bota a caneta lá pra ele voltar pegando, pega de volta... eu já fiz isso... violento... é verdade, é verdade, grande mestre claudionor, cuidado com os entulhos dentro de casa, glauce vai lhe ajudar, cuidado com os entulhos!... então... o homem morreu... olha!... vai mulher entulho!... ganha... olha... o homem morreu de câncer, essa é uma nova informação? ele, morreu, morreu, mas você perguntou... de quê... aí ó, morreu de câncer... então, um nova informação... mas eu posso terminar aqui, não posso? agora eu tenho assim, o homem morreu de câncer no trauma, outra informação a mais?... precisava? não precisava... aqui é mais um termo o que? acessório... o que? sim... exatamente... câncer na perna, câncer de mama... é também um termo acessório... eu não precisaria dizer nada disso e a frase teria sentido... é uma coisa mais complementar que essencial... por exemplo... o que tem na sua casa?... uma cama, uma televisão, ventilador... aí seu marido diz: oh, amorzinho, vamos botar um box no banheiro? deixou de ser uma coisa essencial e vai colocar um acessório, só dentro de casa... você tem aquelas cortinas que depois numa puxada ela rasga e o filho fica preso e quer que o filho passe, não é? eu digo é!... lá em casa tem ainda aquele você compra na loja, aquele pausinho que você gira, gira gira, e fica do tamanho da parede, bota na parede... chique é diferente né? gira, gira gira e bota... chique é bota ... chique é bom... não, o chique é de vidro... aí beleza, chuveiro, todo chuveiro é essencial, pra tomar

banho... porque quem acha que tomar banho não é essencial, fique na França... mas chuveiro elétrico aí é mais quinhentos, porque quando você bota pra girar o seu chuveiro elétrico o seu contador ... (risos)... olha a técnica... vou embora com essa... o que é isso? esquentar panela pra fazer ela de ferro... tá falando porque conhece... olha pessoal, vamos testar, né? quem não testou ainda, vamos testar... oh técnica viu!... usar a panela de pressão como ferro... então, tanto essas informações como essa que daiane trouxe eu chamo de termos acessórios, certo? porque é dar uma informação a mais...